

FOLCLORE EM MÚLTIPLAS DIMENSÕES:

Saberes e vivências do Rio Grande do Sul



Cristina Rolim Wolffenbüttel
(Organizadora)



EDITORA
SCHREIBEN

Cristina Rolim Wolffenbüttel
(Organizadora)

FOLCLORE EM MÚLTIPLAS DIMENSÕES:

Saberes e vivências do Rio Grande do Sul


EDITORA
SCHREIBEN

2026

© Da Organizadora – 2026
Editoração e capa: Schreiben
Imagem da capa: Cristina Rolim Wolffenbüttel
Revisão: os autores
Livro publicado em: 15/04/2026
Termo de publicação: TP0262026

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dr. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)
Dr. Daniel Marcelo Loponte (CONICET – Argentina)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR – Uruguai)
Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)
Dr. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (URI)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência e da apresentação das tabelas, quadros, mapas, fotografias e referências é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W853 Wolffenbüttel, Cristina Rolim.

Folclore em múltiplas dimensões : saberes e vivências do Rio Grande do Sul /
Cristina Rolim Wolffenbüttel. – Itapiranga, SC : Schreiben, 2026.

134 p. ; il. ; e-book. ; 16 x 23 cm.

Inclui referências bibliográficas

E-book no formato PDF

ISBN: 978-65-5440-663-5 [versão impressa]

EISBN: 978-65-5440-662-8 [versão digital]

DOI: 10.29327/5830946

1. Folclore – Rio Grande do Sul. 2. Cultura popular – Rio Grande do Sul.
3. Tradição. I. Título.

CDD 398.098165

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

“

Cada nome de localidade encerra uma recordação, quando não é uma lenda ou mito, que se vai transmitindo de idade em idade até perder-se nas obscuridades do tempo.”

ALENCAR, José de. O gaúcho. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998, p. 36.

APRESENTAÇÃO

É com grande alegria que apresento este livro, um compêndio que surge das ricas discussões e vivências de dois eventos marcantes: a Semana do Folclore de 2024 e a Semana do Folclore de 2025.

Fruto de uma intensa colaboração entre a Comissão Gaúcha de Folclore (CGF) e a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), por meio da sinergia dos Grupos de Pesquisa e Extensão “Arte: Criação, Interdisciplinaridade e Educação” (ArtCIEd), “Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços” (Grupem) e o Programa de Pós-Graduação em Educação da Uergs (PPGED/Uergs), este livro celebra a profundidade e a vitalidade do folclore gaúcho.

Ambas as edições da Semana do Folclore, realizadas anualmente no mês de agosto, serviram como plataformas essenciais para a valorização, promoção e preservação do folclore gaúcho. Em 2024, sob o tema instigante “Memória e Resiliência Cultural: O Papel do Folclore Gaúcho na Reconstrução Pós-Desastre Climático”, o evento dedicou-se a explorar a capacidade de o folclore ser um pilar de superação diante de adversidades, como o desastre climático que assolou o estado¹. A programação de 2024, que contou com palestras e debates transmitidos on-line, abordou desde a evolução das tradições folclóricas até o artesanato e a sustentabilidade, culminando na reflexão sobre os desafios e perspectivas futuras do folclore gaúcho na reconstrução da identidade.

Já a Semana do Folclore de 2025 expandiu essa visão, explorando o folclore em suas múltiplas dimensões: desmistificando seus conceitos, investigando sua inserção no ambiente escolar, aprofundando suas relações inter e transdisciplinares, e destacando manifestações específicas da cultura gaúcha, como as casas de lata e o papel da mulher no tradicionalismo, além da relevância das pesquisas no Brasil e no mundo. Os textos que compõem este livro são, portanto, a materialização dessas reflexões, debates e desdobramentos temáticos.

¹ Entre abril e maio de 2024, o Rio Grande do Sul enfrentou o maior desastre natural de sua história, caracterizado por chuvas intensas que resultaram em inundações, deslizamentos de terra e enxurradas. O evento afetou 478 municípios (quase todo o território estadual), com aproximadamente 2,4 milhões de pessoas impactadas, 184 mortes confirmadas e mais de 442 mil desalojados. O governo estadual decretou estado de calamidade pública em 1º de maio de 2024, classificando o evento como o pior desastre climático já registrado no estado. A reconstrução tornou-se uma prioridade nacional, com investimentos bilionários e apoio internacional para recuperação da infraestrutura, habitação e serviços essenciais. Este contexto de superação coletiva fundamentou o tema da Semana do Folclore de 2024, que explorou o papel da cultura tradicional como pilar de resiliência e reconstrução social.

Esta publicação é enriquecida pelas contribuições de um corpo diversificado de autores e pesquisadores, cujos trabalhos refletem paixão e conhecimento em seus respectivos campos: Aimara Bolsi, Andrea Simoni Rech, Cristina Rolim Wolffenbüttel, Elisabete Soares Peralta, Graziela da Rosa Silva Felicio, Isabel Cristina Reinhardt Zimmermann, Julie Daniele Machado Rodrigues, Luciana Maciel Viana, Mara Muniz do Amaral, Márcia Cristina Borges da Silva, Maria Lêda Lóss dos Santos, Nivaldo Rosa, Paulo Luís Lindner e Tânia Elisabete Trevisol.

O livro está estruturado em cinco partes, organizadas para guiar o leitor por uma jornada abrangente e aprofundada pelo universo do folclore gaúcho:

Parte 1: Fundamentos e a Essência do Folclore

A jornada por meio das páginas deste livro inicia-se na Parte 1: Fundamentos e a Essência do Folclore, em que o terreno é estabelecido para compreender o que é o folclore e sua intrínseca importância, contextualizando-o como um elemento vital para a cultura e a identidade.

O texto de Aimara Bolsi, “O folclore na escola: como isso acontece?”, serve como uma introdução ao conceito, remetendo a eras remotas e revelando como as práticas cotidianas, como crendices, superstições, lendas, contos, parlendas, danças e folguedos, persistem como um tesouro muito valioso à memória e identidade dos povos. Este texto enfatiza a espontaneidade e o poder de motivação do fato folclórico sobre a coletividade, e sua relevância para a perpetuação da cultura popular via pesquisa e iniciação científica, com foco na alfabetização científica. A autora ainda destaca como a legislação educacional brasileira, desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional até a Base Nacional Comum Curricular, embasa a liberdade de aprender e pesquisar, incentivando a pesquisa folclórica no contexto escolar.

Complementando essa base fundamental, Cristina Rolim Wolffenbüttel, em “A importância do folclore na reestruturação do Rio Grande do Sul pós-desastre climático de 2024”, sublinha a centralidade do folclore como elemento fundamental da cultura de um povo, refletindo sua história, tradições, valores e identidade. O texto posiciona o folclore gaúcho não apenas como um patrimônio vivo e dinâmico, mas como uma ferramenta vital de resiliência e união comunitária em tempos de adversidade. Diante dos impactos devastadores na cultura e nas tradições gaúchas do desastre de 2024, demonstra-se como o folclore pode ser um pilar fundamental para a superação dos desafios impostos pelo desastre climático e para a reafirmação da força e da singularidade da cultura sul-rio-grandense, promovendo a solidariedade, a coesão social e a resistência cultural através de suas manifestações.

Parte 2: O Folclore no Contexto Educacional e Pedagógico

Aprofundando-se na aplicação prática e pedagógica, a Parte 2: O Folclore no Contexto Educacional e Pedagógico foca na importância do folclore dentro do sistema educacional, abordando tanto a pesquisa quanto as práticas de ensino.

Andrea Simoni Rech e Cristina Rolim Wolffenbüttel, em “Folclore e transdisciplinaridade: uma pesquisa sobre as práticas e concepções docentes nos anos iniciais”, investigam o vasto potencial educativo para a formação social, histórica e crítica dos alunos, que, no entanto, é frequentemente subaproveitado devido à carência de conhecimento dos professores e à desconexão com a cultura experiencial dos estudantes. Este estudo, baseado em uma pesquisa qualitativa na Escola Guará em Xangri-Lá/RS, explora a integração transdisciplinar do folclore nos planejamentos pedagógicos, compreendendo o folclore como expressão viva da cultura, sustentado pela memória coletiva e individual dos sujeitos envolvidos no processo educativo e a transdisciplinaridade como um caminho que integra essas dimensões, promovendo uma abordagem mais sensível, contextualizada e significativa da aprendizagem.

Em continuidade, Isabel Cristina Reinhardt Zimmermann, em “A inserção do folclore nos anos iniciais do ensino fundamental: percepções, memórias e práticas docentes em uma escola pública de Sapiranga/RS”, reforça o papel fundamental da escola em valorizar as manifestações culturais e promover o diálogo entre o saber popular e o saber científico. O artigo, que resulta de uma pesquisa-ação em Sapiranga/RS, evidencia como a paixão pessoal pelo folclore, enraizada nas lembranças de infância da própria pesquisadora, pode impulsionar práticas pedagógicas significativas, contribuindo para a formação crítica, criativa e social do aluno e a valorização das origens culturais. A autora destaca a necessidade de superar a abordagem pontual e comemorativa do folclore na escola, promovendo sua inserção como um conteúdo transversal que fortalece o vínculo entre escola e comunidade.

Parte 3: Manifestações Específicas e Identidade Cultural Gaúcha

A Parte 3: Manifestações Específicas e Identidade Cultural Gaúcha mergulha em expressões singulares do folclore no Rio Grande do Sul, oferecendo um panorama da rica identidade gaúcha.

Paulo Luís Lindner, em “Folclore familiar”, desvenda o universo dos contos familiares, como os do “Vô Alcino”, como um tesouro cultural a ser registrado e preservado. Ele demonstra como narrativas orais, repletas de acontecimentos extraordinários e peculiares, são veículos de memória, valores e coesão social, e como a história individual é intrinsecamente parte da história

coletiva. O artigo explora a importância da oralidade na transmissão de conhecimentos, as complexas interações com populações indígenas e a presença de crenças populares e do sobrenatural, que moldavam a cosmovisão familiar, mostrando o papel formador e integrador desses contos.

Em seguida, Márcia Cristina Borges da Silva, em “Mulher, folclore e tradicionalismo”, resgata o papel, muitas vezes invisibilizado, da mulher na sociedade gaúcha e no tradicionalismo. A autora destaca a formação étnica e cultural da mulher gaúcha como uma das maiores riquezas do povo, forjada por mulheres indígenas, escravas africanas e imigrantes diversas. O texto ilustra a presença feminina nos hábitos e costumes do dia a dia, na transmissão de valores e na formação do folclore, desde credences de gravidez até a superação das limitações impostas pela tradição, culminando na criação das primeiras Invernadas de Prendas no tradicionalismo e na ocupação de cargos de liderança, evidenciando uma evolução muito grande a cada dia.

Nivaldo Rosa, com “As casas de lata: memória, identidade e folclore na fronteira gaúcha”, apresenta uma análise das casas de lata de Santana do Livramento/RS, que constituem uma estética própria, revelando a intrínseca presença e a dinamicidade do folclore na cotidianidade. Estas construções, feitas com chapas metálicas descartadas do Frigorífico Armour, são compreendidas como testemunhos materiais da capacidade humana de transformar resíduos em recursos, adversidades em soluções estéticas e funcionais, e a marginalidade em identidade e pertencimento. O autor destaca a poética do cotidiano dessas casas, que, além de sua funcionalidade e valor folclórico, carregam uma rica dimensão afetiva, narrando a saga de uma comunidade operária resiliente.

Finalmente, Luciana Maciel Viana, Mara Muniz do Amaral, Maria Lêda Lóss dos Santos e Tânia Elisabete Trevisol, em “Mãos que tecem/mãos que criam: o artesanato gaúcho em lã de ovelha como patrimônio cultural”, exploram a tradição do uso das fibras naturais, especialmente a lã de ovelha, como um guardião das memórias e das tradições, dos usos e dos costumes do povo gaúcho. O texto não apenas detalha a ancestralidade e o processo do trabalho com a lã, desde a tosquia até a feltragem, mas também ressalta seu potencial como gerador de autonomia social, financeira e emocional e resgate da autoestima, sobretudo das mulheres. A iniciativa do grupo “Mãos que tecem/mãos que criam” demonstra como o folclore aninha práticas, usos e costumes coletivos impregnados nas vivências, e como o resgate desses saberes pode ser um processo de ressignificação cultural e social, unindo passado e presente.

Parte 4: A Semana do Folclore e Reflexões Ampliadas

A Parte 4: A Semana do Folclore e Reflexões Ampliadas oferece uma visão interna e reflexiva sobre os eventos que deram origem a este livro, demonstrando o engajamento contemporâneo com o folclore e a interação entre a academia e a comunidade.

Graziela da Rosa Silva Felício, em “Nos bastidores da Semana do Folclore 2025: vivências, aprendizagens e afetos”, compartilha uma perspectiva íntima da organização do evento, descrevendo a experiência de pertencimento, aprendizado e emoção e a sincronia técnica, silenciosa, por trás das transmissões on-line. Ela narra o planejamento minucioso, os desafios técnicos e a sintonia da equipe, em que cada desafio se transformava em aprendizado e superação. O texto evidencia como o evento permanece vivo em cada educador que leva o tema para sua sala de aula, e como as poesias de abertura da professora Cristina Rolim Wolffenbüttel transformam o início de cada transmissão em um momento de escuta e sensibilidade, conectando emoção e conhecimento.

Elisabete Soares Peralta, com “Tecendo identidade, memória e pertencimento”, reflete sobre a Semana do Folclore como um espelho que reflete quem somos, de onde viemos e o que nos torna povo, ressignificando o folclore como uma ponte viva entre o passado e o presente, entre o saber popular e o conhecimento científico. A autora destaca o potencial educativo de inserir brincadeiras e cantigas tradicionais na escola, eternizando modos de existir e fortalecendo os vínculos culturais e a identidade dos alunos. Ela percebeu que trabalhar o folclore na escola é educar com raízes, é oferecer ao estudante a oportunidade de reconhecer-se na cultura que o envolve, de valorizar as memórias coletivas que o constituem.

Por fim, Julie Daniele Machado Rodrigues, em “Folclore, educação e memória: reflexões sobre a semana do folclore 2025”, consolida a importância do evento, afirmando que a inserção do folclore no contexto escolar é uma forma de mantê-lo vivo, realçando seu caráter dinâmico e vivencial e a necessidade de investir em experiências que entrelaçam tradição e inovação. A autora reitera a universalidade e atualidade das manifestações folclóricas, que se materializam na interdisciplinaridade das discussões e na valorização das pesquisas, preservando não apenas memórias, mas também fortalecendo a cidadania e a formação integral das novas gerações.

Parte 5: Homenagens e Encerramento

O livro culmina na Parte 5: Homenagens e Encerramento, que oferece um fechamento poético e reconhece figuras e conceitos centrais para o folclore,

encerrando a obra com uma nota de reconhecimento e apreciação. Esta seção é inteiramente dedicada às contribuições de Cristina Rolim Wolffenbüttel, que, por meio da poesia, celebra e eterniza a essência do folclore e o trabalho daqueles que o dedicam.

“Ode à Rose Marie Reis Garcia” presta um tributo a uma mestra que, com saber e dedicação, trilhou os caminhos da cultura brasileira, revelando a beleza e o valor das tradições que brotam da alma do nosso povo e formando mentes com mestria e afeto. A ode celebra o legado de uma vida dedicada à pesquisa, registro e ensino do folclore, inspirando gerações.

O “Soneto à Comissão Gaúcha de Folclore” celebra a longevidade e o incansável trabalho da CGF, que, com setenta e seis anos de história brilhante, preserva a cultura que o tempo teceu, defendendo as manifestações culturais e tradições ancestrais do Rio Grande do Sul, e promovendo beneficência às pessoas e comunidades por meio de pesquisas e documentação.

O “Soneto da Força Viva do Folclore” resume a vitalidade do tema, declarando o folclore como uma força viva, essência que atravessa as almas, uma ponte pulsante entre o saber que inspira e uma chama em nós perpetuada. Este soneto poético ressalta o papel do folclore na educação, revelando as faces múltiplas do mundo e a condição humana, sendo na aprendizagem, luz revelada.

Finalmente, “Cantos de Raiz: A Força da Música Folclórica” eleva a música folclórica como a raiz da identidade, expressão genuína da cultura de um povo, um patrimônio inestimável que preserva raízes, que inspira e dá glória. O poema destaca a melodia atemporal que une e brilha, as tradições resistentes e as canções que celebram a vida, a luta e a esperança, atuando como ponte que o passado alcança e manifestação de resistência, coesão e pertencimento.

Portanto, esta obra não é apenas uma coletânea de textos; é um convite à reflexão profunda sobre o folclore gaúcho em suas múltiplas facetas – acadêmica, pedagógica, social e afetiva. Por meio das vozes de seus autores, o livro tece um painel abrangente e vívido de conhecimentos, memórias e práticas, que não só resgatam e valorizam a herança cultural do Rio Grande do Sul, mas também a posicionam como um elemento dinâmico e essencial para a construção de identidades resilientes e um futuro enraizado na sabedoria popular. Este livro é, portanto, um testemunho da força contínua do folclore como um elo entre o passado, o presente e as gerações vindouras.

Cristina Rolim Wolffenbüttel

SUMÁRIO

PARTE 1

FUNDAMENTOS E A ESSÊNCIA DO FOLCLORE

O FOLCLORE NA ESCOLA: COMO ISSO ACONTECE?.....14

Aimara Bolsi

A IMPORTÂNCIA DO FOLCLORE NA REESTRUTURAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL PÓS-DESASTRE CLIMÁTICO DE 2024.....20

Cristina Rolim Wolfenbüttel

PARTE 2

O FOLCLORE NO CONTEXTO EDUCACIONAL E PEDAGÓGICO

FOLCLORE E TRANSDISCIPLINARIDADE:
UMA PESQUISA SOBRE AS PRÁTICAS
E CONCEPÇÕES DOCENTES NOS ANOS INICIAIS.....36

Andrea Simoni Rech

Cristina Rolim Wolfenbüttel

A INSERÇÃO DO FOLCLORE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: PERCEPÇÕES, MEMÓRIAS E PRÁTICAS
DOCENTES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE SAPIRANGA/RS.....48

Isabel Cristina Reinhardt Zimmermann

PARTE 3

MANIFESTAÇÕES ESPECÍFICAS E IDENTIDADE CULTURAL GAÚCHA

FOLCLORE FAMILIAR.....56

Paulo Luis Lindner

MULHER, FOLCLORE E TRADICIONALISMO.....70

Márcia Cristina Borges da Silva

AS CASAS DE LATA: MEMÓRIA, IDENTIDADE
E FOLCLORE NA FRONTEIRA GAÚCHA.....76

Nivaldo Rosa

MÃOS QUE TECEM/MÃOS QUE CRIAM: O ARTESANATO GAÚCHO
EM LÃ DE OVELHA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL.....81

Luciana Maciel Viana

Mara Muniz do Amaral

Maria Lêda Lôss dos Santos

Tânia Elisabete Trevisol

PARTE 4

A SEMANA DO FOLCLORE E REFLEXÕES AMPLIADAS

NOS BASTIDORES DA SEMANA DO FOLCLORE 2025:
VIVÊNCIAS, APRENDIZAGENS E AFETOS.....94

Graziela da Rosa Silva Felício

TECENDO IDENTIDADE, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO.....111

Elisabete Soares Peralta

FOLCLORE, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA:
REFLEXÕES SOBRE A SEMANA DO FOLCLORE 2025.....114

Julie Daniele Machado Rodrigues

PARTE 5

HOMENAGENS E ENCERRAMENTO

ODE À ROSE MARIE REIS GARCIA.....118

Cristina Rolim Wolffenbüttel

SONETO À COMISSÃO GAÚCHA DE FOLCLORE.....120

Cristina Rolim Wolffenbüttel

SONETO DA FORÇA VIVA DO FOLCLORE.....121

Cristina Rolim Wolffenbüttel

CANTOS DE RAIZ: A FORÇA DA MÚSICA FOLCLÓRICA.....122

Cristina Rolim Wolffenbüttel

SOBRE OS AUTORES.....123

ÍNDICE REMISSIVO.....131

PARTE 1

FUNDAMENTOS E A
ESSÊNCIA DO FOLCLORE

O FOLCLORE NA ESCOLA: COMO ISSO ACONTECE?

Aimara Bolsi

Introdução

O pensar sobre o folclore remete a eras remotas. Será que é isso mesmo? Diante da atual sociedade, com suas curiosidades e tecnologias, sobrevivem práticas cotidianas passadas de geração em geração, como um tesouro muito valioso à memória e identidade dos povos. Um gato preto passar na frente da pessoa significa, para certas comunidades, sinal de azar. Crendices, superstições, lendas, contos, parlendas, danças, folguedos e tantos outros são elementos e fatos folclóricos presentes no cotidiano e que chegaram a esse tempo na sua forma mais pura de expressar a cultura popular e dignos de investigação (pesquisa) para sua perpetuação.

O fato folclórico caracteriza-se pela sua espontaneidade e pelo seu poder de motivação sobre os componentes da respectiva coletividade. A espontaneidade indica que o fato folclórico é um modo de sentir, pensar e agir, que os membros da coletividade exprimem, ou identificam como seu, sem que a isto sejam levados por influência direta de instituições estabelecidas (Lima, 1985, p. 23).

Dessa maneira, o presente artigo objetiva relatar experiências de estudantes do Ensino Fundamental com a pesquisa folclórica, a partir do entendimento sobre a importância da Iniciação Científica nas escolas com foco na alfabetização científica, evidenciando suas práticas e significados para a memória coletiva. Como objetivos específicos abordará a pesquisa na Iniciação Científica através da alfabetização científica no contexto escolar, a associação dessas, com os marcos legais e pedagógicos norteadores das instituições de ensino que compreendem os níveis dos da Educação Infantil e Ensino Fundamental, bem como exemplificar com experiências de sucesso coletadas na EMEF Prefeito Edgar Fontoura, em Canoas/RS.

O que é pesquisa na iniciação científica?

Ao pensar a pesquisa a partir do observado e lido vem à tona um dos sentimentos mais originais no ser humano: a curiosidade. A curiosidade desperta a capacidade de buscar respostas aos seus questionamentos, o leva para o terreno da pesquisa, da investigação e, ao efetivar essa prática no seu cotidiano, tornar-se um aprendiz, um estudante que ingressa na conhecida alfabetização científica.

Conforme Chassot (2016) a alfabetização científica consegue desenvolver habilidades que levam a pessoa a compreender e interagir com o mundo científico e tecnológico, proporcionando um entendimento maior das situações éticas, de maneira crítica, com viés cidadão e afirmando a inclusão social nos processos que levam a transformação do pesquisador e arredores. Isso ocorre, pois, a alfabetização científica, se pensado a partir de Paulo Freire, pode ser concebida como formação dos sujeitos para a compreensão dos conhecimentos e conceitos de ciências, nesse caso da ciência do folclore.

O local na sociedade, sem desprezar os demais, que orienta e incentiva essas práticas de busca do conhecimento, em crianças, jovens e adolescentes sem dúvida é a escola. O ambiente educacional, com direcionamento específico para as produções acadêmicas, pode ser o primeiro a incentivar a pesquisa folclórica – item a seguir – dentro das propostas alfabetizadoras e considerando a cientificidade dessas propostas.

Inserir o folclore nas práticas com os alunos vai além das lendas e datas comemorativas, requer uma compreensão mais profunda do que o folclore representa, percebendo as manifestações culturais folclóricas como experiências dinâmicas, não como algo exótico, distante ou meramente objeto de consumo e recreação (Zimmermann, 2024, p. 66).

A escola precisa entender os elementos e manifestações folclóricas como parte inerente da vivência de seus sujeitos, pois conforme a professora Paula Simon Ribeiro, o sujeito é o portador do folclore.

É nessa ideia que a pesquisa na iniciação científica sobre o folclore torna-se mais interessante, pois parte das vivências dos próprios sujeitos. Entender o que a pesquisa proporciona na perpetuação das manifestações locais e regionais é compreender sua importância para o fortalecimento das culturas populares locais.

A pesquisa nada mais é que:

[] é um processo de construção do conhecimento que tem como metas principais gerar novo conhecimento e/ou corroborar ou refutar algum conhecimento pré-existente. É basicamente um processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza quanto da sociedade na qual está se desenvolve (Clark; Castro, 2003, p. 67).

Construção do conhecimento é inerente ao ambiente escolar e esse pode ou não concordar com outros conhecimentos já existentes. Por isso, ao longo dos anos, a sala de aula tem cada vez mais se voltado ao ato de pesquisar, buscar explicações para o desconhecido do estudante – e algumas vezes do próprio professor – proporcionando momento de planejamento, execução e divulgação do encontrado – passos da pesquisa – cada vez mais presentes nas metodologias através de programas intitulados de Iniciação Científica.

Assim, entendendo que a alfabetização científica está presente na geração dos conhecimentos, o ato de pesquisar operacionaliza esses quando incentivados pela Iniciação Científica e abre inúmeras possibilidades de descobertas dentro do campo folclórico.

Breve legislação que embasa as práticas

Entendendo isso, a legislação educacional brasileira vem afirmar as práticas de pesquisa, começando pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n.º 9394/96 (LDB 9394/1996), quando expressa no artigo 3º, inciso II:

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
[] II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas (Brasil, 1996, p. 1).

O artigo 4º, inciso V, da LDB 9394/1996, prevê o acesso à pesquisa, junto com o ensino elevado e a criação artística, conforme a capacidade de cada um, bem como artigo 26, parágrafo sétimo, que prevê a oferta de projetos de pesquisas que envolvam os temas transversais (agora Temas Contemporâneos Transversais) nos níveis da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (Brasil, 1996).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz no item das “Competências Gerais da Educação” a primeira competência prevendo a valorização e utilização dos conhecimentos históricos construídos sobre os mundos, incluindo o mundo cultural, para explicar a realidade e continuar colaborando no processo de construção dos conhecimentos.

Cientes desses documentos, a Secretaria de Município de Campo Bom, no Rio Grande do Sul, organizou seu documento orientador, intitulado “Documento Orientador Educacional Municipal”, de 2024, prevendo nas diversas seriações e componentes curriculares, objetos do conhecimento e habilidades voltadas para a prática e pesquisa do folclore na escola, evidenciando ao repertório cultural necessário ao crescimento do estudante.

Portanto, o repertório cultural que o aluno precisa, deve ser oportunizado em sala de aula por um motivo muito simples: ele influencia diretamente na formação do caráter, dos valores e direciona os anseios do indivíduo enquanto cidadão. No entanto, tal repertório não deve se limitar a sala de aula, pois ele – o repertório – assim como o aluno, é do mundo e para o mundo (Prefeitura de Campo Bom, 2024, p. 26).

A exemplo, tem-se a orientação à disciplina de Educação Física (Componente das Linguagens) as Brincadeiras e Jogos como Unidade Temática, Brincadeiras e Jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário regional como Objeto do Conhecimento e várias habilidades que orientam a execução deles no cotidiano escolar. Sendo previstos em documento oficial podem ser trabalhados através da pesquisa, o que enriquece a elaboração do conhecimento sobre o assunto.

Além desse, existem várias outras iniciativas que trabalham o folclore na escola, através ou não da pesquisa como Iniciação Científica. São elas:

Pesquisa “Brinquedos e Brincadeiras Tradicionais (turma 3ªA – EMEF Prefeito Edgar Fontoura/2019)

A escola em questão possui uma feira de Iniciação Científica hoje intitulada EXPOEF. Na oportunidade os estudantes podem apresentar pesquisas orientadas pelos professores, obedecendo os procedimentos investigativos, e a turma escolheu os brinquedos e brincadeiras tradicionais do Rio Grande do Sul. Como objetivo queriam entender como aconteciam as brincadeiras e a construção dos brinquedos antigamente. Para tal, realizaram questionários escritos aos familiares, entrevistas com estudantes, professores e funcionários da escola; tabularam as respostas descobrindo os principais brinquedos; confeccionaram com material reciclável; e apresentaram para os visitantes da feira.

Pesquisa “Os instrumentos Musicais e Grafismo dos Povos Indígenas brasileiros” (turma 2ªB – EMEF Prefeito Edgar Fontoura/2023)

Com o objetivo de confeccionar instrumentos musicais, em materiais recicláveis, bem como conhecer o Grafismo e o modo de vida dos Povos Indígenas brasileiros, as aulas de Arte foram recheadas de questionamentos sobre esses elementos ao ponto de os estudantes optarem em confeccionar os Maracás, Pau-de-chuvas e Tambores. Assistiram vídeos sobre os povos originários e seu modo de vida, que abarcava os instrumentos citados. O resultado do trabalho, realizado em conjunto com os demais componentes curriculares, foi apresentado na Feira Científico-Tecnológica da EMEF Prefeito Edgar Fontoura (EXPOEF) e na edição de 2023 da Feira Municipal Científica e Tecnológica de Canoas/RS (FEMUCITEC).

A oportunidade de integrar elementos folclóricos no desenvolvimento dos diferentes componentes curriculares constitui tema de estudo a algum tempo.

A utilização do folclore nas escolas será sempre na base do aproveitamento das suas diferentes disciplinas, propiciando ao professor meios e modos para um ensino diversificado, pois, além de ser fator de fortalecimento da unidade regional e conscientização dos valores populares, o folclore atinge todas as áreas da atividade humana (Marques; Campos, 2000, p. 25).

Oficina de dança e música

A partir da vontade de conhecer a música (letra e melodia) e dança folclórica que caracterizam o povo formador do RS, os estudantes podem ouvir a música de uma das danças, como Pezinho; desenhar o que a música representa e praticar a dança, e tudo documentado com filmagens para as redes sociais da escola.

Além das pesquisas, sequências didáticas partindo de elementos e manifestações folclóricas esboçados pelos estudantes acontecem nas salas de aula e conseguem associar técnicas atuais, como a fabricação de “Squishy” (almofadas de papel, algodão e fita adesiva) com personagens das lendas brasileiras. Esse exemplo ocorreu com a turma do 2º ano A, também da EMEF Prefeito Edgar Fontoura (2024), quando encontraram livros infantis de lendas e, seguindo a moda de fabricação dos “Squishy” resolveram fazer os personagens como Iara, Boto Cor-de-rosa e Boitatá. Além de entenderem a mensagem das lendas, experienciaram a produção manual do desenho, pintura, recorte e montagem.

Considerações Finais

A trajetória acadêmica dos estudantes do Ensino Fundamental perpassa por inúmeros desafios, porém também é abrilhantada pelas descobertas que essa etapa proporciona. Nela a pesquisa, dentro da ideia da Iniciação Científica, favorece essas descobertas e abre um mundo de encantamento e conhecimentos.

O folclore está presente nesta caminhada através dos usos, costumes e valores familiares que o estudante compartilha na escola e o breve texto procurou trabalhar como isso acontece e pode ser analisado com base em conhecimentos prévios. Dessa maneira, observou-se que a escola precisa, e tem como, superar as meras práticas recreativas, valorizar o folclore das famílias, registrar nos documentos oficiais como PPP (Projeto Político Pedagógico) e nos Referenciais Curriculares do Estado e Municípios a previsão do trabalho com elementos e manifestações folclóricas, bem como nos documentos pessoais do professor. Ainda, incentivar a pesquisa na Iniciação Científica e apresentar os resultados para a comunidade.

Referências

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 7 jan. 2026.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 7 jan. 2026.
- CHASSOT, A. **Alfabetização científica**: questões e desafios para a educação. 7. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.
- CLARK, O. A. C.; CASTRO, A. A. A pesquisa. **Pesquisa Odontológica Brasileira**, v. 17, p. 67-69, maio 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pob/a/Y7Zwy8rNNVf6TS6Sv78v6SN/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 7 jan. 2026.
- GOULART, M. **Preparação física para as danças de projeção folclórica**. Entrevista concedida a Anita Ladwig de Souza; Gabriella Guedes Fagundes; Manoela Gomes. Canoas, 6 maio 2025.
- LIMA, R. T. de. **Abecê de folclore**. 6. ed. São Paulo: Ricordi, 1985.
- MARQUES, L. A. B.; CAMPOS, S. T. S. Folclore na educação. *In*: GARCIA, R. M. R. (org.). **Para compreender e aplicar folclore na escola**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore; Comissão de Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2000. p. 22-27.
- PREFEITURA DE CAMPO BOM (RS). **Documento orientador curricular municipal**. 2024. Disponível em: <https://www.campobom.rs.gov.br/wp-content/uploads/2024/11/Documento-Orientador%20Municipal-%20Campo-Bom-291024.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2026.
- SECCHI, N. M. B. **Folclore na escola**: aplicação pedagógica. Brinquedos e brincadeiras. 2. ed. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha, 2024.
- WOLFFENBÜTTEL, C. R. **Folclore e música folclórica**: o que os alunos vivenciam e pensam. Curitiba: Appris, 2019.
- ZIMERMANN, I. C. R. **A inserção do folclore na escola**: um estudo de caso em uma escola municipal de ensino fundamental em Sapiranga/RS. 2024. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Osório, 2024.

A IMPORTÂNCIA DO FOLCLORE NA REESTRUTURAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL PÓS-DESASTRE CLIMÁTICO DE 2024

Cristina Rolim Wolfenbüttel

Introdução

O folclore é um elemento fundamental da cultura de um povo, refletindo sua história, tradições, valores e identidade. No Rio Grande do Sul, o folclore gaúcho se destaca pela sua riqueza e diversidade, constituindo um patrimônio vivo e dinâmico que permeia as mais variadas expressões culturais, desde a música e a dança até a literatura oral e o artesanato.

Compreender a importância do folclore como base cultural é essencial para a valorização e preservação desse legado, especialmente em momentos de crise e transformação social. Nesse sentido, este texto se propõe a explorar as múltiplas dimensões do folclore gaúcho, abordando sua definição e abrangência, sua relação com a história e os valores da comunidade, bem como sua relevância para a afirmação da identidade sul-rio-grandense.

Além disso, serão discutidas as contribuições das pesquisas folclóricas para o entendimento da cultura e da sociedade, destacando os estudos realizados sobre o folclore gaúcho e sua diversidade. O papel do ensino na transmissão e perpetuação desse conhecimento tradicional também será abordado, enfatizando a importância da inclusão do folclore nos currículos escolares e das iniciativas educacionais voltadas para a valorização da cultura popular.

Diante do desastre climático ocorrido em 2024 no Rio Grande do Sul e seus impactos devastadores na cultura e nas tradições gaúchas, este texto se debruçará sobre o folclore como elemento de resiliência e união da comunidade, explorando as possibilidades de sua utilização na reconstrução e no fortalecimento da identidade regional.

Por meio dessa análise diversificada, busca-se evidenciar a centralidade do folclore na constituição da base cultural do Rio Grande do Sul, ressaltando a necessidade de sua valorização, preservação e difusão, especialmente em tempos de adversidade. O folclore gaúcho, com sua capacidade de resistência e

adaptação, emerge como um pilar fundamental para a superação dos desafios impostos pelo desastre climático e para a reafirmação da força e da singularidade da cultura sul-rio-grandense.

O folclore como base cultural

O folclore é um conjunto de manifestações culturais, tradições, costumes, lendas, crenças, músicas, danças e artesanato que são transmitidos oralmente de geração em geração dentro de uma comunidade. Ele representa a identidade cultural de um povo, refletindo sua história, valores e modo de vida. Segundo Cascudo (2012, p. 27), “o folclore é a cultura do popular, tornada normativa pela tradição”.

A abrangência do folclore é ampla e diversa, englobando diferentes aspectos da vida cotidiana e da expressão artística de uma sociedade. Ele pode ser encontrado em festas populares, rituais religiosos, contos e lendas, provérbios, cantigas, brincadeiras infantis, entre outros. Cada região possui seu próprio folclore, com características específicas que refletem a história e a realidade local.

O estudo do folclore é fundamental para a compreensão da cultura e da identidade de um povo. Por meio dele, é possível conhecer as raízes históricas, os valores e as crenças que moldaram uma sociedade ao longo do tempo. Além disso, o folclore é uma forma de preservação da memória coletiva e da diversidade cultural, contribuindo para o fortalecimento dos laços sociais e do sentimento de pertencimento a uma comunidade.

O folclore não se limita apenas às manifestações artísticas ou culturais isoladas, mas abrange todo um conjunto de saberes, fazeres e expressões que são compartilhados e valorizados por um grupo social. Ele é um patrimônio vivo e dinâmico, que se transforma e se adapta ao longo do tempo, mas sempre mantendo sua essência e sua importância como elemento fundamental da identidade cultural de um povo.

O folclore está intimamente ligado à história, às tradições e aos valores de uma comunidade. Ele é uma expressão da cultura popular que reflete a trajetória e a identidade de um povo ao longo do tempo. Por meio das manifestações folclóricas, é possível compreender os acontecimentos históricos, os costumes, as crenças e os princípios que norteiam a vida em sociedade.

As tradições folclóricas são transmitidas de geração em geração, perpetuando a memória coletiva e os saberes ancestrais. Elas são uma forma de preservação da história oral, que muitas vezes não está registrada em documentos oficiais. Segundo Brandão (2003, p. 45), “o folclore é a cultura viva, dinâmica, que se transforma e se atualiza constantemente, mas sempre mantendo uma

ligação com o passado e com as raízes culturais de um povo”.

Além disso, o folclore é um reflexo dos valores e das normas sociais de uma comunidade. Ensinamentos morais, éticos e comportamentais que orientam a conduta dos indivíduos são transmitidos por meio das lendas, dos contos populares e dos provérbios. Esses valores são fundamentais para a coesão social e para a manutenção da harmonia dentro do grupo.

As festas populares e os rituais folclóricos também desempenham um papel importante na afirmação da identidade cultural e no fortalecimento dos laços comunitários. Eles são momentos de celebração e de compartilhamento de experiências, que reforçam o sentimento de pertencimento e a solidariedade entre os membros da comunidade.

O folclore não é apenas uma manifestação artística ou cultural isolada, mas está profundamente enraizado na história, nas tradições e nos valores de uma sociedade. Ele é um elemento fundamental para a compreensão da formação e da evolução de uma comunidade ao longo do tempo, bem como para a preservação da sua identidade e da sua memória coletiva.

O folclore gaúcho é um conjunto de manifestações culturais, tradições e costumes típicos do estado do Rio Grande do Sul. Ele é um elemento fundamental para a construção e a afirmação da identidade gaúcha, refletindo a história, os valores e o modo de vida dos habitantes dessa região.

Uma das principais expressões do folclore sul-rio-grandense é a figura do gaúcho, um personagem histórico que representa o homem do campo, corajoso, habilidoso e com um forte senso de honra. Segundo Lessa (1954, p. 72), “o gaúcho é um tipo social definido, com características próprias, que se formou historicamente na região do Rio Grande do Sul”.

As tradições folclóricas gaúchas estão presentes em diversas manifestações culturais, como a música, a dança, a culinária e o artesanato. A música tradicionalista gaúcha, por exemplo, é caracterizada pelo uso da gaita, do violão e do bombo leguero, e pelas letras que falam sobre a vida no campo, o amor pela terra e a valorização da liberdade.

Além disso, o folclore gaúcho está intimamente ligado às festividades e aos ritos que celebram a cultura e a identidade do povo gaúcho. A Semana Farroupilha, por exemplo, é uma das principais celebrações do estado, que relembra a Revolução Farroupilha¹ e reafirma os valores e as tradições gaúchas.

1 Também conhecida como Guerra dos Farrapos, foi a mais longa rebelião do período regencial brasileiro e a maior guerra civil do país. O conflito teve origem na insatisfação das elites estancieiras e charqueadoras gaúchas com os altos impostos cobrados pelo governo imperial e com a concorrência desleal do charque estrangeiro. Os farroupilhas proclamaram a República Rio-Grandense em 1836 e a República Juliana em Santa Catarina em 1839. Após dez anos de combates, o conflito terminou com a Paz de Ponche Verde (1845), que concedia anistia aos rebeldes, incorporação de oficiais farrapos ao

O folclore gaúcho também desempenha um papel importante na preservação da memória e da história do Rio Grande do Sul. Com as lendas, os contos populares e as canções, são transmitidos conhecimentos sobre os acontecimentos históricos, os personagens e os lugares que marcaram a formação do estado.

O folclore gaúcho é um elemento essencial para a construção e a afirmação da identidade cultural do Rio Grande do Sul. Ele reflete a história, os valores e o modo de vida dos gaúchos, contribuindo para a preservação da memória coletiva e para o fortalecimento dos laços sociais e do sentimento de pertencimento a essa comunidade.

Pesquisas em folclore

As pesquisas em folclore desempenham um papel fundamental na preservação e valorização das manifestações culturais populares. Com a realização de estudos sistemáticos e aprofundados, os pesquisadores contribuem para o registro, a documentação e a análise das tradições, dos costumes e dos saberes que compõem o patrimônio imaterial de uma comunidade.

A realização de pesquisas folclóricas é essencial para evitar que as expressões culturais populares sejam perdidas ao longo do tempo. Segundo Carneiro (1965, p. 15), “a pesquisa folclórica é um instrumento de defesa e preservação da cultura popular, ameaçada pelo progresso e pela transformação das sociedades”.

Além de contribuir para a preservação, as pesquisas em folclore também promovem a valorização e o reconhecimento da importância das manifestações culturais populares. Com a divulgação dos estudos e da sensibilização da sociedade, é possível fortalecer a identidade cultural e o sentimento de pertencimento dos indivíduos a uma comunidade.

As pesquisas folclóricas também desempenham um papel educativo, ao promover a transmissão dos saberes e das tradições para as novas gerações. Com projetos de educação patrimonial e de ações de salvaguarda, os pesquisadores contribuem para a continuidade e a vitalidade das expressões culturais populares.

Outro aspecto importante das pesquisas em folclore é a sua contribuição para o desenvolvimento de políticas públicas de valorização e proteção do patrimônio imaterial. Os estudos fornecem subsídios para a elaboração de leis, programas e ações que visam à salvaguarda e à promoção das manifestações culturais populares.

Portanto, as pesquisas em folclore são fundamentais para a preservação,

exército imperial e redução de impostos sobre o charque. A Revolução Farroupilha tornou-se um símbolo da identidade gaúcha, representando valores como bravura, autonomia e resistência, celebrados anualmente durante a Semana Farroupilha (13 a 20 de setembro).

a valorização e a transmissão das expressões culturais populares. Por meio dos estudos aprofundados e sistemáticos, os pesquisadores contribuem para o fortalecimento da identidade cultural, para a educação patrimonial e para o desenvolvimento de políticas públicas de salvaguarda do patrimônio imaterial.

As pesquisas folclóricas trazem importantes contribuições para a compreensão da cultura e da sociedade. Os estudos das manifestações culturais populares permitem que os pesquisadores possam analisar os valores, as crenças, os comportamentos e as relações sociais que caracterizam uma comunidade.

O folclore é uma expressão da cultura popular que reflete a história, a identidade e o modo de vida de um povo. Segundo Brandão (1984, p. 23), “o folclore é a cultura do povo, feita pelo povo e para o povo”. Portanto, ao estudar as manifestações folclóricas, os pesquisadores podem compreender as raízes culturais e as transformações sociais de uma comunidade ao longo do tempo.

As pesquisas folclóricas também contribuem para o entendimento das relações de poder e das desigualdades sociais presentes em uma sociedade. Com a análise das expressões culturais populares, é possível identificar as formas de resistência, de adaptação e de negociação dos grupos marginalizados frente às estruturas dominantes.

Além disso, as pesquisas em folclore permitem a compreensão das dinâmicas de transmissão e de transformação da cultura popular. Os estudos evidenciam como as tradições são passadas de geração em geração, sofrendo influências e adaptações de acordo com os contextos históricos e sociais.

As pesquisas folclóricas também contribuem para a valorização da diversidade cultural e para o reconhecimento da pluralidade de saberes e práticas presentes em uma sociedade. Os estudos permitem tornar visíveis e legítimas as manifestações culturais populares, muitas vezes marginalizadas ou desvalorizadas pelos discursos hegemônicos.

As pesquisas folclóricas são fundamentais para a compreensão da cultura e da sociedade. Por meio do estudo das manifestações culturais populares, os pesquisadores podem analisar as raízes históricas, as relações sociais, as dinâmicas de poder e as transformações culturais que caracterizam uma comunidade. Além disso, as pesquisas contribuem para a valorização da diversidade cultural e para o reconhecimento da importância das expressões populares na formação da identidade e da memória coletiva de um povo.

O folclore gaúcho é um campo vasto e diversificado, que tem sido objeto de inúmeros estudos e pesquisas ao longo do tempo. Essas investigações têm contribuído para a compreensão das manifestações culturais populares do Rio Grande do Sul, evidenciando a riqueza e a pluralidade das tradições gaúchas.

Um dos aspectos muito estudados do folclore gaúcho é a música

tradicionalista. Pesquisadores como Lessa (1985) e Côrtes (1994) destacaram-se ao analisar as origens, características e transformações da música gaúcha ao longo do tempo. Esses estudos evidenciam a diversidade de ritmos, instrumentos e temáticas presentes nas canções tradicionais, bem como as influências de outras culturas na formação da música gaúcha.

Outro campo de estudos do folclore gaúcho é a dança tradicional. Pesquisas como as de Fagundes (2001) e Biason (2009) dedicaram-se a investigar as origens, as características e os significados das danças gaúchas, como o chamamé, o vanerão e o bugio. Esses estudos evidenciam a diversidade de passos, coreografias e indumentárias presentes nas danças tradicionais, bem como as relações entre a dança e outros aspectos da cultura gaúcha, como a música e a poesia.

A literatura oral também tem sido objeto de estudos no âmbito do folclore gaúcho. Pesquisadores como Lopes Neto (2012) e Schlee (2004) registraram e analisaram as lendas, os contos e os causos populares do Rio Grande do Sul. Esses estudos evidenciam a riqueza da narrativa oral gaúcha, que aborda temas como a vida no campo, as façanhas dos heróis populares e as crenças e superstições do povo gaúcho.

Além disso, estudos têm sido realizados sobre outros aspectos do folclore gaúcho, como a culinária tradicional, o artesanato, as festas populares e os ritos religiosos. Essas pesquisas revelam a diversidade e a complexidade das manifestações culturais gaúchas, que refletem a história, a identidade e o modo de vida do povo do Rio Grande do Sul.

Os estudos sobre o folclore gaúcho têm contribuído para a compreensão e a valorização da diversidade cultural do Rio Grande do Sul. Essas pesquisas mostram a pluralidade das manifestações populares gaúchas, desde a música e a dança até a literatura oral e a culinária tradicional. Esses estudos são fundamentais para a preservação e a transmissão do patrimônio cultural gaúcho, bem como para o reconhecimento da importância das expressões populares na formação da identidade e da memória coletiva do povo gaúcho.

O ensino do folclore

O ensino desempenha um papel fundamental na transmissão e perpetuação do folclore. Com a educação formal e informal, as novas gerações têm a oportunidade de conhecer, valorizar e dar continuidade às manifestações culturais populares que fazem parte da identidade e da memória coletiva de uma comunidade.

Segundo Brandão (2003, p. 18), “a educação é uma prática social que se realiza em diferentes espaços e tempos sociais, entre eles, a escola”. Nesse sentido, a instituição escolar tem um papel muito importante na transmissão

do folclore, ao incluir em seus currículos e práticas pedagógicas o estudo e a vivência das manifestações culturais populares.

O ensino do folclore na escola contribui para a formação cultural e cidadã dos estudantes, ao promover o conhecimento e o respeito pela diversidade cultural. Pelo contato com as tradições populares, os alunos desenvolvem a sensibilidade, a criatividade e o senso crítico, além de fortalecerem os laços de pertencimento à sua comunidade.

Além disso, o ensino do folclore na escola favorece a interdisciplinaridade, ao possibilitar a articulação entre diferentes áreas do conhecimento, como história, geografia, literatura, artes e música, somente para citar algumas. Essa abordagem integrada permite uma compreensão mais ampla e contextualizada das manifestações culturais populares, evidenciando suas relações com outros aspectos da realidade social.

No entanto, o ensino do folclore não se restringe ao espaço escolar. A educação informal, que ocorre em espaços como a família, a comunidade e os grupos culturais, também desempenha um papel fundamental na transmissão e perpetuação das tradições populares. Nesses contextos, o folclore é vivenciado e aprendido de forma espontânea e participativa, ocorrendo via oralidade, imitação e experiência direta.

O ensino, tanto formal quanto informal, é essencial para a transmissão e perpetuação do folclore. Pela educação, as novas gerações têm a oportunidade de conhecer, valorizar e dar continuidade às manifestações culturais populares que constituem o patrimônio imaterial de uma comunidade. Ao incluir o folclore nos currículos escolares e nas práticas educativas, a escola contribui para a formação cultural e cidadã dos estudantes, promovendo o respeito pela diversidade e fortalecendo os laços de pertencimento à cultura popular.

A inclusão do folclore nos currículos escolares é uma medida de grande relevância educacional, que contribui para a formação integral dos estudantes. Ao incorporar o estudo das manifestações culturais populares nos programas de ensino, a escola promove o conhecimento, a valorização e a preservação do patrimônio imaterial da comunidade.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), “o estudo do folclore contribui para a compreensão da diversidade cultural e para a formação de uma identidade nacional” (Brasil, 1998, p. 43). Nesse sentido, a inclusão do folclore nos currículos escolares permite que os estudantes conheçam e valorizem as raízes culturais de seu povo, fortalecendo os laços de pertencimento e a identidade coletiva.

Além disso, o estudo do folclore na escola favorece o desenvolvimento

de habilidades e competências importantes para a formação dos estudantes. O contato com as manifestações culturais populares permite que os alunos tenham a oportunidade de exercitar a criatividade, a expressão artística, a oralidade e a corporeidade, entre outras habilidades.

A inclusão do folclore nos currículos escolares também contribui para a educação em valores, ao promover o respeito pela diversidade cultural e o combate a preconceitos e discriminações. Ao conhecer e valorizar as diferentes manifestações culturais populares, os estudantes desenvolvem a empatia, a tolerância e a capacidade de conviver com a diferença.

Outro aspecto relevante da inclusão do folclore nos currículos escolares é a possibilidade de articulação com outras áreas do conhecimento. O estudo das manifestações culturais populares pode ser integrado a disciplinas como história, geografia, literatura, artes e música, entre outras, promovendo uma abordagem interdisciplinar e contextualizada do conhecimento.

No entanto, para que a inclusão do folclore nos currículos escolares seja efetiva, é necessário que os professores estejam preparados para trabalhar com esse tema. É importante que a formação docente contemple o estudo do folclore e das metodologias adequadas para seu ensino, de forma a garantir uma abordagem significativa e contextualizada das manifestações culturais populares.

A inclusão do folclore nos currículos escolares é uma medida de grande relevância educacional, que contribui para a formação integral dos estudantes. Ao promover o conhecimento, a valorização e a preservação das manifestações culturais populares, a escola fortalece a identidade coletiva, desenvolve habilidades e competências importantes e promove a educação em valores. Portanto, para que essa inclusão seja efetiva, é necessário investir na formação docente e na articulação do estudo do folclore com outras áreas do conhecimento, de forma a garantir uma abordagem significativa e contextualizada desse tema.

O Rio Grande do Sul possui uma rica tradição folclórica, que se manifesta em diversas expressões culturais. Reconhecendo a importância do folclore para a identidade e a memória coletiva do estado, instituições como a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) têm desenvolvido projetos voltados para o ensino, pesquisa e valorização das manifestações populares.

O projeto “Manifestações Populares Tradicionais Não-Hegemônicas do e no Rio Grande do Sul: segunda fase de estudos”, vinculado ao NUFOLK/UFPEL, busca mapear, registrar e difundir expressões de folguedos e danças que escapam à cultura hegemônica (Souza, 2023). O estudo investiga noções epistemológicas e processos artísticos, problematizando conceitos como Tradição e Memória. Esta segunda fase (2023-2025) dá continuidade ao diagnóstico iniciado entre

2014 e 2020, que mapeou 22 manifestações populares em sua etapa inicial.

Essa base investigativa foi consolidada pelo projeto “Folclore Sul-Rio-Grandense: Ampliando Olhares”, que apresentou um recorte das ações da pesquisa original (Manzke; Rocha; Jesus, 2016). Foi por meio desta iniciativa que se identificou a vitalidade de manifestações como o Bumba-meu-boi de Encruzilhada do Sul, as Cavalhadas de Santo Antônio da Patrulha e as Congadas e Maçambiques de Osório, além da forte presença cultural na região de Mostardas e Tavares. A partir desses resultados, disponíveis no blog do projeto, a pesquisa agora avança para investigações *in loco* mais detalhadas de folguedos selecionados, como o Carnaval e o Ensaio de Promessa de Quicumbi.

Por fim, o projeto “Fábulas do Sul – Resgate do Folclore e Lendas do Rio Grande do Sul”, financiado pelo Financiarte, tem como objetivo a valorização das lendas e do folclore do Rio Grande do Sul, buscando o resgate das principais lendas do estado e sua exposição para crianças e jovens, a fim de que elas se perpetuem e não sejam esquecidas (Projeto Fábulas do Sul, 2019). A iniciativa consiste em pesquisar algumas das principais lendas da cultura gaúcha, sua origem e relevância para a criação de um texto inédito a ser encenado como uma contação de causos envolvendo teatro, canto, dança e musicalização, pelo Grupo de Teatro Ueba. O espetáculo foi apresentado gratuitamente para escolas públicas de Caxias do Sul e em sessões abertas à comunidade, com o material da pesquisa e o registro do processo sendo publicados em um blog e, ao final, um vídeo da apresentação na íntegra também será disponibilizado.

Portanto, esses projetos e iniciativas evidenciam a importância do ensino, da pesquisa e da difusão do folclore no Rio Grande do Sul, buscando mapear, registrar, valorizar e perpetuar as manifestações culturais populares, muitas vezes marginalizadas, reconhecendo-as como parte fundamental da identidade e memória coletiva do povo gaúcho.

O folclore na reestruturação pós-desastre

Em 2024, o Rio Grande do Sul enfrentou um dos maiores desastres climáticos de sua história, com chuvas intensas, inundações e deslizamentos de terra que afetaram diversas regiões do estado. Além dos impactos econômicos e sociais, esse evento teve consequências significativas para a cultura e as tradições gaúchas, atingindo diretamente as manifestações folclóricas e o patrimônio cultural das comunidades afetadas.

Muitas das áreas atingidas pelo desastre abrigavam importantes manifestações folclóricas, como o Bumba-meu-boi, de Encruzilhada do Sul. Outras cidades que não foram afetadas no desastre de 2024 foram, no entanto, prejudicadas em 2023, quando também houve muitas chuvas e diversos locais

alagados, prejudicando manifestações como as Cavalhadas, de Santo Antônio da Patrulha, e as Congadas e Maçambiques, de Osório, por exemplo. Essas expressões culturais, que já enfrentavam desafios de preservação e transmissão para as novas gerações, viram-se ainda mais ameaçadas pela destruição de espaços físicos, perda de materiais e dispersão de seus detentores (Manzke; Rocha; Jesus, 2016).

Além disso, o desastre climático impactou diretamente a realização de festas populares e rituais tradicionais, que desempenham um papel fundamental na manutenção dos laços comunitários e na afirmação da identidade cultural gaúcha. Muitas dessas celebrações tiveram que ser adiadas, adaptadas ou mesmo canceladas, devido à falta de condições materiais e emocionais das comunidades afetadas.

Outro aspecto relevante foi o impacto do desastre sobre a transmissão oral de saberes e práticas folclóricas. Com a perda de entes queridos, a dispersão de famílias e a interrupção de atividades cotidianas, muitos dos detentores desses conhecimentos tradicionais viram-se impossibilitados de repassá-los às novas gerações, colocando em risco a continuidade e a vitalidade dessas expressões culturais (Brandão, 2003).

Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de existirem ações de salvaguarda e valorização do folclore gaúcho, reconhecendo-o como um elemento fundamental para a resiliência e a reconstrução das comunidades afetadas pelo desastre climático. Iniciativas de registro, difusão e apoio às manifestações folclóricas devem ser priorizadas, a fim de garantir a preservação desse patrimônio cultural e fortalecer a identidade e a memória coletiva do povo gaúcho.

Diante do cenário de destruição e impactos causados pelo desastre climático de 2024 no Rio Grande do Sul, o folclore emerge como um elemento fundamental para a resiliência e a união das comunidades afetadas. As manifestações folclóricas, enraizadas na história, nas tradições e nos valores do povo gaúcho, desempenham um papel crucial na superação das adversidades e na reconstrução do tecido social.

O folclore, como expressão da cultura popular, carrega consigo a memória coletiva e os saberes ancestrais que foram transmitidos de geração em geração. Esses conhecimentos tradicionais, muitas vezes associados a práticas de solidariedade, cooperação e resistência, tornam-se recursos muito importantes para enfrentar os desafios impostos pelo desastre climático. Por meio das manifestações folclóricas, as comunidades encontram forças para se reorganizar, compartilhar experiências e buscar soluções criativas para os problemas enfrentados (Ayala; Ayala, 2021).

Além disso, o folclore atua como um elemento agregador, fortalecendo

os laços comunitários e o sentimento de pertencimento. As festas populares, os rituais e as celebrações tradicionais, mesmo que adaptadas ao contexto pós-desastre, proporcionam momentos de encontro, partilha e conforto emocional. Esses espaços de sociabilidade são essenciais para a manutenção da coesão social e para a superação coletiva dos traumas e perdas vivenciados (Brandão, 2003).

O folclore também se apresenta como uma forma de resistência cultural diante das ameaças de desintegração e esquecimento provocadas pelo desastre. Ao valorizar e perpetuar as manifestações folclóricas, as comunidades reafirmam sua identidade, seus valores e sua história, mesmo em meio à adversidade. Essa continuidade cultural é fundamental para a preservação da memória coletiva e para a transmissão dos saberes tradicionais às novas gerações, garantindo a vitalidade e a resiliência do patrimônio cultural gaúcho (Manzke; Rocha; Jesus, 2016).

Reconhecer e fortalecer o folclore como elemento de resiliência e união é essencial para a reconstrução das comunidades afetadas pelo desastre climático no Rio Grande do Sul. É importante que políticas públicas, iniciativas da sociedade civil e ações de salvaguarda sejam direcionadas para a valorização, difusão e apoio às manifestações folclóricas, entendendo-as como pilares fundamentais para a superação dos desafios e para a preservação da identidade cultural gaúcha.

Após o desastre climático de 2024, a reconstrução e o fortalecimento da identidade gaúcha passam, necessariamente, pela valorização e utilização do folclore como elemento central desse processo. As manifestações folclóricas, com sua riqueza e diversidade, oferecem inúmeras possibilidades para a reafirmação dos valores, tradições e história do povo gaúcho, contribuindo para a superação dos impactos do desastre e para a projeção de um futuro enraizado na cultura popular.

Uma das possibilidades é a realização de festivais e eventos culturais que tenham o folclore como tema central. Esses espaços de celebração e difusão das manifestações folclóricas, como a música, a dança, o artesanato e a contação de histórias, por exemplo, permitem o encontro e o intercâmbio entre diferentes comunidades, fortalecendo os laços de solidariedade e pertencimento. Além disso, esses eventos podem atrair visitantes de outras regiões, fomentando o turismo cultural e a valorização da identidade gaúcha para além das fronteiras do estado (Castro, 2018).

Outra possibilidade é a incorporação do folclore nos currículos escolares, desde a educação infantil até o ensino superior. A inclusão de disciplinas, projetos e atividades que abordem as manifestações folclóricas gaúchas permite que as novas gerações conheçam, valorizem e se reconheçam como parte dessa herança

cultural. Essa educação patrimonial é fundamental para a transmissão dos saberes tradicionais e para a formação de cidadãos conscientes de sua identidade e comprometidos com a preservação e difusão do folclore (IPHAN, 2014).

A utilização do folclore como fonte de inspiração para a criação artística contemporânea também se apresenta como uma possibilidade promissora. Artistas de diferentes áreas, como a música, o teatro, a dança e as artes visuais, podem se apropriar dos elementos folclóricos para criar obras que dialoguem com a tradição e, ao mesmo tempo, proponham novas leituras e interpretações. Essa releitura criativa do folclore contribui para a sua atualização e para a sua inserção nos debates culturais contemporâneos, reafirmando a sua relevância e vitalidade (Ayala; Ayala, 2021).

A valorização do folclore passa também pelo reconhecimento e apoio aos mestres, detentores e praticantes das manifestações folclóricas. Políticas públicas de salvaguarda, como a concessão de bolsas, a criação de espaços de transmissão de saberes e a documentação das práticas tradicionais, são fundamentais para a continuidade e o fortalecimento do folclore gaúcho. Essas ações devem ser pautadas pelo protagonismo das comunidades detentoras e pela valorização dos conhecimentos tradicionais como patrimônio vivo e dinâmico (IPHAN, 2014).

Conclusão

Ao longo deste texto, buscou-se evidenciar a importância do folclore como base cultural, em sua relação intrínseca com a história, as tradições e os valores de uma comunidade, bem como sua relevância para a identidade do Rio Grande do Sul. O folclore gaúcho, em sua riqueza e diversidade, constitui um patrimônio vivo e dinâmico que reflete trajetórias, pertencimentos e modos de vida do povo sul-rio-grandense.

As pesquisas em folclore desempenham papel fundamental na preservação e valorização desse patrimônio cultural. Ao contribuir para um entendimento aprofundado da cultura e da sociedade, os estudos folclóricos evidenciam a complexidade e a pluralidade das manifestações populares e reforçam sua importância como elemento identitário no contexto rio-grandense.

O ensino do folclore, por sua vez, é essencial para a transmissão e a continuidade desse conhecimento tradicional. A inclusão do tema em currículos escolares e o incentivo a projetos educacionais voltados à valorização da cultura popular são medidas relevantes para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a salvaguarda do patrimônio cultural. No Rio Grande do Sul, observa-se a ampliação dessas ações, indicando maior atenção à preservação e difusão do folclore.

Diante do desastre climático de 2024 e de seus impactos na cultura e nas

tradições locais, o folclore se apresenta como um elemento significativo para processos de reconstrução social e simbólica. Em contextos de crise e incerteza, a reconexão com raízes, narrativas e práticas culturais pode fortalecer vínculos comunitários e sentidos de pertencimento.

Como manifestação transmitida entre gerações por meio da oralidade, das cantigas, brincadeiras e narrativas familiares, o folclore mobiliza memórias e valores coletivos, contribuindo para a coesão social. Nesse processo, a memória – individual e coletiva – ocupa lugar central, ao preservar experiências, promover continuidade cultural e favorecer a elaboração simbólica das perdas.

Assim, o folclore não se restringe à dimensão cultural: constitui também um recurso para o fortalecimento de redes de solidariedade, para a recomposição do tecido social e para a construção de perspectivas de futuro. As manifestações folclóricas, enraizadas na história e nos valores do povo gaúcho, oferecem repertórios simbólicos e práticas comunitárias que podem contribuir para a superação de adversidades e para a reestruturação pós-desastre.

Portanto, torna-se fundamental reconhecer e valorizar o folclore como base cultural, investir em pesquisas e fortalecer seu ensino, especialmente em momentos de crise e reconstrução. As perspectivas futuras apontam para a necessidade de políticas públicas, iniciativas da sociedade civil e ações de salvaguarda que assegurem a preservação, a difusão e a vitalidade do folclore gaúcho, reconhecendo-o como patrimônio inestimável e pilar da cultura e identidade sul-rio-grandenses.

Referências

- AYALA, M.; AYALA, M. I. N. **Cultura popular no Brasil: perspectiva de análise**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2021.
- BIASON, M. A. **A dança gaúcha na atualidade**. Porto Alegre: Escritos, 2009.
- BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- BRANDÃO, C. R. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARNEIRO, E. **Dinâmica do folclore**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.
- CASTRO, M. S. de. **Turismo Cultural e Folclore: Possibilidades de**

- desenvolvimento local. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 443-461, ago./out. 2018.
- CÔRTEZ, J. C. P. **Música e dança do sul**. Porto Alegre: Garatuja, 1994.
- FAGUNDES, A. A. **Danças tradicionais gaúchas**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.
- IPHAN. **Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos**. Brasília: IPHAN, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2026.
- LESSA, B. **Nativismo: um fenômeno social gaúcho**. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- LESSA, B. **Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo**. Porto Alegre: Globo, 1954.
- LOPES NETO, J. S. **Contos gauchescos e lendas do sul**. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- MANZKE, S. M.; ROCHA, B. G.; JESUS, T. S. A. Folclore Sul-Riograndense: Ampliando Olhares. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA, 2016, Rio Grande. **Anais...** Rio Grande: FURG, 2016. Disponível em: <https://sepefid.furg.br/images/Arquivo/arquivo2016/FOLCLORE_SUL-RIOGRANDENSE.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2026.
- PROJETO FÁBULAS DO SUL – **Resgate do Folclore e Lendas do Rio Grande do Sul**. Fábulas do Sul, [s.d.]. Disponível em: <<https://fabulasdosul.blogspot.com/p/sobre-o-projeto-o-projeto-fabulas-do.html>>. Acesso em: 7 fev. 2026.
- RIO GRANDE DO SUL. **Projeto Folclore na Escola**. Secretaria de Estado da Cultura, 2021. Disponível em: <<https://cultura.rs.gov.br/projeto-folclore-na-escola>>. Acesso em: 7 fev. 2026.
- SCHLEE, A. G. **Contos gauchescos: lendas e mitos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: IEL, 2004.
- SOUZA, M. A. da C. **Manifestações Populares Tradicionais Não-Hegemônicas do e no Rio Grande do Sul: segunda fase de estudos**. Projetos UFPEL, 2023. Disponível em: <<https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u7170>>. Acesso em: 7 fev. 2026.

PARTE 2

**O FOLCLORE NO CONTEXTO
EDUCACIONAL E PEDAGÓGICO**

FOLCLORE E TRANSDISCIPLINARIDADE: UMA PESQUISA SOBRE AS PRÁTICAS E CONCEPÇÕES DOCENTES NOS ANOS INICIAIS

Andrea Simoni Rech

Cristina Rolim Wolfenbüttel

Introdução

Esta pesquisa surgiu da observação de que o folclore, apesar de seu vasto potencial educativo para a formação social, histórica e crítica dos alunos, ainda é subaproveitado no ambiente escolar. Frequentemente, a cultura experiencial dos estudantes é desconsiderada, resultando em uma desconexão com os conteúdos curriculares tradicionais e, conseqüentemente, na perda de interesse pela aprendizagem. Conforme Garcia (2000), o valor educativo do folclore não é plenamente explorado devido à carência de conhecimento dos professores sobre os fatos folclóricos e à falta de formação sistemática nessa área. Pérez Gómez (2001) corrobora, ao apontar que o aprendizado “isolado”, distante da cultura experiencial dos alunos, torna-se menos significativo e suscetível ao esquecimento.

O estudo foi desenvolvido em uma escola pública municipal em Xangri-Lá, litoral norte do Rio Grande do Sul. O objetivo geral foi compreender as vivências e percepções docentes sobre o folclore e sua integração ao ensino, considerando as possibilidades transdisciplinares. Os objetivos específicos incluíram: conhecer as concepções dos professores sobre folclore e sua relevância nos planejamentos pedagógicos; investigar suas percepções sobre transdisciplinaridade; analisar documentos oficiais da escola e do município; examinar propostas de inserção do folclore em práticas transdisciplinares; e desenvolver materiais formativos e pedagógicos voltados ao tema.

Metodologia

A metodologia adotada foi de natureza qualitativa, empregando o estudo de caso para investigar em profundidade a integração do folclore no contexto pedagógico da Escola Guará, em Xangri-Lá/RS. A escolha dessa instituição foi estratégica, dada a relevância de seu Projeto Político Pedagógico, que demonstra um compromisso com a educação integral e o desenvolvimento cultural, além do envolvimento profissional da pesquisadora. A pesquisa contou com a participação de 10 professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, cujos perfis variados em formação e experiência enriqueceram a compreensão das práticas docentes.

A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário virtual aplicado aos professores, análise de documentos oficiais da escola e do município, e exame detalhado dos planejamentos pedagógicos dos docentes. A análise dos dados utilizou a técnica de análise de conteúdo, conforme Moraes (1999), e a triangulação de dados foi empregada para assegurar a robustez e a validade dos achados. Todos os procedimentos seguiram rigorosos critérios éticos, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UERGS e garantia de anonimato e consentimento livre e esclarecido dos participantes.

Referencial Teórico

O referencial teórico selecionado para esta dissertação fundamenta-se nos princípios do folclore e em sua integração à educação, incluindo também uma discussão sobre a memória, elemento essencial para compreender os processos de transmissão cultural e de aprendizagem. Foram ainda abordados os conceitos de disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. O objetivo foi aplicar essas bases teóricas à análise dos dados, com foco nas experiências e concepções sobre o folclore entre docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa examinou a integração transdisciplinar do folclore nos planejamentos pedagógicos de uma instituição pública de ensino situada no município de Xangri-Lá, Rio Grande do Sul, concentrando-se na investigação junto a um grupo específico de professores.

A articulação entre os conceitos discutidos evidencia a interdependência entre educação, memória, folclore e transdisciplinaridade. A educação, entendida como processo que valoriza a experiência cultural dos sujeitos, encontra na memória uma aliada na construção de significados e na transmissão do conhecimento. A memória, por sua vez, constitui o fio que conecta passado e presente, permitindo que saberes tradicionais e experiências individuais sejam mobilizados no espaço escolar. É nesse entrelaçamento que o folclore se insere

como expressão viva da cultura, sustentado pela memória coletiva e individual dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Ao abordar o folclore como elemento formador da identidade cultural e como possibilidade de diálogo entre saberes, amplia-se o entendimento da prática pedagógica para além dos limites disciplinares. A transdisciplinaridade, nesse sentido, emerge como caminho teórico-metodológico que integra essas dimensões, promovendo uma abordagem mais sensível, contextualizada e significativa da aprendizagem. Assim, a construção teórica deste trabalho oferece subsídios para compreender como os professores mobilizam suas experiências e saberes na elaboração de planejamentos que valorizem as manifestações culturais dos alunos e promovam a articulação entre o conhecimento escolar e a cultura.

Educação

O referencial teórico desta pesquisa apoia-se nas concepções de Pérez Gómez (2001), Sacristán (2000, 2013) e Wolffenbüttel (2019), articulando reflexões sobre ensino, cultura e currículo. A análise buscou compreender como o folclore pode ser integrado de forma transdisciplinar aos planejamentos pedagógicos, considerando a escola como espaço de socialização, reconstrução de saberes e valorização da bagagem cultural dos alunos.

Pérez Gómez, ao discutir as concepções de ensino e aprendizagem, sistematiza quatro modelos que orientam as práticas docentes: o ensino como transmissão cultural, como treinamento de habilidades, como fomento do desenvolvimento natural e como produção de mudanças conceituais (Sacristán; Pérez Gómez, 1998).

O autor também atribui à escola duas funções essenciais: a compensatória, voltada à redução das desigualdades sociais, e a de reconstrução do conhecimento e da experiência, que parte das concepções e vivências dos alunos para promover aprendizagens significativas. Wolffenbüttel (2019) complementa essa visão ao destacar a importância da pluralidade, da flexibilidade didática e da valorização da diversidade cultural e social no ambiente escolar.

A aprendizagem significativa, segundo Pérez Gómez, ocorre quando o conhecimento novo se relaciona com as experiências e saberes prévios dos alunos, conferindo-lhes sentido e durabilidade. Assim, a escola é concebida como espaço de encontro e mediação de culturas, no qual os conhecimentos cotidianos e escolares se articulam criticamente.

Sacristán (2000, 2013) amplia essa perspectiva ao compreender o currículo como um projeto cultural e socialmente condicionado, que expressa valores, intenções e práticas. O autor descreve seis dimensões do desenvolvimento

curricular – prescrito, apresentado, modelado, em ação, realizado e avaliado –, evidenciando o caráter dinâmico e processual do currículo e o papel ativo dos professores em sua concretização.

Sacristán e Pérez Gómez (1998) ressaltam a importância de considerar o contexto cultural dos estudantes no processo educativo. O primeiro enfatiza a bagagem cultural e a aprendizagem significativa; o segundo, a organização curricular que integra essa perspectiva.

Com base nessas concepções, o estudo apoia-se na compreensão de que o ensino deve articular cultura, currículo e prática pedagógica, favorecendo uma educação contextualizada e significativa. Essa base teórica orientou a análise das experiências e concepções docentes sobre o folclore, buscando compreender sua integração transdisciplinar nos planejamentos pedagógicos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Memória

A memória é compreendida como um processo dinâmico, essencial à aprendizagem e à formação da identidade humana, influenciando a forma como os indivíduos interpretam e ressignificam suas experiências. Conforme Izquierdo (2002), nossa essência está diretamente ligada ao que lembramos e ao que esquecemos; e, segundo Squire e Kandel (2003), a perda da memória implica a perda da própria história de vida e de pertencimento.

Bergson (2008) distingue entre memória-hábito – relacionada a ações repetitivas e automatizadas, fundamentais para a construção de rotinas pedagógicas – e memória pura, que corresponde à recriação ativa das experiências passadas à luz do presente. Essa distinção permite compreender a prática docente como um movimento contínuo entre repetição e reinvenção, no qual a lembrança se transforma em ação pedagógica.

A memória coletiva, segundo Halbwachs (2006), constitui a base da identidade cultural dos grupos sociais, sustentando tradições e valores compartilhados. Benjamin (1994) reforça que o folclore é expressão dessa memória coletiva, mantido vivo pela recordação e pela transmissão entre gerações. Assim, ao trazer suas próprias experiências e referências culturais para o ensino, os professores tornam-se mediadores na preservação e atualização das tradições folclóricas.

Autores como Zimmer (2015) e Lopes (2018) destacam que a memória é constantemente reinterpretada, permitindo que as vivências pessoais e culturais se adaptem a novos contextos educativos. Essa plasticidade da memória é fundamental para que os docentes integrem o folclore de forma dinâmica e significativa em seus planejamentos.

Para Gadotti (2005), valorizar as memórias e tradições culturais dos alunos enriquece o processo educativo e promove um ambiente mais inclusivo. De modo semelhante, Sacristán (2000) defende que um currículo que incorpora a memória cultural favorece aprendizagens contextualizadas e profundas.

Por fim, autores como Cascudo (1999) e Morin (2000) ressaltam que a educação é um meio privilegiado de preservação e renovação da memória cultural, mantendo vivas as tradições folclóricas e fortalecendo os vínculos identitários. Assim, a memória, ao entrelaçar-se com o folclore e com a prática pedagógica, contribui para uma formação que reconhece, valoriza e recria continuamente o patrimônio cultural coletivo.

Folclore

O folclore é entendido como expressão da sabedoria coletiva, reunindo valores, crenças e tradições que formam a identidade cultural de um povo. Mais do que um resgate do passado, ele é uma prática viva e dinâmica, que conecta o passado ao presente e influencia o modo como as comunidades compreendem a si mesmas e o mundo.

Lima (2003) define o folclore como uma “ciência do homem”, que analisa suas expressões culturais espontâneas no contexto social. A distinção entre “Folclore” (campo de estudo científico) e “folclore” (as manifestações culturais em si) evidencia tanto o aspecto acadêmico quanto o vivido dessas expressões. O termo, de origem inglesa – *folk* (povo) e *lore* (conhecimento) –, foi cunhado em 1846 por William Thoms e, no Brasil, passou a ser grafado “folclore” após a reforma ortográfica de 1930.

Câmara Cascudo (1967), referência central no estudo do tema, concebe o folclore como um patrimônio coletivo e milenar, transmitido oralmente e continuamente atualizado. Para ele, o folclore é uma cultura viva, útil e cotidiana, que persiste pela sua capacidade de adaptação. Cascudo também diferencia cultura popular e cultura letrada, afirmando que ambas coexistem de forma harmônica e são igualmente indispensáveis à formação humana e social.

No contexto brasileiro, o I Congresso Brasileiro de Folclore de 1951 e a Carta do Folclore Brasileiro de 1995 consolidaram uma definição moderna do termo: o folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, representativo de sua identidade social e caracterizado por aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade e funcionalidade.

Essas características foram aprofundadas por autores como Garcia (2000) e Wolffenbüttel (2019), incluindo a aceitação coletiva, a funcionalidade, a tradicionalidade e a dinamicidade. A aceitação coletiva refere-se ao reconhecimento social de determinada prática como parte da cultura comum,

enquanto a funcionalidade diz respeito à utilidade e ao papel cultural da manifestação. Já a tradicionalidade envolve a transmissão de saberes entre gerações, e a dinamicidade é a capacidade de transformação e adaptação ao longo do tempo.

O folclore, portanto, abrange tanto as manifestações materiais (artefatos, objetos, rituais) quanto as imateriais (costumes, linguagem, música, danças, narrativas orais). Ele expressa a diversidade e a vitalidade cultural do Brasil, constituindo elemento essencial na formação da identidade nacional.

Garcia (2000) ressalta a importância de compreender o folclore de forma integrada e documentada, como parte da totalidade cultural humana. Essa abordagem é fundamental para a formulação de políticas culturais e educativas que valorizem e preservem as tradições populares.

Assim, o referencial teórico evidencia que o folclore, além de patrimônio cultural, é também um instrumento pedagógico e social, que favorece a valorização da diversidade e a integração transdisciplinar nos processos educativos.

Folclore na educação

O folclore, enquanto expressão da herança cultural transmitida entre gerações, constitui um elemento essencial na formação da identidade e na construção do conhecimento. A escola, como espaço de socialização e aprendizagem, desempenha papel central na valorização desses saberes, integrando-os aos conteúdos formais de ensino (Ribeiro, 2009; Brandão, 2007).

A relação entre folclore e educação consolidou-se a partir de 1936, com o Congresso Internacional de Folclore em Paris, que destacou sua relevância nas Ciências Sociais e na formação humana (Guimarães, 2012). No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) reforçam a necessidade de uma educação que contemple a diversidade cultural, articulando saberes locais e regionais.

A Carta do Folclore Brasileiro de 1995 propõe que o folclore seja integrado à formação docente e ao planejamento curricular, reconhecendo a cultura familiar e comunitária trazida pelos alunos como ponto de partida para o ensino. Essa perspectiva, segundo Wolffenbüttel (2019), reorienta o papel da escola ao aproximar o aprendizado formal e o não formal, valorizando as experiências culturais dos estudantes.

Santos (2011) ao discutir a articulação entre cultura e educação promove o diálogo e o reconhecimento das identidades culturais, tornando o ambiente escolar mais inclusivo e significativo. Assim, a inserção do folclore na educação contribui não apenas para o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem,

mas também para o fortalecimento da identidade cultural e da valorização da diversidade.

Esse referencial, portanto, oferece subsídios teóricos para compreender as concepções e práticas docentes em relação à integração do folclore nos planejamentos pedagógicos, à luz das políticas educacionais brasileiras e das diretrizes culturais nacionais.

Disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade

A trajetória da educação brasileira revela um constante processo de reestruturação curricular, refletindo as transformações sociais e culturais e buscando práticas pedagógicas que ultrapassem a simples transmissão de conhecimento. Nesse contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reforça a necessidade de desenvolver competências e habilidades por meio de abordagens intradisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares, articuladas à diversidade cultural e à valorização dos saberes locais.

A disciplinaridade corresponde à organização do conhecimento em áreas específicas – necessária em determinados contextos históricos –, mas que, diante das demandas contemporâneas, requer novas formas de integração (Santomé, 1998; Lopes, 2000; Young, 2011). A interdisciplinaridade, conforme Japiassu (1976) e Fazenda (1991), representa uma atitude de diálogo e cooperação entre as disciplinas, promovendo trocas significativas entre os campos do saber. Essa abordagem amplia a compreensão dos fenômenos e possibilita práticas pedagógicas mais integradas, como demonstram os temas transversais dos PCNs.

A transdisciplinaridade, defendida por Nicolescu (1999) e Morin (2000), propõe ir além das fronteiras disciplinares, integrando diferentes formas de conhecimento – científicas, sociais e culturais – para compreender a complexidade do mundo contemporâneo. Essa perspectiva exige uma postura ética, reflexiva e aberta à totalidade do saber, ultrapassando o caráter técnico da interdisciplinaridade e aproximando-se de uma visão holística da educação.

No âmbito desta pesquisa, o folclore foi adotado como eixo integrador das práticas educativas, em virtude de sua natureza cultural e identitária (Ribeiro, 2009), em diálogo com a memória coletiva (Halbwachs, 2006; Benjamin, 1994; Cascudo, 1999), que assegura a preservação e renovação das tradições. A memória, individual e coletiva, atua como mediadora entre o passado e o presente, influenciando a forma como os professores constroem e transmitem saberes (Izquierdo, 2002; Zimmer, 2015).

As reflexões de Pérez Gómez (1998, 2001) contribuíram para compreender os modelos de ensino e suas implicações nas práticas docentes, evidenciando a

importância da cultura experiencial dos alunos na construção de aprendizagens significativas. Em conjunto, as perspectivas de Halbwachs, Pérez Gómez, Morin e Nicolescu sustentam uma proposta educativa que articula folclore, memória e transdisciplinaridade, favorecendo uma formação mais crítica, contextualizada e conectada à realidade sociocultural dos estudantes.

Assim, o referencial teórico sustenta a análise das práticas docentes como processos que articulam saberes disciplinares e culturais, permitindo compreender de que modo o folclore, enquanto expressão viva da memória coletiva, pode ser integrado de forma interdisciplinar e transdisciplinar ao currículo escolar.

Resultados e discussões

Os resultados da pesquisa, a sua valorização como prática educativa viva, sensível e humanizadora com o folclore, enraizada em suas vivências de infância, com a maioria classificando essas experiências como “muito significativas”. Histórias, lendas, músicas, danças e brincadeiras são as manifestações favoritas, evidenciando a valorização da oralidade e ludicidade, e confirmando a presença da “memória pura” (Bergson, 2008) na prática pedagógica, em consonância com a memória coletiva (Halbwachs, 2006).

Em relação à presença do folclore no planejamento e na prática pedagógica, a maioria dos professores demonstra alto comprometimento e regularidade na inclusão de atividades. Há uma diversidade de abordagens, como contação de histórias e projetos interdisciplinares, que buscam engajar os alunos. Contudo, a análise dos planejamentos indicou que a abordagem do folclore tende a ser pontual, concentrando-se em datas comemorativas, o que se alinha ao modelo de “transmissão cultural” (Sacristán; Pérez Gómez, 1998) e limita seu potencial para uma compreensão mais contínua e crítica da cultura brasileira. Apesar disso, a receptividade dos alunos às atividades folclóricas é notavelmente alta, refletindo a eficácia da ludicidade e a conexão com a cultura experiencial dos estudantes (Sacristán; Pérez Gómez, 1998).

Os desafios identificados para a integração plena do folclore incluem a escassez de tempo, limitações de infraestrutura e uma formação acadêmica dos professores que é, em grande parte, superficial ou limitada no tema. Essa lacuna na formação impede a superação de abordagens meramente comemorativas. Apesar desses obstáculos, há um consenso significativo entre os docentes sobre a necessidade de um espaço amplo e relevante para o folclore no currículo escolar, alinhando-se à visão de um currículo como construção cultural (Pérez Gómez, 2001). As perspectivas sobre o ensino do folclore nos anos iniciais são predominantemente favoráveis, com ênfase no potencial transdisciplinar

do folclore para promover o engajamento e a aprendizagem significativa, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) e os preceitos de Morin (2000) e Nicolescu (1999).

Como desdobramento da pesquisa, foram desenvolvidos três produtos educacionais: o e-book “Cartas do Folclore Brasileiro” (compilação de documentos históricos), a formação on-line colaborativa “Ciranda de Ideias” (aprimoramento pedagógico), e o e-book “Ciranda, Conta Mais” (reunindo materiais didáticos de participantes).

Coletivamente, esses recursos visam sistematizar o conhecimento e inspirar a reinvenção da prática docente, promovendo uma abordagem transdisciplinar do folclore que valorize a diversidade cultural e a aprendizagem significativa no cotidiano escolar.

Considerações finais

A investigação conduzida possibilitou compreender de forma aprofundada as concepções e vivências de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental acerca do folclore e sua integração ao currículo escolar, revelando o modo como esse saber se manifesta nas práticas pedagógicas e nas representações docentes. As análises realizadas permitiram constatar que o folclore é compreendido pelos professores como um conjunto de saberes, tradições, crenças e manifestações culturais transmitidas entre gerações, sendo reconhecido como parte essencial da identidade e da memória coletiva. Essa compreensão se sustenta em laços afetivos, especialmente nas lembranças da infância, que reforçam o vínculo emocional dos docentes com o tema e justificam a sua valorização como prática educativa viva, sensível e humanizadora.

À luz da investigação realizada, o folclore emerge como um campo de possibilidades para repensar a escola a partir da cultura, da experiência e da diversidade dos sujeitos que a constituem. O reconhecimento do valor cultural e simbólico do folclore, contudo, não tem garantido sua efetiva inserção de forma contínua e reflexiva no currículo. Verificou-se que, embora haja um discurso de valorização, o tema ainda aparece, majoritariamente, de modo pontual e comemorativo, especialmente no mês de agosto, em função do calendário escolar. Essa abordagem episódica tende a reduzir o folclore a uma dimensão festiva, desvinculando-o de seu potencial formativo e de sua relação com os processos de construção de conhecimento, de identidade e de pertencimento cultural.

Essas constatações evidenciam a necessidade de ampliar o lugar do folclore na escola, de modo que ele seja compreendido como um conteúdo transversal, capaz de dialogar com diferentes áreas do conhecimento e de articular saberes científicos e populares. A integração do folclore sob uma

perspectiva transdisciplinar contribui para romper as fronteiras disciplinares e possibilita uma aprendizagem mais significativa, ancorada na cultura e nas experiências dos estudantes. Essa abordagem reconhece o sujeito em sua totalidade – racional, emocional, criativa e simbólica – e propõe uma educação conectada à vida, ao território e às múltiplas dimensões do humano.

Os resultados da pesquisa também revelaram o empenho e a sensibilidade dos professores em buscar alternativas para abordar o folclore de forma mais crítica e criativa, mesmo diante de limitações como a escassez de tempo, de recursos e de formação específica. As proposições docentes, em grande parte, apontam para o desejo de desenvolver práticas integradoras, envolvendo diferentes componentes curriculares e valorizando as manifestações culturais locais e familiares. Essas experiências, ainda que muitas vezes empíricas, aproximam-se de uma concepção de transdisciplinaridade como atitude ética e epistemológica, conforme propõem autores como Morin (2000) e Nicolescu (1999), que defendem a reconstrução do conhecimento a partir da complexidade e da integração entre razão e sensibilidade.

Os produtos educacionais elaborados a partir do estudo – o e-book *Cartas do Folclore Brasileiro*, a formação docente *Ciranda de Ideias* e o e-book colaborativo *Ciranda*, conta mais – configuram-se como desdobramentos concretos da pesquisa, voltados à valorização do folclore como eixo articulador de práticas educativas e formativas. Esses materiais buscam fortalecer o diálogo entre universidade e escola, promovendo espaços de reflexão e criação coletiva entre educadores. Ao reunir documentos históricos, práticas pedagógicas e experiências docentes, os produtos reafirmam o potencial do folclore como elemento integrador do currículo e como instrumento de valorização das culturas locais.

Além de contribuir para o campo teórico, a pesquisa teve um caráter formativo, uma vez que o processo de investigação envolveu momentos de escuta, partilha e reflexão entre pesquisadora e participantes. O diálogo estabelecido com os professores possibilitou uma compreensão mais ampla das dificuldades e potencialidades do trabalho com o folclore na escola, ao mesmo tempo em que despertou o interesse em ressignificar práticas e construir novas formas de abordagem do tema. A devolutiva dos resultados à escola e à Secretaria Municipal de Educação de Xangri-Lá também ampliou o alcance do estudo, fortalecendo o compromisso da pesquisa com a transformação do contexto investigado.

Assim, a pesquisa não se encerra em suas páginas, mas se prolonga nas ações, nas reflexões e nas práticas que dela emergem. Ao compreender o folclore como saber vivo, dinâmico, coletivo e criativo, reafirma-se sua relevância para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e conscientes de suas raízes culturais.

O estudo evidencia que o trabalho com o folclore na escola é, antes de tudo, um ato de valorização do humano em sua pluralidade, um gesto de resistência e de reconhecimento dos saberes populares como parte legítima do processo educativo.

Os resultados da investigação evidenciam que o folclore pode ocupar um lugar de destaque na escola, não apenas como conteúdo curricular, mas como experiência formadora que favorece o diálogo entre tradição e inovação, entre memória e criação. Sua presença contínua e significativa no currículo contribui para uma educação mais sensível às realidades socioculturais dos estudantes e mais comprometida com a construção de uma sociedade plural, solidária e culturalmente enraizada. Espera-se que esta pesquisa possa inspirar novas investigações e práticas pedagógicas que reafirmem o papel da escola como espaço de preservação, reinvenção e celebração dos saberes do povo.

Referências

- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BRANDÃO, C. R. **O que é folclore**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967.
- CASCUDO, L. da C. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 1999.
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1991.
- GADOTTI, M. **Educação e poder**: introdução à pedagogia do conflito. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- GARCIA, R. M. R. (Org.). **Para compreender e aplicar folclore na escola**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore: Comissão de Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2000.
- GUIMARÃES, M. de L. **Folclore, cultura e educação**. São Paulo: Cortez, 2012.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- LIMA, R. T. de. **Folclore e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 2003.
- LOPES, A. C. **Currículo e epistemologia**. São Paulo: Cortez, 2000.
- LOPES, A. C. **Políticas de currículo**. São Paulo: Cortez, 2018.
- MORAES, R. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 37, p. 7-32, 1999.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.
- NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.
- PÉREZ GÓMEZ, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- RIBEIRO, M. A. T. **Folclore, cultura popular e educação**. São Paulo: Cortez, 2009.
- SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SACRISTÁN, J. G. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SANTOS, B. de S. **A crítica da razão indolente**. São Paulo: Cortez, 2011.
- SQUIRE, L. R.; KANDEL, E. R. **Memória: da mente às moléculas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- WOLFFENBÜTTEL, C. R. **Folclore e música folclórica: o que os alunos vivenciam e pensam**. Curitiba: Appris, 2019.
- YOUNG, M. **O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento**. Campinas: Papirus, 2011.
- ZIMMER, M. **Memória, cultura e educação**. São Paulo: Cortez, 2015.

A INSERÇÃO DO FOLCLORE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: PERCEPÇÕES, MEMÓRIAS E PRÁTICAS DOCENTES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE SAPIRANGA/RS

Isabel Cristina Reinhardt Zimmermann

A escola, enquanto espaço de formação integral, tem o papel fundamental de valorizar as manifestações culturais e promover o diálogo entre o saber popular e o saber científico. O folclore, nesse contexto, representa uma fonte rica de aprendizagem, por meio da qual se resgatam tradições, histórias e valores que contribuem para o desenvolvimento da identidade cultural dos estudantes e para o fortalecimento da relação entre escola e comunidade.

A pesquisa sobre a inserção do folclore nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como as percepções, memórias e práticas docentes em uma Escola Pública de Sapiranga/RS foi apresentada no Evento Semana do Folclore 2025: Uma Celebração da Identidade Gaúcha, promovido pela Comissão Gaúcha de Folclore e a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), junto com a Comissão Nacional de Folclore e a Fundação Santos Herrmann, com o propósito de valorizar e fortalecer a identidade cultural gaúcha através do folclore.

Durante a semana de 18 a 22 de agosto do corrente ano, houve um grande número de inscitos no evento, tendo público de diversos estados, o que possibilitou uma diversidade de discussões e articulação sobre a importância do folclore na escola e as falas sobre resultados do estudo de caso pesquisado.

A proposição de uma pesquisa surge de um apanhado de escolhas, reflexões e ações que determinam os caminhos. Minhas escolhas como pesquisadora estão intimamente ligadas à minha vida pessoal e profissional, portanto, iniciei a roda de conversa falando sobre memórias.

Esta minha paixão pelo folclore vem das lembranças da infância como filha, neta, sobrinha e estudante, ávida por histórias, contos, lendas, brincadeiras e canções folclóricas. As experiências familiares – como os chás caseiros, as canções de ninar, as rezas, as brincadeiras de rua e as lendas urbanas – marcaram

profundamente minha relação com a cultura popular. Esta pesquisa também nasce de uma inquietação e um desejo: uma inquietação que reverbera ao escutar e observar os alunos atualmente na escola em que sou gestora e um desejo que vem da minha trajetória enquanto professora. Este percurso consentiu talvez que eu me visse no lugar dos meus alunos e a relação que sempre desenvolvi com eles permitiu criar essas possibilidades investigativas. Todas essas vivências, memórias, questionamentos ajudaram a me tornar a profissional que sou hoje.

Nasci em Campo Bom/RS e cresci em Sapiranga/RS, onde estudei sempre em escolas públicas. No percurso escolar, músicas como *“Alecrim Dourado”* e lendas como *“O Negrinho do Pastoreio”* e *“O Saci”* despertaram o encantamento pelo universo do folclore.

Essa trajetória seguiu no Ensino Médio, no curso de Magistério, e posteriormente na graduação em Artes Visuais – Licenciatura pela Universidade FEEVALE/RS. Ao longo da carreira docente, percebi a relevância do folclore na formação social e cultural dos alunos, especialmente em tempos de forte influência midiática.

Segundo Gardner (1994, p. 20), “o que leva as pessoas a desenvolver capacidades inatas são a educação que recebem e as oportunidades que encontram”. Nesse sentido, questiona-se se as escolas têm oportunizado aos alunos experiências significativas de expressão cultural e vivência prática do folclore.

A educação é um espaço de construção de saberes e de valorização da cultura. O folclore, enquanto manifestação da identidade de um povo, deve ser reconhecido como parte essencial da formação humana. Rossini Tavares de Lima (2003) ressalta que é fundamental orientar os alunos em trabalhos relativos ao folclore local, pois ele constitui parte integrante da personalidade cultural de cada comunidade. Assim, o estudo do folclore na escola possibilita que as crianças reconheçam a diversidade cultural e valorizem suas origens.

A Carta do Folclore Brasileiro de 1951, e sua revisão, em 1995, reforçam a necessidade de inserção do folclore nos currículos escolares, como forma de preservar e transmitir a cultura popular. No entanto, observa-se que muitos professores ainda desconhecem tais documentos, o que foi confirmado durante as falas do evento sobre folclore.

Conforme Batista e Amorim (2008, p. 2), “as brincadeiras folclóricas surgem como uma estratégia de grande destaque por sua função de resgate cultural”. Assim, trabalhar o folclore na escola é uma forma de resistência cultural e de promoção da aprendizagem interdisciplinar.

As atividades pedagógicas voltadas ao folclore oportunizam momentos significativos de aprendizagem, nos quais os alunos reconhecem sua cultura e a

importância de preservá-la. Ao trazer o folclore para o cotidiano escolar – por meio de danças, lendas, cantigas, brincadeiras e comidas típicas – o professor estimula o respeito à diversidade e desperta o sentimento de pertencimento.

Além disso, a abordagem do folclore favorece práticas interdisciplinares, pois permite integrar conteúdos de diversas áreas do conhecimento, desenvolvendo habilidades cognitivas, afetivas e sociais. O envolvimento da comunidade nas atividades também amplia o alcance educativo, tornando a escola um espaço de encontro e valorização da memória coletiva.

A pesquisa apresentada adotou uma abordagem qualitativa, com o estudo de caso como método, desenvolvida em uma escola pública municipal de Sapiranga/RS.

Os dados foram obtidos por meio de questionários aplicados a nove professoras unidocentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental (duas do 1º ano, duas do 2º, duas do 3º, duas do 4º e uma do 5º). Também foram analisados documentos institucionais, como planejamentos pedagógicos, projetos e registros escolares, compreendendo o período de agosto a dezembro de 2023.

O referencial teórico abrangeu estudos sobre educação, ensino escolar e folclore, servindo de base para a análise dos dados e elaboração dos produtos educacionais.

Segundo a pesquisa desenvolvida, as concepções dos professores sobre o folclore são diversas, porém frequentemente desconectadas da vida cotidiana. O folclore é abordado principalmente em datas comemorativas, especialmente no mês de agosto, e em atividades relacionadas à literatura, brincadeiras, música e lendas.

Surpreendentemente, a maioria dos professores relatou não ter tido formação específica sobre o tema durante sua formação inicial, o que evidencia a necessidade de cursos e formações continuadas.

Para responder a essa lacuna, foram elaborados produtos educacionais: um E-book sobre a origem do folclore; uma formação de professores denominada “*Ciranda de Ideias*”; um Sarau de contos e lendas com transmissão pelo YouTube, todos os links foram disponibilizados para o público da Semana do folclore.

De modo articulado, tais recursos têm como propósito organizar o conhecimento e incentivar a renovação das práticas docentes, promovendo uma abordagem transdisciplinar do folclore que reconheça e valorize a diversidade cultural, bem como favoreça processos de aprendizagem significativos no cotidiano escolar.

Esses materiais foram desenvolvidos em parceria com os Grupos de Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, como o *Grupem e o ArtCIEd*, e o programa *A Arte de Ler*.

Considerações finais

A pesquisa realizada nesta escola, possibilitou uma compreensão aprofundada das concepções e experiências de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental em relação ao folclore e à sua articulação com o currículo escolar, evidenciando como esse conhecimento se expressa nas práticas pedagógicas e nas representações docentes. As análises indicaram que o folclore é concebido pelos professores como um conjunto de saberes, tradições, crenças e manifestações culturais transmitidas ao longo das gerações, sendo reconhecido como elemento constitutivo da identidade e da memória coletiva. Essa concepção é fortemente sustentada por vínculos afetivos, especialmente por memórias da infância, que reforçam a relação emocional dos docentes com o tema e legitimam sua valorização enquanto prática educativa viva, sensível e humanizadora.

A partir dessa perspectiva, o folclore se apresenta como um campo fértil para a ressignificação da escola a partir da cultura, da experiência e da diversidade dos sujeitos que a compõem. Entretanto, embora haja o reconhecimento de seu valor cultural e simbólico, isso não tem assegurado sua inserção contínua, crítica e reflexiva no currículo. Observou-se que, apesar do discurso de valorização, o folclore ainda é trabalhado predominantemente de forma pontual e comemorativa, concentrando-se, em especial, no mês de agosto, em função do calendário escolar. Tal abordagem episódica acaba por restringir o folclore a uma dimensão festiva, esvaziando seu potencial formativo e sua relação com os processos de construção do conhecimento, da identidade e do sentimento de pertencimento cultural.

Esses achados apontam para a necessidade de ampliar o espaço do folclore na escola, capaz de dialogar com diferentes áreas do saber e de articular conhecimentos científicos e populares. A inserção do folclore na educação contribui para a superação das fragmentações disciplinares e favorece uma aprendizagem mais significativa, enraizada na cultura e nas vivências dos estudantes.

Os resultados também evidenciaram o comprometimento e a sensibilidade dos professores na busca por alternativas que possibilitem abordar o folclore de maneira mais crítica e criativa, mesmo diante de desafios como a falta de tempo, de recursos e de formação específica. As propostas apresentadas pelos docentes revelam o desejo de desenvolver práticas integradoras, envolvendo diferentes componentes curriculares e valorizando as manifestações culturais locais e familiares.

Os produtos educacionais desenvolvidos a partir da pesquisa, configuram-se como desdobramentos concretos do estudo, voltados à valorização do folclore

como eixo articulador de práticas pedagógicas e formativas. Esses materiais buscam fortalecer o diálogo entre universidade e escola, promovendo espaços de reflexão e criação coletiva entre educadores. Ao reunir documentos históricos, práticas pedagógicas e experiências docentes, os produtos reafirmam o potencial do folclore como elemento integrador do currículo e como instrumento de valorização das culturas locais.

Para além da contribuição teórica, a pesquisa assumiu um caráter formativo, uma vez que o processo investigativo envolveu momentos de escuta, troca e reflexão entre a pesquisadora e os participantes. O diálogo estabelecido possibilitou uma compreensão mais ampla das dificuldades e das potencialidades do trabalho com o folclore no contexto escolar, ao mesmo tempo em que despertou o interesse pela resignificação das práticas pedagógicas e pela construção de novas abordagens para o tema. A devolutiva dos resultados à escola e à Secretaria Municipal de Educação de Sapiranga ampliou o impacto do estudo, reafirmando o compromisso da pesquisa com a transformação do contexto investigado.

Dessa forma, a pesquisa não se encerra em seus registros escritos, mas se estende às ações, reflexões e práticas que dela se desdobram. Ao compreender o folclore como um saber vivo, dinâmico, coletivo e criativo, reafirma-se sua relevância na formação de sujeitos críticos, sensíveis e conscientes de suas raízes culturais. O estudo evidencia que trabalhar o folclore na escola constitui, antes de tudo, um ato de valorização do humano em sua diversidade, representando um gesto de resistência e de reconhecimento dos saberes populares como parte legítima do processo educativo.

Portanto, o folclore pode ocupar um lugar central na escola, não apenas enquanto conteúdo curricular, mas como experiência formativa capaz de promover o diálogo entre tradição e inovação, memória e criação. Sua presença contínua e significativa no currículo contribui para uma educação mais atenta às realidades socioculturais dos estudantes e mais comprometida com a construção de uma sociedade plural, solidária e culturalmente enraizada. Que este estudo possa inspirar novas pesquisas e práticas pedagógicas que reafirmem o papel da escola como espaço de preservação, reinvenção e celebração dos saberes do povo.

As conclusões finais e as falas no evento demonstram como resultados que o trabalho pedagógico com o folclore pode fortalecer o vínculo entre escola e comunidade, promovendo práticas educativas mais significativas e inclusivas. Não posso dizer que atingiremos todos os alunos, mas acredito e sigo na certeza de que a educação é o caminho. Sei também que há muito por fazer enquanto professores para tentar transformar a realidade em que muitos vivem e buscar valores, entendimentos e memórias que somente a escola pode proporcionar.

Estas reflexões apontam para a necessidade de revalorização do folclore como componente formativo na educação básica. Durante a conversa também se revelou que há um espaço significativo para o desenvolvimento e integração efetiva do folclore no ambiente escolar, no entanto sugere-se que sejam criados programas de pesquisa e políticas curriculares que incentivem o ensino do folclore como parte essencial do currículo.

O estudo reforçou que o contato com o folclore contribui para a formação crítica, criativa e social do aluno.

Referências

BATISTA, E.; AMORIM, M. **Brincadeiras folclóricas: um resgate da cultura popular na escola.** 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967.

GARDNER, H. **Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LIMA, R. T. de. **Folclore e cultura popular.** São Paulo: Cultrix, 2003.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

WOLFFENBÜTTEL, C. R. **Folclore e música folclórica: o que os alunos vivenciam e pensam.** Curitiba: Appris, 2019.

PARTE 3

MANIFESTAÇÕES ESPECÍFICAS E
IDENTIDADE CULTURAL GAÚCHA

FOLCLORE FAMILIAR

Paulo Luis Lindner

Introdução

A perene necessidade humana de preservar o conhecimento e as experiências acumuladas ao longo do tempo se manifesta em diversas formas, sendo a transmissão oral uma das mais ancestrais e potentes. Toda produção da humanidade deve ser preservada através de registros, possibilitando ao futuro beber nessas fontes, que sempre serviram de ensinamentos e base para a evolução e crescimento de todos os povos. Nesse contexto, o imaginário popular e as manifestações folclóricas emergem como pilares fundamentais para compreender a identidade cultural de uma comunidade e, de forma mais íntima, de um grupo familiar. O folclore, compreendido como o conjunto de atributos transmitidos oralmente de geração em geração, atua como um elo entre o passado e o presente, moldando a filosofia popular e garantindo a continuidade do saber.

A presente pesquisa, intitulada “Folclore familiar”, mergulha no universo dos contos familiares, reconhecendo-os como um tesouro cultural a ser registrado e preservado. A justificativa para este estudo reside na observação pessoal de como histórias de acontecimentos extraordinários, estranhos e peculiares contados pelo meu avô por parte de mãe e tia e avó de minha esposa cativaram e fascinaram o pesquisador desde cedo, revelando a força do imaginário na construção de narrativas que transcendem o cotidiano. A decisão de focar nesses contos decorre de uma percepção da sua relevância não apenas como entretenimento, mas como veículos de memória e valores.

O objetivo geral deste trabalho foi identificar as relações sociais e os costumes de época que se entrelaçam no próprio grupo de convívio familiar, revelando as camadas de significado ocultas nas narrativas cotidianas. Para tanto, foram delineados objetivos específicos que incluem relacionar os contos com os costumes atuais, analisar os valores, o modo de vida e o pensamento do grupo familiar, comparar a linguagem utilizada na época das narrativas com a contemporânea e, crucialmente, compreender que a história individual é intrinsecamente parte da história coletiva.

Diante desse panorama, o problema central que esta pesquisa buscou

responder foi: Quais as mensagens contidas nesses contos que colaboram para o desenvolvimento do conhecimento, da educação, da maneira de ver o mundo e da união familiar? Acredita-se que, longe de serem meros passatempos, essas narrativas possuem um poder formativo e coesivo. A hipótese que orienta este estudo é que os contos são valorizados na minha família como uma forma de entretenimento para as crianças e jovens, reunidos ao redor dos adultos, servindo como catalisadores de encontros e reforçadores de laços afetivos e culturais.

O percurso metodológico adotado para explorar essas questões fundamentou-se na história oral, um método que, embora por vezes questionado pela sua dependência da memória e suas possíveis distorções, vem sendo cada vez mais utilizada e tem uma metodologia bem estruturada. A memória, nesse sentido, não é um mero repositório passivo, mas um princípio ativo e um trabalho, que reconstrói e ressignifica o passado. A pesquisa combinou entrevistas com familiares, para capturar essas memórias vivas, com uma revisão bibliográfica aprofundada. O referencial teórico se apoiou em estudos de Pesavento (2003), que oferece a base para a análise do imaginário e da cultura popular, além Garcia (2000) e Marques (1995), dentre outros textos que contextualizam a temática.

A riqueza do folclore brasileiro é vasta, e no âmbito familiar, manifesta-se em ditados, crenças populares, culinária e, sobretudo, nos contos que se perpetuam. Estes relatos produzidos na manifestação de cultura espontânea, que se difunde pela palavra falada, carregam características verossímeis e a capacidade de narrar o maravilhoso e o sobrenatural, como os mitos universais presentes no folclore brasileiro, exemplificados pela figura do lobisomem. As reuniões noturnas, sem a interferência da luz elétrica, criavam um ambiente propício para a atenção e a imersão nas histórias do “Vô Alcino”, transformando o lazer em uma prática de preservação de sua memória. Este estudo buscou, portanto, desvendar as complexas relações entre a oralidade, a memória familiar e a construção de uma identidade cultural através das lentes desses contos, garantindo que essas narrativas, que tanto revelam sobre o local dos acontecimentos, a indumentária utilizada, a cultura predominante, muitas relações sociais, não se percam nas brumas do tempo.

Metodologia

A pesquisa sobre o folclore familiar adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada principalmente na história oral e na revisão bibliográfica. A escolha metodológica visou capturar a riqueza das narrativas orais e contextualizá-las dentro de um arcabouço teórico que permita uma compreensão aprofundada de suas mensagens e significados para o grupo familiar.

A pesquisa adotou um cronograma estruturado, evidenciando uma coleta

e análise de dados sistemática. As etapas principais incluíram entrevistas com familiares e a revisão bibliográfica.

As entrevistas foram o foco da coleta dos dados, alinhadas ao objetivo de identificar as relações sociais e costumes de época no próprio grupo de convívio familiar. As entrevistas, realizadas com membros da família que detêm a memória dessas histórias, foram muito importantes para o registro dos contos que, de outra forma, poderiam se perder no tempo. A história oral se apresenta como um método de recolhimento de informações por meio de pessoas que vivenciaram algum fato ocorrido, geralmente idosos. Embora reconheça a subjetividade da memória, a história oral é valorizada por sua capacidade de recolhimento e análise da memória dos mais velhos. Assim, a memória não é apenas substrato passivo, um manancial de sobrevivência vestigiais, mas um princípio ativo e um trabalho, enquanto um permanente refazer, ou, ainda, uma ação representativa ou auto representativa, que confere unidade no tempo. Isso justifica a confiança nas narrativas coletadas, não como verdades factuais absolutas, mas como representações culturais e emocionais que moldam a identidade familiar.

As entrevistas foram projetadas para serem conversas abertas e semiestruturadas, permitindo que os narradores compartilhassem os contos de forma espontânea, incluindo detalhes sobre o contexto, os sentimentos envolvidos e as interpretações pessoais. A atenção foi dada não apenas ao conteúdo das histórias, mas também à forma como eram contadas, aos gestos, às entonações e à emoção, elementos que reforçam o caráter folclórico e a transmissão oral.

A revisão bibliográfica, que complementou as entrevistas, foi fundamental para embasar teoricamente a análise dos contos, permitindo estabelecer um diálogo com conceitos de folclore, história cultural, imaginário e oralidade. As referências listadas fornecem a base para compreender a natureza e a função dessas narrativas na cultura familiar e na sociedade mais ampla.

A pesquisa foi planejada e executada ao longo de dois meses, no ano de 2006. Em agosto de 2006, o trabalho teve início com a elaboração do projeto, realizada nos dias 18 e 19. Logo em seguida, nos dias 26 e 27, procedeu-se à coleta dos dados.

O mês de setembro de 2006 foi focado na análise dos dados e redação do texto final. O processo culminou no dia 16 de setembro com a finalização da pesquisa.

Referencial teórico

O referencial teórico desta pesquisa foi construído sobre pilares que abordam a história oral, a história cultural, o imaginário e a natureza do folclore. A análise dos contos familiares buscou compreender a dimensão cultural e social dessas narrativas, transcendendo a mera função de entretenimento.

O folclore como patrimônio cultural e memória coletiva

O estudo se amparou na compreensão do folclore como um conjunto de atributos transmitidos de pai para filho oralmente, que forma a filosofia popular e assegura a continuidade dos ensinamentos. Esta perspectiva ressoa com a ideia de que toda produção da humanidade deve ser preservada através de registros, possibilitando ao futuro beber nessas fontes, que sempre serviram de ensinamentos e base para a evolução e crescimento de todos os povos.

Garcia (2000) foi central para a definição e a importância do folclore. Segundo a autora,

O folclore é constituído pelos saberes populares selecionados como elementos valiosos e identificadores de cada povo. As diversidades regionais marcam as características predominantes das maneiras de pensar, viver e agir: indicam os padrões culturais aceitos pela maioria dos habitantes: mostram as habilidades desenvolvidas, as soluções criadas/encontradas para resolver seus problemas: evidenciam a adaptação ao meio ambiente e os condicionamentos determinantes deste ou daquele modo de vida. Situam a comunidade no tempo e no espaço: apresentam as contribuições étnicas recebidas, numa integração peculiar e, para o grupo, sempre natural e harmoniosa (Garcia, 2000, p. 16).

Esta citação sublinha a riqueza e a função do folclore como espelho da identidade de um povo e, por extensão, de um grupo familiar.

Marques (1992), ao citar Lima, complementa essa visão ao definir o conto popular, ou causo, como

[...] o relato produzido na manifestação de cultura espontânea, que se difunde pela palavra falada. É a história do conto folclórico, o causo, que tem características verossímeis e que pode ocorrer nas circunstâncias do maravilhoso e sobrenatural (Lima *apud* Marques, 1992, p. 43).

Esta definição foi importante para a análise dos contos familiares, que frequentemente transitam entre o real e o fantástico.

O imaginário e a história cultural

A pesquisa aprofundou a dimensão do imaginária, que sempre revelou a forma de vida das coletividades e suas relações com o divino, o sobrenatural, o

medo, a virtude, entre outras manifestações. Pesavento (2003) é uma referência fundamental. A autora define o imaginário como um sistema nos permite entender que ele consiste em um conjunto relativamente coeso e estruturado. Como um sistema de representações coletivas, ele não apenas sugere a criação de um mundo simbólico que se sobrepõe à realidade, mas também evidencia que essa construção é socialmente compartilhada e se desenvolve ao longo da história. Essa perspectiva permite analisar como os contos familiares não são apenas histórias, mas construções sociais que refletem e moldam a percepção da realidade do grupo. O imaginário, ao alterar a percepção das pessoas, é a chave para entender como eventos ordinários ou sons estranhos podiam ser atribuídos a seres míticos ou ao sobrenatural em épocas passadas.

A influência da “Nova História” e do movimento dos Annales, conforme discutido por Flamarion e Vainfas (1997), também é relevante. A história cultural, ao se contrapor à história positivista e focar nas massas anônimas, seus modos de viver, pensar e agir, valida a pesquisa sobre manifestações populares e o cotidiano. A “Nova História Cultural” resgata a importância da ficção, da narrativa, utilizada nos contos, fábulas, mitos e lendas, além do conceito de imaginário, essenciais para este trabalho.

Mitos e universalidade do folclore

A presença de mitos universais nos contos familiares, como o do lobisomem, foi um ponto de análise. Ribeiro (2002) oferece reflexões importantes sobre a disseminação dessas figuras. Mitos servem primariamente para desvendar os protótipos que fundamentam todos os ritos e atividades humanas que possuam um significado profundo. Isso destaca o papel educativo e moral dos mitos, mesmo em contos de caráter aparentemente meramente fantástico.

A cultura brasileira inclui outros mitos universais, como: sereias, bruxas, boitatá e mula sem cabeça, totalmente integrados no folclore brasileiro. A presença de temas e arquétipos universais nos contos familiares, ao mesmo tempo em que valoriza as particularidades e as adaptações regionais dessas narrativas no contexto brasileiro e, mais especificamente, no seio da família pesquisada.

Oralidade e transmissão de conhecimento

A importância da oralidade como forma de transmissão de conhecimento é abordada pela perspectiva de Lukesch (1976). A referência aos indígenas que tinham o maior prazer em contar suas histórias e as aprendiam desde meninos na calada da noite e tinham alguém experiente com conhecimento na sua tradição oral pelo respeito que davam a transmissão de suas memórias, estabelece um

paralelo com a prática familiar de contar histórias, especialmente pelo “Vô Alcino». Isso reforça a ideia de que a oralidade não é apenas um meio, mas um veículo cultural que carrega consigo sabedoria e tradição.

Ainda, Quintás (1992) contribui com a reflexão, ao explicar que o ser humano é fundamentalmente um ser de interação. Ele se forma, evolui e se aprimora ao se relacionar com a realidade do ambiente ao seu redor, que inicialmente lhe é estranha, separada e alheia. Esses conceitos contextualizam o saber empírico e a capacidade de adaptação e aprendizado dos antepassados, muitos dos quais não frequentaram escolas, mas acumularam vasto conhecimento através da vivência e da transmissão oral.

Diante do exposto, este referencial teórico construiu uma base para a compreensão do folclore familiar, evidenciando que as narrativas orais não são meros entretenimentos, mas complexos sistemas de representações coletivas. As contribuições de Garcia e Marques permitiram dimensionar o folclore como um patrimônio vivo e dinâmico, enquanto Pesavento, Flamarion e Vainfas ofereceram as ferramentas para decifrar o imaginário que molda a percepção e o comportamento do grupo. A análise dos mitos, com a perspectiva de Ribeiro, revelou a intersecção entre o universal e o regional nas crenças populares. Por fim, a reflexão de Lukesch e Quintás reforçou a oralidade como pilar da transmissão do conhecimento e da própria constituição do ser humano. Assim, munido desses conceitos, este estudo buscou desvendar as camadas de significado dos contos familiares, reconhecendo-os como veículos essenciais para a memória, a identidade e a coesão social.

Resultados e Análise dos Dados

A análise dos contos familiares revelou um universo rico de narrativas que se estendem muito além da mera função de entretenimento. Estas histórias representam um complexo sistema de representações coletivas que não apenas preservam a memória, os valores e os costumes de uma época, mas também funcionam como um elo vital com o passado, revelando aspectos da vida cotidiana, das relações sociais e da cosmovisão de um grupo familiar específico.

A oralidade, neste contexto, emerge como um pilar fundamental da transmissão do conhecimento e da própria constituição do ser humano, como abordado por Lukesch (1976) e Quintás (1992). Foram coletados diversos contos que, enraizados na memória familiar, e com destaque para a figura central do Vô Alcino, demonstram a perpetuação dessas tradições como um verdadeiro patrimônio cultural e uma memória coletiva. As narrativas colhidas não são meros fragmentos do passado, mas sim saberes populares selecionados, que, como destaca Garcia (2000), são constituídos pelos saberes

populares selecionados como elementos valiosos e identificadores de cada povo, refletindo as características predominantes de maneiras de pensar, viver e agir da comunidade.

Conflitos e convivência com populações indígenas

As histórias envolvendo indígenas, frequentemente as preferidas da família, ilustram de forma vívida a complexidade das interações interétnicas, que oscilam entre episódios de conflito e momentos de convivência harmoniosa. Elas se inserem na compreensão do folclore como um espelho da identidade de um povo, que evidencia as soluções criadas/encontradas para resolver seus problemas e a adaptação ao meio ambiente, conforme pontuado por Garcia (2000).

O conto de *Zé Zabéla e o Açúcar nas Furnas* narra um incidente em Santa Catarina que culminou em um conflito trágico. Este relato, ao descrever o roubo de açúcar e o confronto que resultou na morte de um indígena, revela as tensões e os perigos inerentes à coexistência de diferentes grupos em um território disputado. A observação de *Zé Zabéla* de um ritual fúnebre indígena, embora permeada por sua própria interpretação, aponta para a existência de culturas e sistemas de crenças distintos que se manifestavam em face da adversidade. Este episódio, transmitido oralmente, não apenas registra um evento histórico para a família, mas também funciona como um lembrete das complexidades e, por vezes, da violência que marcaram as fronteiras culturais, contribuindo para a filosofia popular que assegura a continuidade dos ensinamentos sobre a interação com o outro, seja ele aliado ou adversário, conforme a perspectiva de Lukesch (1976) sobre a oralidade como veículo de sabedoria e tradição.

Em contraste, a história de *Pai Venço e a Indiazinha Clotilde* apresenta uma faceta mais solidária e integradora das relações interétnicas. O professor autodidata Juvêncio Pedro da Silva, conhecido como *Pai Venço*, ao acolher e educar a indiazinha *Clotilde*, demonstra uma forma de maneira de pensar, viver e agir que transcende os conflitos, sublinhando a valorização da educação e do saber na família. Este conto é um exemplo notável de como as narrativas familiares, como construções sociais, refletem e moldam a percepção da realidade do grupo. A trajetória de *Clotilde*, que se tornou professora, e a proeminência de figuras como o tio-avô Pedro, um gênio da matemática, reforçam a ideia de que a interação humana, fundamental para a formação e aprimoramento do indivíduo, como explica Quintás (1992), pode levar a uma rica troca cultural e ao desenvolvimento de uma identidade coletiva que incorpora contribuições étnicas recebidas, numa integração peculiar e, para o grupo, sempre natural e harmoniosa.

A *Fuga para Nonoai* é um conto que evidencia a resiliência e a coesão familiar diante do preconceito social da época. A decisão do tio do avô do autor

de se juntar aos indígenas para fugir de uma situação de vergonha social revela uma aliança inesperada e uma confiança mútua que desafia as convenções. Esta narrativa se alinha à “Nova História Cultural” de Flamarion e Vainfas (1997), que se contrapõe à história positivista ao focar nas massas anônimas, seus modos de viver, pensar e agir, validando a pesquisa sobre manifestações populares e o cotidiano. A história mostra como a ficção e a narrativa são utilizadas nos contos para resgatar a importância do imaginário na compreensão das experiências vividas, e como a família buscou uma solução radical para um problema social através da interação com outra cultura, indicando uma adaptação ao meio ambiente e a criação de soluções para problemas em um contexto de luta entre índios e brancos.

Por fim, A Caçada à Onça em Nonoai com o tio do avô do autor e dois amigos indígenas, ilustra a sabedoria e a perícia dos povos nativos. O aparente abandono inicial do companheiro se revela uma estratégia de caça sofisticada, demonstrando o conhecimento profundo dos indígenas sobre a natureza e suas técnicas de sobrevivência. Este episódio, que se transforma de um momento de susto em uma lição de respeito e camaradagem, destaca como o folclore reflete as habilidades desenvolvidas e as soluções criadas/encontradas por um povo, conforme Garcia (2000). A narrativa reforça a ideia de que a convivência leva ao entendimento e à valorização das diferentes maneiras de pensar, viver e agir, promovendo uma integração baseada no respeito mútuo.

O cotidiano e o extraordinário na vida do Vô Alcino

A figura do Vô Alcino emerge como um ponto central nas narrativas familiares, não apenas como um exímio contador de histórias, mas como um protagonista que encarna o modo de vida e as crenças de sua época. Ele representa a personificação do imaginário que, segundo Pesavento (2003), revelou a forma de vida das coletividades e suas relações com o divino, o sobrenatural, o medo, a virtude, entre outras manifestações. Sua centralidade nas narrativas reforça a importância da oralidade como um veículo cultural que carrega consigo sabedoria e tradição, espelhando a referência aos indígenas que transmitiam suas memórias com prazer, como citado por Lukesch (1976).

O conto Vô Alcino, o Artesão e Empreendedor, o descreve como um homem de múltiplas habilidades, capaz de construir e operar um engenho, além de ser um mestre artesão em couro. Essa narrativa ilustra o saber empírico e a capacidade de adaptação e aprendizado dos antepassados que, sem acesso à educação formal, acumulavam vasto conhecimento através da vivência e da transmissão oral. A generosidade de Vô Alcino, ao compartilhar seu conhecimento com o argentino, evidencia a valorização do saber transmitido e

a continuidade dos ensinamentos que, para Garcia (2000), são parte da filosofia popular que constitui o folclore. As habilidades desenvolvidas por ele são um testemunho das soluções criadas/encontradas para resolver seus problemas em um contexto de recursos limitados.

A história da “Praiada” e o Engenho Misteriosamente Iluminado é um exemplo clássico da fronteira tênue entre o real e o sobrenatural que permeia o imaginário popular. O viajante que vê o engenho iluminado e ouve vozes quando deveria estar deserto, e a subsequente confirmação de que todos estavam na praia, demonstra como o imaginário, ao alterar a percepção das pessoas, é a chave para entender como eventos ordinários ou sons estranhos podiam ser atribuídos a seres míticos ou ao sobrenatural em épocas passadas. Este caso, como definido por Marques (1992) ao citar Lima, transita entre o real e o fantástico, evidenciando um sistema de representações coletivas que constrói um mundo simbólico que se sobrepõe à realidade, socialmente compartilhado e que molda a percepção da realidade do grupo.

Em Vô Alcino, o Inspetor de Quarteirão, sua figura é humanizada como um pilar da comunidade, um homem de integridade e senso de dever que mantinha a ordem sem a necessidade de armas de fogo, utilizando apenas sua “soiteira”. Essa narrativa mostra os padrões culturais aceitos pela maioria dos habitantes” e a importância de figuras de autoridade moral que, mesmo sem cargos políticos formais, desfrutavam de grande prestígio. A recusa de Vô Alcino em aceitar ajuda política ou candidatar-se a cargos demonstra seus valores inabaláveis de honestidade e serviço público. A comparação com xerifes dos filmes americanos feita pelos netos ressalta a idealização e o impacto duradouro de sua figura nas gerações seguintes, evidenciando como as narrativas familiares constroem a memória coletiva e a identidade do grupo.

O conto O Cachorro Branco na Fábrica de Calçados é mais uma manifestação do maravilhoso e sobrenatural presente nas crenças populares. O encontro com o enorme cachorro branco, de comportamento incomum e assustador para o cão da família, Tubarão, reflete o imaginário como um sistema de representações coletivas que cria um mundo simbólico que se sobrepõe à realidade. Este tipo de história, que desafia a lógica e causa temor, alinha-se à dimensão do imaginário que explora a relação com o medo e o inexplicável, reforçando a crença em seres misteriosos que coexistem com o cotidiano e contribuem para a construção de uma cosmovisão particular da comunidade.

Crenças populares e o sobrenatural

As narrativas familiares são ricamente permeadas por elementos do maravilhoso e do sobrenatural, refletindo as crenças populares que moldavam

a compreensão do mundo em uma época específica. Tais elementos, como explica Pesavento (2003), compõem um sistema de representações coletivas que sugere a criação de um mundo simbólico que se sobrepõe à realidade, em que o inexplicável encontrava sua explicação em figuras míticas.

O conto *O Caixão de Defunto nas Furnas* ilustra de forma dramática a influência do ambiente e das condições de vida na formação do imaginário popular. A experiência de Bertinho e seu amigo, aterrorizados por um caixão que os seguia, destaca como a ausência de luz elétrica e a crença em figuras como o saci, lobisomem e bruxas criavam um pano de fundo para a manifestação do sobrenatural e do medo. Este conto se encaixa perfeitamente na definição do conto popular ou *causo*, que, segundo Lima (*apud* Marques, 1992), pode ocorrer nas circunstâncias do maravilhoso e sobrenatural. A presença de tais narrativas no cotidiano demonstra como os mitos, mesmo os assustadores, servem para desvendar os protótipos que fundamentam todos os ritos e atividades humanas que possuam um significado profundo, cumprindo um papel educativo e moral, alertando e explicando o inexplicável.

A história de Binda e Béla, *Curandeiros e Protetores*, o casal de irmãos negros descendentes de escravizados, revela a coexistência de diferentes saberes e a importância de figuras de referência na comunidade. Almerindo e Rubéla, juntamente com Vô Alcino, que também atuava como curandeiro, representam o conhecimento popular e o saber empírico que se somavam à autoridade formal. Eles eram procurados em momentos de medo ou estranheza, evidenciando o papel do folclore e do curandeirismo na resolução de problemas e na compreensão do mundo, especialmente em comunidades com acesso limitado à medicina e à justiça formais. Esta narrativa destaca as contribuições étnicas recebidas e a integração peculiar de conhecimentos que formam a identidade cultural de um povo.

O conto *O Lobisomem Jardim* é um exemplo clássico da atribuição de fenômenos inexplicáveis a figuras míticas. A crença popular de que o boi Jardim havia se transformado em lobisomem, apesar da observação factual de que ele estava bem preso, demonstra o poder do imaginário em alterar a percepção das pessoas e em atribuir eventos ordinários a seres míticos ou ao sobrenatural. Esta narrativa reforça a persistência das crenças folclóricas mesmo diante da racionalidade, sublinhando como as construções sociais refletem e moldam a percepção da realidade do grupo. O mito do lobisomem, um dos mitos universais mencionados por Ribeiro (2002), encontra sua adaptação regional e familiar, mostrando que, mesmo em face da realidade, a narrativa mítica mantém seu papel educativo e moral, servindo para explicar o inexplicável e solidificar crenças coletivas.

Outras manifestações do folclore familiar

Além dos contos detalhados, a vasta gama de outras histórias que circulam na família, como a tia que queria pegar o gorro do Saci, o tio que viu um homem levantar do meio de uma matilha de cachorros, e as bruxas trançando as crinas dos cavalos, corrobora a onipresença de elementos fantásticos e sobrenaturais no cotidiano da família. Essas menções, embora não aprofundadas, são indicativas de como a “Nova História Cultural” de Flamarion e Vainfas (1997) resgata a importância da ficção, da narrativa, utilizada nos contos, fábulas, mitos e lendas, além do conceito de imaginário, como elementos essenciais para compreender a cultura e a vida popular.

Essas narrativas, mesmo em sua brevidade, atestam que o folclore se manifesta de diversas formas, confirmando o entendimento de que se trata de um conjunto de atributos transmitidos de pai para filho oralmente, que forma a filosofia popular e assegura a continuidade dos ensinamentos. A recorrência de temas como o Saci, as bolas de fogo e as bruxas demonstra a forte integração de mitos universais no folclore brasileiro e, mais especificamente, no seio desta família. Cada uma dessas histórias, por mais singela que possa parecer, é um fragmento da memória coletiva que molda a identidade de um povo, preservando um legado cultural que é constantemente recriado e reinterpretado através da palavra falada.

Em síntese, os resultados obtidos na coleta e análise dos contos familiares revelam que essas narrativas são muito mais do que simples histórias. Elas são veículos de memória, guardiãs de valores culturais, ilustram relações sociais complexas – como as interações com os povos indígenas, que oscilam entre conflito e integração – e refletem a cosmovisão de um povo em um tempo e espaço específicos. As histórias de Zé Zabéla, Pai Venço, Vô Alcino e os diversos episódios sobrenaturais demonstram como o folclore era intrínseco à vida, moldando a compreensão do mundo e fortalecendo os laços familiares. Essas narrativas orais, complexos sistemas de representações coletivas, servem como pilares para a memória, a identidade e a coesão social. Elas não apenas entretêm, mas educam, contextualizam e perpetuam um legado cultural vivo e dinâmico, transmitido de geração em geração, que continua a dar sentido e forma à experiência humana.

Conclusão

A presente pesquisa mergulhou no universo dos contos familiares com o objetivo central de identificar as relações sociais e os costumes de época que se entrelaçam no próprio grupo de convívio familiar, revelando as

camadas de significado ocultas nas narrativas cotidianas. O problema central buscou responder às mensagens contidas nesses contos que colaboram para o desenvolvimento do conhecimento, da educação, da maneira de ver o mundo e da união familiar. A hipótese que orientou o estudo defendia que os contos seriam valorizados na família como uma forma de entretenimento para crianças e jovens, atuando como catalisadores de encontros e reforçadores de laços afetivos e culturais.

Os resultados obtidos, fundamentados em uma metodologia de história oral e revisão bibliográfica, confirmaram que os contos familiares transcendem a mera função de entretenimento. Eles se revelaram veículos ricos para a memória, guardiões de valores e costumes de uma época, funcionando como um elo vital entre o passado e o presente. A oralidade emergiu como um pilar fundamental na transmissão do conhecimento e na própria constituição do ser humano. As narrativas colhidas não são meros fragmentos do passado, mas saberes populares selecionados que são constituídos pelos saberes populares selecionados como elementos valiosos e identificadores de cada povo, refletindo as maneiras de pensar, viver e agir da comunidade.

As implicações desses achados são múltiplas e significativas. As histórias envolvendo populações indígenas, por exemplo, não apenas ilustraram os conflitos trágicos e as tensões inerentes à coexistência, como no caso de *Zé Zabéla* e *o Açúcar nas Furnas*, mas também revelaram uma surpreendente capacidade de solidariedade e integração, exemplificada por *Pai Venço* e *a Indiazinha Clotilde*, que se tornou professora. *A Fuga para Nonoai* e *A Caçada à Onça em Nonoai* demonstram a resiliência familiar e o respeito mútuo desenvolvidos através da convivência, mostrando que o folclore evidencia as soluções criadas/encontradas para resolver seus problemas e a adaptação ao meio ambiente. Tais narrativas reforçam como o imaginário reflete e molda a percepção da realidade do grupo, especialmente em situações de intersecção cultural.

A figura de *Vô Alcino*, o artesão, empreendedor e inspetor de quarteirão, solidifica a importância da oralidade como veículo cultural que carrega sabedoria e tradição. Sua capacidade de ser protagonista e narrador de histórias que transitam entre o cotidiano e o extraordinário, como *“A Praiada”* e *o Engenho Misteriosamente Iluminado* ou *O Cachorro Branco na Fábrica de Calçados*, ilustra perfeitamente como o caso pode ocorrer nas circunstâncias do maravilhoso e sobrenatural. A valorização de sua figura como um pilar da comunidade e o impacto de seus valores nas gerações seguintes demonstram como as narrativas familiares constroem a memória coletiva e a identidade.

A pesquisa igualmente confirmou a forte presença de crenças populares e do sobrenatural, que permeiam os contos e moldavam a cosmovisão familiar. Histórias como *O Caixão de Defunto nas Furnas*, *Binda* e *Béla Curandeiros*

e Protetores, e O Lobisomem Jardim, evidenciam o poder do imaginário em atribuir significados a fenômenos inexplicáveis, mesmo diante de observações factuais. A persistência desses mitos, muitos deles universais e integrados ao folclore brasileiro sublinha seu papel educativo e moral, servindo para explicar o inexplicável e solidificar crenças coletivas que são essenciais para compreender a cultura e a vida popular.

Dessa forma, a pesquisa responde afirmativamente à questão central: as mensagens contidas nesses contos, ao retratarem relações sociais complexas, valores éticos, sabedoria empírica e a interação com o desconhecido, colaboram significativamente para o desenvolvimento do conhecimento, da educação sobre o passado, da maneira de ver o mundo e, sobretudo, para a união familiar. A hipótese foi plenamente confirmada, pois os contos, transmitidos e valorizados, atuaram como poderosos catalisadores de encontros e reforçadores de laços afetivos e culturais, garantindo que essas narrativas não se percam nas brumas do tempo.

Apesar das ricas contribuições, este estudo possui algumas limitações. O foco em um único grupo familiar restringe a generalização direta dos resultados para outras comunidades. A natureza subjetiva da história oral, embora reconhecida e valorizada pela metodologia, impõe uma dependência da memória e suas possíveis distorções, um aspecto inerente a essa abordagem. Além disso, o cronograma de dois meses para coleta e análise de dados em 2006, embora sistemático, pode ter limitado a profundidade e a abrangência das narrativas que poderiam ter sido exploradas.

Para futuras pesquisas, sugere-se a realização de estudos comparativos com outras famílias ou comunidades para analisar a diversidade e as convergências nas tradições do folclore familiar. A investigação da evolução desses contos ao longo de várias gerações, por meio de abordagens longitudinais, poderia oferecer insights sobre como as narrativas se adaptam e mantêm sua relevância cultural. Seria valioso explorar também os impactos psicológicos dessas tradições orais na formação da identidade individual e coletiva, bem como o potencial pedagógico de integrar tais narrativas em contextos educacionais formais.

Em síntese, esta pesquisa oferece uma contribuição significativa ao campo do folclore e da história cultural, ao documentar e analisar a riqueza dos contos familiares como um patrimônio cultural vivo e dinâmico. Ela reforça o papel insubstituível da oralidade na preservação da memória, na transmissão de valores e na formação da identidade e coesão social. Ao desvendar as camadas de significado dessas narrativas, o estudo não apenas garante que um valioso legado não se perca, mas também sublinha a eterna necessidade humana de contar histórias para compreender, educar e conectar as gerações, assegurando que o folclore familiar continue a dar sentido e forma à experiência humana.

Referências

FLAMARION, C.; VAINFAS, R. (org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

GARCIA, R. M. R. (org.). **Para compreender e aplicar folclore na escola**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore: Comissão de Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2000.

LUKESCH, A. **Mito e vida dos índios Caiapós**. Tradução de Trude Arneitz Von Laschan Solstein; revisão técnica de Renata Brigitte Viertler. São Paulo: Pioneira; Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

MARQUES, L. A. B. *et al.* **Rio Grande do Sul**: aspectos do folclore. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1995.

PESAVENTO, S. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

QUINTÁS, A. L. **Estética**. Petrópolis: Vozes, 1992.

RIBEIRO, P. S. **Folclore**: similaridades nos países do Mercosul. Lendas, mitos, religiosidades, medicina e crenças do povo. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.

MULHER, FOLCLORE E TRADICIONALISMO

Márcia Cristina Borges da Silva

Introdução

Este trabalho busca apresentar o papel da Mulher no tradicionalismo e no folclore Rio-Grandense. Ao pesquisar sobre o substantivo feminino, a palavra mulher, encontramos as mais variadas definições, mas destaco a que deriva do latim MULIERE, que se trata de um ser adulto do sexo e gênero feminino.

A mulher também é um animal bípede da ordem dos primatas pertencente a espécie Homo Sapiens.

Já ao buscar definição nas escrituras sagradas, a Bíblia nos revela que a Mulher não foi criada para ser um ser inferior e sim como parte essencial do plano divino.

Desenvolvimento

Ao desenvolver esta pesquisa trouxe informações para subsidiar a busca do conhecimento. Dou início à temática trazendo questionamentos onde podemos tratar sobre a identidade étnico-social feminina no Rio Grande do Sul sobre vários aspectos:

1. De que forma a Mulher era participativa na sociedade gaúcha no Séc. XVIII?
2. Onde se encontravam as Mulheres do RS?
3. E como era sua identidade como Mulheres Gaúchas?

Ao tratarmos dos itens acima, podemos destacar:

- Todos os pontos questionados são formadores de uma identidade fragilizada das mulheres, onde para elas foram dados papéis secundários e muitas vezes invisíveis;
- Estas mulheres participavam na sociedade realizando atividades que iam desde a responsabilidade pela sobrevivência e manutenção familiar, pois os homens estavam nas batalhas e guerras, tendo elas até que

manter a economia do Rio Grande do Sul durante muitos anos, devido os inúmeros conflitos.

- Sua identidade era apagada, pois não era escrito ou destacado o papel da mulher e suas realizações diárias, tratava-se de um período em que a tradição cultural dava um papel de procriação, do lar e educadora dos filhos, papel este secundário das histórias e literaturas, onde predominavam os homens com seus fatos heroicos e valentes.

Mas estas mulheres gaúchas foram bem mais do que esta cultura lhe impusera. Foram fortes, guerreiras, trabalhadoras, mães exemplares e sustentaram suas famílias durante muitos e longos períodos sozinhas em seus lares.

Nos dias atuais as mulheres ainda formam maioria em desigualdades, mesmo com avanço das Leis e mudanças culturais.

A formação étnica e cultural da mulher gaúcha no Rio Grande do Sul representa uma das maiores riquezas do nosso povo. A população foi formada por mulheres indígenas, escravas africanas e imigrantes como as portuguesas, alemãs, italianas, polonesas e etc...

Discutir a questão de gênero, principalmente feminina é resgatar a contribuição e a preservação da memória, da história e das tradições do Rio Grande do Sul.

Quando as mulheres buscam espaços de poder no tradicional mundo masculino, possuem suas atividades relacionadas com a saúde, educação, família, crianças, idosos, tornando suas vidas vinculadas a função material, onde retorna a cultura machista, em que as mulheres obtinham funções específicas na sociedade, não possuindo maiores destaques.

A formação da identidade gaúcha pelo olhar feminino nos faz questionar e buscar respostas para diversos fatores, tais como: a desigualdade, as obrigações, a submissão e a falta de reconhecimento social.

Para reconhecer foi necessário um esforço no sentido de tornar possível o que por muitos séculos esteve invisível.

As atividades iniciais das mulheres gaúchas na sociedade Rio-Grandense nos séculos XVIII e XIX foram as seguintes:

- Educação dos filhos
- Cuidados com as crianças e idosos
- Cozinhar
- Costurar
- Cuidar da casa
- Reproduzir
- Cuidar de tudo e todos

Participação das mulheres indígenas no Rio Grande do Sul

Gês – Faziam arcos e redes de dormir.

Cuidavam da roça.

Choco ou couvade.

Guaranis – viviam para a economia doméstica.

Faziam trabalhos em cerâmica.

Depois da saída dos jesuítas a mulher guarani era cobiça para homens brancos.

Pampeanos – Maneira como as mulheres ostentavam o luto cortando falange dos dedos.

Mães charruas carregavam os filhos em bolsa de couro.

Participação das mulheres portuguesas na formação étnica do Rio Grande do Sul

Vieram para o RS após a chegada dos Portugueses em 1737. Vieram da Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro para se casar com os militares e formarem famílias (Sesmarias/ muitos filhos).

- Açorianas chegaram em 1752 com mulheres ligadas a família, com conduta moral e civil.
- Eram mulheres rudes, vigorosas, ilhotas alegres e dançantes.

Participação da mulher espanhola na formação étnica do Rio Grande do Sul

- Trabalhavam em casa como modistas e costureiras.
- Quando os maridos foram para a guerra eram o alicerce da família.
- Trabalhavam, visão comercial.

Participação das mulheres negras na formação do Rio Grande do Sul

- Vieram como escravas.
- Maiores vítimas do contexto social.
- Divertir homens brancos.
- Quilombos gaúchos iniciaram por mulheres.

Papel das mulheres imigrantes no Rio Grande do Sul

Alemãs

- Chegaram em 1824.
- Trabalhavam na lavoura.
- Cuidavam da família.

Italianas

- Chegaram em 1875.
 - Povo muito alegre, religiosos – católicos fervorosos.
- Polonesas
- Vieram em 1875.
 - Escola e igreja.
 - Agricultura.

O papel da mulher e sua contribuição no folclore gaúcho

O folclore relativo à mulher é muito rico, pois ele transcende gerações com hábitos e costumes nos mais variados aspectos culturais de nosso Estado.

As mulheres já nascem aprendendo hábitos e costumes da cultura Rio-Grandense, tais como:

Adivinhar gravidez:

- Criança olhar por baixo das pernas.
- Duas pessoas após pausa falar ao mesmo tempo.
- Receita para engravidar.
- Colocar açúcar na janela para atrair a cegonha.
- Par de sapatinhos (pessoa boa), com balas colocar na grama (São Cosme e São Damião).

Saber o sexo do bebê:

- Formato da barriga.
- Rosto da mulher.
- Mostrar a mão.
- Redemoinho do cabelo do filho mais velho.

Menstruação:

- Primeira chamada de menarca.
- Não deve se molhar.
- Não deve comer uva, nem tomar vinho tinto. Hemorragia.
- Não pode bater maionese, bolo ou merengue, desanda.
- Não pode pegar sol ou sentar-se em pedra quente.
- Não pode lavar o cabelo.

A colaboração da mulher no folclore gaúcho não se limita apenas aos itens anteriores citados, ele está presente no dia a dia das famílias, nos hábitos e costumes. Na transmissão dos valores, dos aprendizados, do exemplo e principalmente do amor e respeito por este nosso Rio Grande do Sul. Também é transmitido no hábito de tomar mate, tomar chá, fazer artesanato, ditos, lendas, causos, contos e muitos outros fatores que são passados de geração para geração.

Mulheres no tradicionalismo

- Sua participação se deu em 1949, após uma viagem dos rapazes do 35 CTG ao Uruguai.
- Criação da 1ª Invernada das Prendas em 17 de julho de 1949.
- Primeira Posteira Lory Meirelles Kerpem.
- Primeiras Mulheres Marília e Ludimila Zarrans.
- Participaram da 1ª Invernada.
- Ocuparam espaços de forma singela no tradicionalismo.
- Hoje ocupam cargo e se destacam.

No tradicionalismo gaúcho esse aspecto não foi diferente, A mulher sempre foi tratada como uma joia, sendo chamada de Prenda, mas com limitações em suas tarefas e atribuições dentro da sociedade.

Quando nos anos de 1948 foi fundado o Primeiro CTG do tradicionalismo organizado, o 35 CTG de Porto Alegre, as mulheres não podiam participar. Motivo este ligado a questões culturais já pré-existente por estes pagos gaúchos.

O Centro de Tradições Gaúchas possui deste seu início uma nomenclatura trazida da estância, da região da campanha do Rio Grande do Sul. Desta forma o galpão que é a sede do Centro de tradições gaúchas é uma representação do galpão das estâncias ou fazendas, onde as mulheres não podiam estar presentes nos momentos do dia em que a peonada se reunia.

Então, assim se sucedeu na fundação do 35 CTG, apenas homens podiam participar. As moças irmãs, amigas e namoradas dos fundadores ficavam muito chateadas por não poderem frequentar as reuniões da peonada nos sábados à tarde.

Somente ao retorno de uma viagem ao Uruguai em 1949 foi criado então a Primeira Invernada da Prendas ou das Moças do 35 CTG, Entidade Pioneira do RS. No dia 17 de junho de 1949, onde foi formado esta invernada pelas irmãs, primas, amigas e namoradas dos rapazes pioneiros que fundaram o 35 CTG.

Atualmente as mulheres ocupam cargos de Patroas, Coordenadoras Regionais, Presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho, bem como neste ano foi aprovado o tema no Congresso Tradicionalista que trata sobre a Violência Contra as Mulheres, proporcionando uma conscientização ao respeito, dignidade e consciência referente a essa desigualdade social e cultural.

Precisamos tratar a questão da igualdade em nossa sociedade, em todos os aspectos referentes a participação da mulher. Nosso estado está evoluindo muito a cada dia e os projetos de conscientização se fazem presentes na mídia, na rede escolar e nas instituições.

Considerações finais

Ao resgatar temas referentes Mulher Gaúcha nos reportamos a identidade de nosso povo através dos hábitos, costumes, atitudes. Com certeza fortalecemos a importância da conscientização e os conhecimentos proposto a cada linha escrita.

A pesquisa nos mobiliza a buscar fatos e proporcionar mudanças que sejam positivas para a sociedade. A intenção não é mudar culturas e sim conhecê-las para melhor compreender tudo que ocorreu no decorrer dos séculos, bem como, estimular as mudanças benéficas na sociedade, mas sempre preservando os valores primordiais da sua formação étnica.

AS CASAS DE LATA: MEMÓRIA, IDENTIDADE E FOLCLORE NA FRONTEIRA GAÚCHA

Nivaldo Rosa

Introdução

As paisagens urbanas são repletas de elementos que, à primeira vista, podem ser interpretados como meros vestígios de processos econômicos ou sociais. Contudo, em uma observação mais atenta, revelam-se como repositórios densos de significado cultural, reunindo narrativas de adaptação, criatividade e resistência. No contexto da fronteira sul-rio-grandense, as enigmáticas casas de lata de Santana do Livramento apresentam-se como uma singular e poderosa manifestação dessa paisagem cultural. O brilho metálico que recobre suas fachadas e as múltiplas colorações dessas chapas, elementos inicialmente percebidos como um detalhe pitoresco da arquitetura local, são, na realidade, testemunhos materiais de um fenômeno folclórico urbano de grande relevância e complexidade.

Este texto propõe-se a analisar essas casas de lata não apenas como um exemplar de arquitetura vernácula, mas como uma profunda expressão de folclore em ambiente urbano e de cultura material. O estudo explora a origem dessas construções no contexto do Frigorífico Armour – uma multinacional de grande impacto na região – e do bairro operário adjacente, compreendendo o fenômeno a partir da criatividade popular, da reutilização engenhosa de resíduos industriais e da adaptação pragmática às rigorosas condições climáticas da fronteira. A pesquisa delinea como a prática de revestir residências com chapas metálicas descartadas transformou-se em uma expressão identitária peculiar e um repositório vívido de memória coletiva e resistência operária.

Argumenta-se que, para além de uma solução meramente pragmática ditada pela necessidade, as casas de lata constituem uma estética própria, revelando a intrínseca presença e a dinamicidade do folclore na cotidianidade. Seu surgimento e consolidação configuram um patrimônio cultural de grande significado, que reflete as relações entre indústria, trabalho, ambiente e a capacidade humana de forjar cultura a partir do improvisado e da adaptação. O

objetivo central é, portanto, desvelar a origem, o desenvolvimento e o significado cultural dessas construções, explorando a dialética entre a carência material, a inventividade popular e a constituição de uma identidade local resiliente. A metodologia empregada baseia-se na análise histórica contextualizada, na interpretação dos elementos da cultura material e na valorização das narrativas que emergem do cotidiano operário e fronteiriço, culminando na discussão de como essas residências se solidificaram como expressões de memória, afetividade e patrimônio, desafiando concepções restritivas de folclore e patrimônio cultural.

Contexto histórico e territorial

Santana do Livramento, município localizado na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, compartilha com a cidade uruguaia de Rivera uma condição peculiar de área metropolitana, gerando um espaço de hibridismo cultural e dinâmicas trinacionais que permeiam diversas esferas da vida social. Nesse cenário, a instalação do Frigorífico Armour do Brasil, uma multinacional de origem estadunidense, em 1917, representou um marco transformador para a economia e a estrutura socioespacial da região. Sua operação, que se estendeu até 1994, não apenas impulsionou o desenvolvimento industrial, mas também moldou a vida de gerações de trabalhadores e suas famílias.

O frigorífico estabeleceu uma complexa cadeia produtiva que incluía a criação e o abate de gado, bem como o beneficiamento de carnes e a produção de conservas. Parte fundamental desse processo era a latoaria internalizada, setor responsável pela fabricação das latas utilizadas para acondicionar os produtos. A produção em larga escala gerava um considerável volume de resíduos metálicos – as chapas de lata descartadas –, que, em um contexto de escassez e criatividade popular, foram ressignificadas pelos trabalhadores. O bairro Armour, surgido nas imediações da fábrica para abrigar a força de trabalho, tornou-se o foco dessa prática construtiva, configurando uma paisagem urbana singular e essencialmente ligada à história industrial da cidade. A experiência operária no Frigorífico Armour, portanto, transcendeu os limites da jornada de trabalho, estendendo-se para a esfera da moradia e da construção de uma identidade comunitária.

A construção das casas de lata

As chapas metálicas provenientes dos descartes da latoaria do Frigorífico Armour, longe de serem consideradas meros resíduos, foram rapidamente incorporadas pelos trabalhadores como um recurso construtivo valioso. Essa prática de reaproveitamento, inserida em um contexto de necessidade

e de escassez de materiais acessíveis, representa um excelente exemplo de sustentabilidade vernacular e resiliência comunitária. A principal função atribuída a essas chapas foi o revestimento externo de casas de madeira pré-existentes ou de novas construções rudimentares.

A escolha do material não foi aleatória. O rigor climático da região dos pampas, caracterizado por invernos frios e verões quentes, exigia soluções construtivas que oferecessem isolamento térmico e proteção eficaz contra intempéries. As chapas metálicas, aplicadas sobre a estrutura de madeira, demonstraram-se eficientes na contenção de calor durante as noites frias e na reflexão da irradiação solar em dias quentes, funcionando como uma barreira protetora contra ventos fortes e chuvas intensas.

A prática de revestir as casas com as chapas de lata difundiu-se rapidamente, consolidando-se como um saber coletivo. Esse conhecimento técnico-prático, transmitido oralmente e por meio da observação e emulação, transformou-se em uma estética característica do bairro Armour. O ato de construir e habitar essas casas transcendeu a mera funcionalidade, adquirindo um valor simbólico de pertencimento e identificação com a comunidade operária. A padronização da técnica, aliada à individualidade na disposição das chapas e nas suas cores originais, deu origem a um estilo arquitetônico peculiar, em que a funcionalidade e a criatividade popular se entrelaçavam, resultando em uma paisagem urbana única e reconhecível.

As casas de lata como manifestação de folclore urbano e cultura popular

O folclore transcende a ideia de manifestações rurais ou arcaicas, sendo reconhecido como um fenômeno dinâmico e presente também nos contextos urbanos. Ele se manifesta nos gestos cotidianos, nas técnicas espontâneas, na oralidade e, fundamentalmente, na profunda ligação entre uma comunidade e seu ambiente, expressando valores, crenças e modos de vida (Lima, 1985). As casas de lata de Santana do Livramento emergem, nesse sentido, como uma legítima expressão de cultura popular urbana.

Essas construções incorporam e materializam valores inerentes à comunidade operária do bairro Armour. A solidariedade se revela na partilha de conhecimentos sobre a técnica construtiva e na colaboração entre vizinhos para a obtenção e aplicação do material. O pertencimento é forjado pela identificação com uma estética comum e por um modo de habitar que reflete a história e as condições socioeconômicas de um grupo. A memória operária, por sua vez, é inscrita nas próprias paredes das casas, que testemunham o trabalho árduo no frigorífico, a engenhosidade na adaptação e a construção de um lar a partir dos resíduos da indústria que empregava seus moradores.

As casas de lata representam, portanto, um folclore vivo e em constante (re)significação. Elas são artefatos culturais que contam a história de um povo, suas lutas, suas adaptações e sua capacidade de transformar o descartável em duradouro, o resíduo em abrigo, e a necessidade em expressão estética e identidade coletiva. Constituem um tipo de patrimônio cultural que, embora não seja monumental, é profundamente significativo por sua organicidade e por sua origem na experiência comum.

A poética do cotidiano

Para além de sua funcionalidade e do valor folclórico, as casas de lata carregam uma rica dimensão poética e afetiva, profundamente enraizada na experiência sensorial e emocional de seus moradores e da comunidade. Os relatos e as lembranças evocam uma mistura de sensações: o som característico da chuva tilintando no metal, criando uma melodia orgânica; o conforto do calor retido nas noites frias, contrastando com o ambiente externo; e o reflexo mutável do sol nas fachadas metálicas, que ora cegam com seu brilho intenso, ora pintam o bairro com matizes dourados ao entardecer.

Essas vivências sensoriais transcenderam a esfera individual, solidificando-se como elementos constitutivos da memória coletiva e da identidade local. As casas de lata deixaram de ser meras moradias para se tornarem marcos emocionais e identitários, narrando a saga de uma comunidade que, a partir da adversidade e da inventividade, construiu um modo de vida singular. Elas dialogam com a memória social, evidenciando como a materialidade do cotidiano pode ser um poderoso catalisador de afetos e pertencimentos.

A valorização dessas construções como patrimônio vai além do reconhecimento de sua materialidade arquitetônica. Trata-se de preservar um patrimônio imaterial, a vida comum que nelas se desenrolou, as histórias que suas paredes metálicas testemunharam e a resiliência de um povo. Em um contexto em que a urbanização muitas vezes apaga os vestígios da cultura popular, as casas de lata ressaltam a importância de reconhecer e salvaguardar as expressões autênticas da criatividade humana, que emergem das condições mais prosaicas e, por vezes, desafiadoras.

Considerações finais

As casas de lata de Santana do Livramento representam um capítulo singular e eloquente da cultura popular gaúcha e do folclore urbano brasileiro. Sua gênese, diretamente ligada à relação dialética entre a indústria (o Frigorífico Armour), a necessidade material de uma classe trabalhadora e a inata criatividade

popular, configura um legado de resistência, adaptação e autenticidade. Essas construções são mais do que abrigos; são testemunhos materiais da capacidade humana de transformar resíduos em recursos, adversidades em soluções estéticas e funcionais, e a marginalidade em identidade e pertencimento.

A persistência da memória dessas casas, mesmo com a progressiva substituição por outras tipologias construtivas, reafirma a força do folclore no cotidiano e a importância do patrimônio cultural vernacular. Elas nos convidam a refletir sobre a complexidade do conceito de patrimônio, que não se restringe a monumentos oficiais, mas abrange também as manifestações espontâneas e as soluções coletivas que moldam as paisagens e as vidas. A preservação – seja ela física ou pela memória e documentação – dessas casas de lata é importante para que as futuras gerações compreendam a engenhosidade, a identidade e a resiliência de seus antepassados. Este estudo, direcionar o foco neste fenômeno, espera contribuir para uma valorização mais ampla das formas menos convencionais, porém profundamente significativas, de expressão cultural em nossos centros urbanos.

Referência

LIMA, R. T. de. **Abecê de folclore**. São Paulo: RICORDI, 6^a ed., 1985.

MÃOS QUE TECEM/MÃOS QUE CRIAM: O ARTESANATO GAÚCHO EM LÃ DE OVELHA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

Luciana Maciel Viana
Mara Muniz do Amaral
Maria Lêda Lóss dos Santos
Tânia Elisabete Trevisol

Cultura e folclore e a intersecção com a lã de ovelha

A Comissão Gaúcha de Tradição e Folclore (CGTF) propôs o Seminário Semana do Folclore: Memória e Resiliência Cultural, que ocorreu de 22 a 30 de agosto de 2024. Como proposta de discorrer sobre artesanato gaúcho, um dos aspectos dessa atividade apontou o trabalho com a lã de ovelha, como um guardião das memórias e das tradições, dos usos e dos costumes do povo gaúcho.

A tradição do uso das fibras naturais, especialmente as de origem animal, constitui um fazer milenar. Desde o momento em que o homem sentiu necessidade de ter agasalhos que o protegessem do frio e das intempéries, as peles, as fibras, as penas foram sendo amarradas, tramadas, construídas e os processos de coleta e utilização das fibras foram fazendo parte dos fazeres, integrando as tradições de cada povo, passando de geração para geração, constituindo as manifestações folclóricas e culturais.

Segundo Geertz (2008), a cultura é o que dá sentido ao humano e o que se tece no decorrer das suas ações. Neste quesito, existe um discurso sobre cultura, bem como existe um complexo de ideias sobre cultura. Não é incomum ocorrerem equívocos que consideram cultura como o conjunto de saberes eruditos e historicamente reconhecidos. Porém, nesse complexo se insere a cultura popular e, também, o que denominamos de folclore, hoje, academicamente, ambos reconhecidos e valorizados.

No que concerne ao termo folclore, as definições tradicionais já estão consolidadas. Câmara Cascudo define-o como “tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição”. Assim, os fazeres ancestrais, tal como o artesanato,

passados de geração em geração, quase sempre dos mais velhos para os mais jovens, além de uma tradição (cultura), é também uma manifestação folclórica.

O artesanato surgiu no período Neolítico, por volta de 6.000 AC, e decorreu das necessidades de sobrevivência dos homens pré-históricos. Normalmente, os artesanatos são fabricados por famílias, dentro de sua própria casa ou em uma pequena oficina. O artesão é responsável pela seleção da matéria-prima, pelo projeto do produto e pela sua transformação em produto acabado.

O artesanato e o folclore

O artesanato, assim como o folclore, expressa a cultura e a identidade de um povo. Cada produto artesanal traz impresso a sua origem, matérias-primas e técnicas, sendo capaz de traduzir a sua identidade regional. E os produtos artesanais reforçam sentimentos de pertencimento a identidades regionais.

Artesanato é, pois, uma técnica manual que consiste na transformação de matérias-primas naturais ou manufaturadas em objetos úteis para o usuário, sendo uma forma de expressão cultural que pode representar a história de uma comunidade e a autoestima do povo. Também pode transmitir questões sociais e de ancestralidade, e combinar a tradição com o contemporâneo

Os fazeres, envolvendo fibras, forjaram-se, como já dissemos, nas necessidades utilitárias (agasalho, vestimenta...) e foram se aprimorando nos diferentes povos, tendo como fontes os vegetais, os minerais e os animais. Destes últimos, destacamos a seda, produzida pelo casulo e desenvolvida pelas civilizações orientais, e a lã, produzida pelos diferentes animais laníferos e desenvolvida em diferentes grupos humanos, hoje difundida pelos continentes. Santos (2005), em seu trabalho “Do Galpão ao Salão: o Pala Gaúcho como Referencial na Criação de Design Têxtil” afirma:

[...] ao tratar das fibras naturais de origem animal, como é o caso da seda, passa-se a entender dentro desta escala o seu processo de produção, o que a torna um têxtil de luxo, pois para produzir fios para serem utilizados na tecelagem são necessários inúmeros casulos. Já a lã, é uma das fibras muito difundidas devido à sua versatilidade e possibilidades que apresenta, podendo ser utilizada desde tecidos finos, cobertores, tapetes até mesmo, baixeiros (espécie de tapete utilizado na encilha do cavalo) entre outras peças rústicas (Santos, 2005, p. 43).

No Brasil, um país tropical, foi se tornando tradição o uso das fibras vegetais para a transformação em produtos têxteis. Porém, houve espaço também para a introdução das fibras de origem animal, especialmente no Sul, de clima mais frio, onde as fibras animais são mais eficientes no aquecimento. Assim, a lã foi sendo introduzida a partir da criação de ovelhas, utilizadas para o fornecimento da carne, do leite e da lã.

Considerando-se como folclore o conjunto de usos e costumes do povo, em relação aos fazeres, a arte e o artesanato utilizando a lã de ovelha, têm uma profunda relação com a história e com a geografia do Rio Grande do Sul. Ou seja, a introdução dos ovinos neste sul do mundo, ocorreu pela mão dos portugueses, dos espanhóis e dos padres jesuítas, os quais, somados aos nativos e aos escravizados africanos foram definidores da trajetória histórica inicial deste povo, enriquecida mais tarde pelos imigrantes europeus. No século XVIII, com a destruição, pelos Bandeirantes Paulistas, do núcleo de civilização já em processo de consolidação nas chamadas Reduções Jesuíticas, levou os povos nativos aldeados a espalharem-se pelos campos do Rio Grande do Sul, quiçá espalhando também os rebanhos de ovinos que, somados aos anteriormente aqui introduzidos, formaram grandes rebanhos.

Esses rebanhos integraram-se aos poucos núcleos que aqui já existiam, somados aos açorianos, portugueses, espanhóis e demais povos europeus que foram chegando posteriormente.

Assim, o trabalho com a lã de ovelha transcende o simples artesanato; ele é um elo vital que conecta passado e presente, memória e identidade cultural. Em cada tear, em cada fio de lã tecido pelas mãos habilidosas, pulsa a história de um povo. A cultura, como a alma viva da comunidade, manifesta-se em gestos e tradições que são transmitidos com paixão, preservando a essência do folclore e fortalecendo os laços entre gerações. Esse trabalho não apenas aquece corpos, mas também nutre a memória coletiva e reafirma a força criativa que molda o espírito do Rio Grande do Sul.

Ao valorizar a lã como um símbolo cultural e funcional, resgatamos uma herança que une história, geografia e sustentabilidade. A lã de ovelha, entrelaçada na tapeçaria do folclore, transforma-se em uma metáfora da resiliência e da criatividade de uma região. Preservar e inovar a partir dessa tradição é, portanto, um gesto de respeito ao passado, de conexão com o presente e de esperança para o futuro, reforçando a identidade cultural enquanto promove práticas ecológicas e sociais sustentáveis.

O artesanato gaúcho

Artesanato gaúcho é uma expressão da cultura e da identidade do Rio Grande do Sul. É uma atividade que inclui uma grande diversidade de produtos, feitos com diferentes matérias-primas e técnicas, e que refletem a influência de grupos étnicos que viveram na região com destaque para a lã da ovelha.

Alguns exemplos de artesanato gaúcho incluem:

- Cobertores, acolchoados, vestuário, tapeçaria e decoração feitos com lã de ovelha;

- Indumentária e utilitários para o Gaúcho como o poncho, o pala, a boina, o enxergão, o pelego, entre outros, todos feitos com lã de ovelha.
- Além da lã de ovelha, podemos também citar:
- Técnicas de entalhe, escultura, utilizadas na manipulação do chifre e do osso;
- Produtos de couro produzidos pelos guasqueiros (cabeçada, freio, relho, rédea, entre outros);
- Entalhes em madeira como bancos e gamelas.

O Alto da Serra do Botucarái e a utilização da lã

A região denominada Alto da Serra do Botucarái, situa-se no Planalto do RS, no centro-norte do estado, onde se desenvolveu a chamada Grande Soledade. É importante salientar que mais de duas dezenas de municípios da região hoje conhecida como Alto da Serra do Botucarái já fizeram parte do território de Soledade e foram se emancipando ao longo do século XX. Ao par disso, a criação de gado, e de ovelhas, acompanhou a evolução do povoamento e a consolidação das propriedades, dos povoados e dos municípios do entorno.

A criação de ovinos, com a exploração de seus produtos como a carne e a lã, além de seu caráter de ancestralidade milenar na história do processo civilizatório, está intimamente ligada à formação e aos hábitos do povo gaúcho e de resto, de Soledade e seus municípios adjacentes. Assim, os verdes campos do lugar, forrados de gramíneas tenras e suculentas, alimentaram o gado vacum, os muares e os ovinos.

Este último, sustentou os moradores, ao longo dos rigorosos invernos, com a carne para alimentação e com a lã para os agasalhos.

De acordo com Moraes (2023), na justificativa do projeto Núcleo de Tecelagem, apresentado às autoridades do Município de Soledade, a produção de itens artesanais, como acolchoados, palas, baixeiros e cobertores, era considerada a opção mais viável em uma sociedade pré-industrial, marcada por dificuldades no acesso a diferentes materiais.

Em torno desses fazeres, criou-se a tradição do uso da lã e esses usos e costumes impregnaram-se em nossa cultura, carregando saberes e fazeres. As técnicas de tecelagem e da confecção de colchões e acolchoados foram sendo praticadas ao longo da história da região, principalmente por mulheres.

Conforme destaca Capelari (2023), integrante do Grupo Mãos que Tecem/ Mãos que Criam, em sua obra “Artesanato em Lã de Ovelha”, os conhecimentos e práticas relacionados às técnicas femininas têm recebido pouca atenção em registros e debates. Historicamente, o trabalho realizado por mulheres tem sido negligenciado e permanece invisível em muitos aspectos. Essa invisibilidade

é ainda mais acentuada quando se trata de atividades predominantemente femininas realizadas no ambiente doméstico. Quando tais tarefas acontecem no meio rural e dentro de casa, tornam-se praticamente imperceptíveis. Muitas vezes, crescemos utilizando ou observando o uso dos produtos desse trabalho sem nos questionarmos ou reconhecermos o valor e a relevância de sua produção.

O descaso com o trabalho das mulheres transformou a região em consumidora dos insumos de ovelha para o próprio sustento da família e esse trabalho de tecer foi ignorado pela história local, não considerando que foi um bem de consumo que gerava renda.

Na obra *O Tempo e o Vento*, do escritor gaúcho Érico Veríssimo, a imagem de Ana Terra, fiando com sua mãe, é uma representação mítica da realidade de milhares de mulheres, que nos campos e cidades do sul produziam o indispensável agasalho para enfrentar os rigores do inverno gaúcho e que era um trabalho invisível, como se fosse simplesmente uma obrigação de fazê-lo pelo simples fato de ser mulher.

Por outro lado, a memória oral da região revela que a carda, a roca e o tear eram equipamentos tão comuns nas casas como se fosse a panela ou o lavador de louça de madeira.

Capelari (2023) também ressalta que todos os moradores de Soledade estão familiarizados com itens como palas, cobertores rústicos, baixeiros e tapetes feitos com lã de ovelha. Esses produtos artesanais integram a história local e continuam marcando presença no cotidiano, especialmente nas áreas rurais do município e durante as celebrações tradicionalistas.

Ao longo do século XX, a região foi produtora e exportadora da lã para as tecelagens tanto do estado, como de fora dele e, cada vez mais, a figura do comprador de lã que adquiria toneladas do produto era ansiosamente esperada ao final de cada tosquia.

Mas ao final desse mesmo século XX, no Rio Grande do Sul, com o avanço das tecnologias industriais, especialmente as fibras naturais, como a lã, deram lugar ao uso de fibras sintéticas na confecção de roupas e acessórios, outrora confeccionados com lã de ovelha. A invasão de produtos importados feitos, a partir do plástico, aliada à atração pelas facilidades do que é moderno, do que está na moda, reduziu o consumo das fibras naturais.

Ao se tratar das fibras não naturais, podemos subdividi-las em duas categorias, as regeneradas e as sintéticas. As fibras regeneradas resultam de investigações científicas que surgiram no início do Século XX. Sua principal característica é manter sua composição química final igual ou semelhante à da matéria-prima da qual origina. As fibras sintéticas derivam de pesquisas sobre a química dos polímeros em cadeia, sendo suas fórmulas resultadas de sínteses laboratoriais a partir de resíduos do petróleo (Santos, 2005, p. 43-44).

Não foi diferente na região da Serra do Botucaraí. Ainda, conforme Moraes (2023), a produção de peças artesanais foi ficando cada vez mais escassa, embora algumas iniciativas de resgate da tradição tenham sido feitas, como foi o caso de grupos de produção no Centro Social Urbano de Soledade-, na década de 1980. Tais iniciativas, embora profícuas, não tiveram continuidade e esbarraram na falta de espaços para a comercialização.

Atualmente, a indústria da lã entrou em crise, com o fechamento de tecelagens, tanto no sul do Brasil, quanto no restante do país. Conforme informações do site do Senado do Brasil², ao longo de dez anos, a indústria de tecelagem e confecção de roupas no Brasil perdeu cerca de 250 mil vagas de emprego devido à dificuldade de competir com os preços reduzidos dos produtos importados (Moraes, 2023).

Por outro lado, há uma demanda significativa por agasalhos e altos índices de desemprego entre as pessoas de baixa renda. Nesse contexto, o artesanato, especialmente o trabalho com lã, surge como uma possibilidade de promover autonomia social, financeira e emocional, além de contribuir para o resgate da autoestima, sobretudo das mulheres.

Capelari (2023), afirma que os dados do IBGE, 2021, apresenta Soledade com um rebanho ovino significativo, mas com uma produção de lã modesta, com menos de 17 toneladas/ano.

Esse cenário reflete a ausência, em âmbito local, de um mercado de comercialização que, no passado, abastecia caminhões com matéria-prima destinada à indústria de tecelagem. Sem a possibilidade de escoar a produção, as propriedades rurais atualmente acumulam galpões repletos de lã, que acabam atraindo pragas como roedores e insetos. Segundo Moraes (2023), ninguém quer, nem de forma gratuita, o que leva ao descarte de milhares de toneladas do material, frequentemente queimado ou enterrado. Essa prática não apenas prejudica o meio ambiente, mas também gera custos adicionais para os produtores.

Essas constatações enfatizam que o trabalho com a lã requer o comprometimento com o processo integral desde a produção da lã, passando pela separação e descarte.

Grupo Mãos que tecem/mãos que criam

O folclore aninha práticas, usos e costumes coletivos impregnados nas vivências ao longo da história de um grupo social. Como guardião dessas memórias ancestrais, não pode cristalizá-las unicamente num passado engessado. Ao contrário, num tempo dinâmico, evolutivo e célere, o resgate e

² www.senado.gov.br

culto ao passado necessita vir acompanhado de novas possibilidades e novas marcas culturais e criativas. Ou seja, além de trazer à tona a história e a memória, requer, muitas vezes, uma constante ressignificação.

Neste sentido, quando nos deparamos com o Curso do Senar/RS, organizado e promovido pelo Sindicato Rural de Soledade, com apoio e incentivo da Prefeitura Municipal e que tinha como objetivo a revalorização da lã de ovelha nos fazeres locais, percebemos que a tecelagem, ou seja, a transformação da lã em fios e tramas com a ajuda de rocas e teares, foi a grande responsável pela utilização da lã, abundante na Serra do Botucaraí, ao longo do seu povoamento e história.

Discussões anteriores apontaram que o declínio na comercialização e no uso da lã de ovelha, amplamente disponível nas fazendas locais, tem gerado diversas dificuldades, tanto econômicas quanto ambientais. Nesse contexto, a proposta de utilizar a lã em larga escala busca estimular a arte e o artesanato, promovendo benefícios significativos que o trabalho artesanal bem direcionado pode oferecer para o desenvolvimento da comunidade. Além disso, observa-se uma tendência global de valorização dos produtos manufaturados e economicamente sustentáveis, como a lã, que tem sido amplamente procurada para a produção de itens utilitários, peças de decoração e expressões artísticas (Moraes, 2023).

Essa revalorização dos fazeres manuais e dos recursos renováveis vem estimulando pesquisas, resgate de memórias e novas oportunidades às comunidades de progredirem economicamente, especialmente se estiverem em consonância com o desenvolvimento do turismo.

O Curso proporcionado pelo Senar/RS desafiou artesãs e artesãos locais a se organizarem para produzirem arte e artesanato em lã. Formou-se então, um grupo livre ainda sem registro oficial, a que denominamos de grupo Mãos que tecem/mãos que criam, a partir do qual se formaram subgrupos que estão aprofundando e criando novas possibilidades de produção.

Um desses subgrupos é formado pelas artesãs, autoras deste texto (Maria Lêda Lóss dos Santos e Tânia Elisabete Trevisol), que se dedicaram especialmente ao processo de feltragem.

Aprendendo a trabalhar com a lã

O trabalho com a lã de ovelha é um processo que requer cuidados especiais, que vão desde a seleção dos animais até o tratamento das fibras. Neste sentido, requer conhecimentos sobre raças produtoras, formas mais adequadas de criação, tosquia e manuseio da lã.

A lã

Conforme Santos (2005), a lã mais utilizada no Brasil e, principalmente no Rio Grande do Sul, é a da ovelha ou carneiro, mas também são utilizados outros tipos de lã, como a lã da cabra (mais comum nos estados do Nordeste). No entanto, existem outros tipos como a caxemira, lã que provém de cabras da Ásia, Índia e Paquistão, sem falar das produzidas por lhamas e alpacas dos países Andinos.

Dentre as lãs de ovelha mais indicadas devido à sua qualidade destaca-se a lã da raça *Merino*, obtida através da tosquia, que geralmente acontece uma vez ao ano. São também usadas as da raça *Corriedale*, indicadas para alguns tipos de trabalho.

A lã extraída da ovelha a ser utilizada na confecção de fios para a tecelagem e para a feltragem necessita passar por um processo cuidadoso, desde a lavagem até a fição.

Lavagem e secagem da lã

A lavagem da lã é o próximo passo no processo. O conhecimento ancestral resgatado das memórias locais indica uma primeira etapa com o aquecimento da água com sabão (sem ferver), seguida da etapa em que a mergulha em água fria (as memórias locais indicam que essa etapa deveria ocorrer em água corrente).

Depois, espera-se esfriar um pouco e vai espremendo a lã para retirar o máximo de água, sem torcê-la. Após, estende-se a lã na sombra. Após a secagem ela está pronta para ser cardada.

Cardagem

O processo que envolve a cardagem, Santos (2005) assinala que esta é uma etapa anterior à fição. Requer que a lã seja aberta com as pontas dos dedos para que as fibras sejam desembaraçadas e para que as impurezas que não foram eliminadas na lavagem sejam retiradas nesta etapa. Posterior a isso, a lã está pronta para passar pela carda, que são duas escovas de madeira com cerdas finas de metal (cardas manuais) ou um equipamento elétrico (carda elétrica).

A lã, tosquiada, selecionada, lavada e cardada serve às duas técnicas, à tecelagem com fios e à feltragem, que pode ser seca, ou molhada.

As pesquisas históricas que remetem ao trabalho das mulheres da região da Serra do Botucaraí, apontam para a tecelagem e para o acolchoamento (trabalho de fazer acolchoados), como as técnicas mais usadas para produzir agasalhos e utilitários como baixeiros e cobertas, por exemplo.

A feltragem

A feltragem não era uma das técnicas de processamento da lã de ovelha mais utilizadas na região da Grande Soledade. São raros os relatos ou memórias que a referem. No entanto, trata-se de uma técnica milenar, tendo se originado entre os povos nômades da Ásia. Atualmente, é usada em praticamente todo o mundo e é feita exclusivamente com lã de ovelha. Nessa técnica transforma-se a lã cardada em feltro com o qual se criam tecidos e objetos.

Trata-se de promover uma reação que une os fios, a partir da utilização de água quente e sabão, que são friccionadas até unirem-se em forma de tecido. Essa é a chamada feltragem molhada. A feltragem seca é obtida através da introdução da lã seca em um base, feita com agulha especial. A fixação ocorre num segundo momento com a lavagem da peça com água quente e sabão.

Particularmente o trabalho das artesãs que redigem o presente texto, centraram-se na feltragem.

O trabalho prático pós curso do SENAR/RS, em Soledade

Após a realização do curso ministrado pelo Senar/RS, os grupos, em geral se subdividem de acordo com a técnica que querem desenvolver. No nosso caso, dedicamo-nos à pesquisa e à criação, usando a técnica da feltragem. As pesquisadoras Rosi Capelari e Mônica Lóss dos Santos e a Coordenadora do Projeto Núcleo de Tecelagem, Marília Wedy de Moraes têm contribuído sobremaneira com os nossos propósitos.

Aqui apresentamos uma síntese de nosso trabalho que se desdobra em preservação do meio ambiente, em um projeto de criação de peças ornamentais e utilitárias e na proposta de um trabalho social que confecciona e doa acolchoados para agasalhar e aconchegar.

Após acompanharmos o Curso do Senar/RS, ministrado pela professora Luciana Maciel Viana, além das pesquisas históricas, do resgate das memórias do trabalho com a lã no nosso entorno, ocorreu em nós um encantamento com as possibilidades de trabalho envolvendo a feltragem seca e molhada.

Foi uma ação independente, onde aprofundamos o conhecimento de materiais, as formas de objetos e agasalhos e chegamos à confecção de mantas pezeiras, echarpes, chapéus, cachepôs, adornos em geral, utilizando tanto a feltragem molhada como a feltragem seca tendo como base a gaze de linho, brim, cashemere e outros tecidos.

Como artesãs, exercitamos nossa criatividade para confeccionarmos as peças. No entanto, ainda não encontramos os espaços mais efetivos para a comercialização. Além do artesanato criativo, dedicamo-nos, também, a um projeto social com a confecção de acolchoados.

O primeiro trabalho nesse sentido foi estimulado pela integrante do grupo, Juliane Pires, Extensionista da Emater/RS, que nos motivou a confeccionar acolchoados para serem doados aos desabrigados pela enchente histórica de maio de 2024. As integrantes do grupo, Ide Decilva Trevisol e Tania Elizabete Trevisol confeccionaram e distribuíram 36 acolchoados que foram entregues em municípios da região atingida.

Na Apae de Soledade (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais), fizemos um movimento de sensibilização com a explanação e mostra de produtos que se pode fazer com a lã de ovelha. Num segundo momento, fizemos um novo encontro em que doamos a lã e as mães levaram tecidos e confeccionaram acolchoados para seus filhos.

Estão ocorrendo outros desdobramentos que sensibilizam outras pessoas a se envolverem com esta proposta como é o caso de Maria Arlinda Daroit que doou o material para que confeccionássemos 50 acolchoados de 100 x 150 cm para os idosos internos no Lar Mãe Cúria.

Novas demandas virão e nós prosseguiremos criando, fazendo nossas peças de artesanato criativo, confeccionando e ensinando a comunidade a fazer abrigos, agasalhos, acolchoados e cobertores.

Aprofundar as pesquisas, divulgar e sensibilizar novos adeptos ao trabalho com a lã, utilizar a lã com finalidades criativas, mas também com fins sociais e econômicos, promover novos encontros, criar novos grupos e, principalmente, aprimorar as formas de divulgação e comercialização, são propósitos futuros.

Enfim, o caminho de resgate e divulgação dessa manifestação cultural e folclórica demanda empenho e conhecimentos que não se esgotam aqui.

Utilizar esses conhecimentos para a melhoria social, econômica e cultural constitui um processo de resiliência e valorização dos grupos sociais locais, tal como as mulheres que tiveram seu trabalho tão desconsiderado ao longo da história.

Tecer e fiar... fiar e tecer...

A importância do folclore reside no seu poder de conectar o passado ao presente, funcionando como um elo vital entre as gerações. Através da ressignificação das tradições, o folclore permite que a identidade de um povo se mantenha viva, adaptando-se aos tempos atuais enquanto preserva suas raízes. No caso do uso da lã de ovelha, não estamos apenas recuperando um material, mas também resgatando saberes e fazeres que foram transmitidos por gerações, muitas vezes guardados como segredos de família. Esse processo de valorização não só preserva as tradições, mas também revitaliza a memória coletiva, reforçando o vínculo entre a comunidade e sua história.

Ao trabalhar com a lã, também resgatamos habilidades que, ao longo do tempo, foram aprimoradas e moldadas pela prática artesanal. Mais do que isso, proporcionamos às pessoas a oportunidade de reencontrar e fortalecer sua autoestima, permitindo que os saberes e os conhecimentos familiares sejam compartilhados com mais criatividade e harmonia. A lã, assim, se torna uma ferramenta não apenas de transformação material, mas também de transformação social, unindo saberes com a comunidade e criando elos afetivos que transcendem o tempo.

Em cada trama, em cada peça criada, encontra-se um pedaço da história de uma família, de uma comunidade, de uma tradição. Esses fios entrelaçam memórias afetivas, formando uma rede invisível que conecta os indivíduos às suas origens, à sua cultura e às suas raízes. Através dessa conexão, o folclore não apenas preserva, mas também transforma, criando um espaço onde o passado e o presente se encontram e se enriquecem mutuamente.

O resgate da lã de ovelha, portanto, é muito mais do que um retorno ao artesanal; é um movimento que, ao revitalizar práticas antigas, fortalece a identidade e a memória de um povo, enquanto impulsiona a criação de novas possibilidades de expressão cultural. É o que chamamos de ressignificação.

As mãos que criam, que tecem, não apenas entrelaçam fios, mas entrelaçam histórias, valores e afetos. Cada trama é uma declaração de pertencimento, um gesto que aquece os saberes com o calor dos tempos passados e da terra que os abraça.

Ao tecer, essas mãos não apenas moldam a lã, mas também moldam a própria essência do povo, carregando nas suas linhas o espírito da terra, o eco dos ancestrais, e a força da continuidade. Cada fio é como um suspiro de memória que se mistura com o presente, mantendo viva a chama de uma cultura que, através do trabalho manual, se reinventa e se perpetua. O calor que emana de cada peça criada é mais do que o calor das mãos; é o calor de gerações que se encontram, se tocam e se aquecem nos laços tecidos ao longo do tempo.

Referências

CAPELARI, R. **Artesanato em lã de ovelha**. Soledade, 2023. (Mimeo).

CASCUDO, L. da C. *In*: Laytano, Dante de. **Folclore do Rio Grande do Sul: levantamento dos costumes e tradições gaúchas**. Caxias do Sul, EDUCS; Porto Alegre. Martins Livreiro Editor, 1984.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1ª. Ed, 13ª. Reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MORAES, M. W. **Projeto núcleo de tecelagem**. Soledade, 2023. (Mimeo).

SANTOS, M. L. dos. **Do galpão ao salão:** o pala gaúcho como referencial na criação de design têxtil. Monografia de Especialização. (Especialização em Design para Estamparia). Curso de Especialização para design para Estamparia. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, Brasil, 2005.

TREVISOL, T. E. **Do sonho à realidade:** o Passado e o Presente do Bairro Ipiranga. Soledade/RS: Gráfica Editora Soledade, 2020.

VIANA, L. M. **Tecelagem em lã crua:** manual do treinamento. Porto Alegre: SENAR/AR-RS, 2003.

PARTE 4

A SEMANA DO FOLCLORE
E REFLEXÕES AMPLIADAS

NOS BASTIDORES DA SEMANA DO FOLCLORE 2025: VIVÊNCIAS, APRENDIZAGENS E AFETOS

Graziela da Rosa Silva Felício

Introdução

Participar da Semana do Folclore 2025 – Fortalecimento das Identidades Culturais Gaúchas foi, mais uma vez, uma experiência de pertencimento, aprendizado e emoção. Este é o meu segundo ano na equipe organizadora e, mesmo já conhecendo o ritmo intenso dos preparativos, percebo que, a cada edição, o evento se renova. Ele pulsa, se expande e se reinventa a cada novo tema, a cada voz que se soma às nossas.

Desde que ingressei no Grupo de Pesquisa Educação Musical Diferentes Tempos e Espaços (GRUPEM), fui contagiada pela força dos estudos que realizamos, especialmente aqueles voltados à nossa linha de pesquisa, em que o folclore tem lugar de destaque. Nossas aulas e reuniões são sempre repletas de descobertas, um espaço onde o conhecimento acadêmico se mistura à vivência e onde o rigor da pesquisa caminha lado a lado com a sensibilidade da cultura popular.

Fazer parte desse grupo é estar entrelaçada por uma mesma causa: compreender, valorizar e divulgar as expressões culturais que nos constituem. Somos um coletivo que aprende e transforma o aprendizado em ação. A Semana do Folclore é o reflexo disso, uma extensão das discussões do grupo e uma oportunidade de compartilhar o que aprendemos com a comunidade.

Embora já tenha participado da organização em outras edições, cada nova experiência traz aprendizados, amizades e alegrias renovadas. É um trabalho exigente, que pede atenção, preparo e disponibilidade, mas também é fonte de conquistas. Trabalhar com o folclore é construir pontes entre o saber e a vida, entre o que estudamos e o que vivemos.

Os bastidores deste evento começaram muito antes do dia 18 de agosto. A organização da Semana do Folclore 2025 exigiu planejamento, cuidado e, acima de tudo, um grande espírito de equipe. Reuníamos-nos virtualmente dias

antes da abertura, testando o *StreamYard*³, revisando as aberturas, os banners e os formulários.

Primeiro, elaboramos todo o material de identidade visual do evento, pensando nas temáticas de cada noite e na escolha dos convidados que melhor dialogariam com cada proposta. Com os convites enviados e aceitos, vieram as trocas de horários e ajustes na grade, até que todas as participações estivessem confirmadas conforme a disponibilidade dos palestrantes.

Em seguida, preparamos os formulários de inscrição para que o público interessado pudesse se cadastrar e receber, por e-mail, todas as informações, lembretes e links das transmissões diárias. Depois começaram as revisões técnicas, um processo minucioso que envolvia testar microfones, ajustar câmeras, garantir a nitidez das imagens e definir os tempos de fala. Cuidamos de cada detalhe para que as transmissões, realizadas pelo canal do *YouTube*, acontecessem com tranquilidade e fluidez.

Trabalhar com essa equipe foi um privilégio. Sob a coordenação da professora Cristina Rolim Wolffenbüttel, formamos um grupo afinado, comprometido e, acima de tudo, generoso. Giedre Oliveira Nascimento, Bibiana Barbosa de Sousa, Thais, Julie, Marinéia e Bete dividiram comigo as múltiplas tarefas que o evento exigia. Cada uma, com seu olhar e sua função, alternava entre transmissões, chat, artes e bastidores, todas movidas pelo mesmo sentimento de entrega e pela inspiração constante da professora Cristina, cuja presença orientava, acolhia e unia a equipe.

Eu, Graziela da Rosa Silva Felício, estive presente em todas as noites. Acompanhei de perto cada preparação e senti o nervosismo que antecede o início de cada transmissão. O *StreamYard* tornou-se nosso palco invisível, de onde cuidávamos dos detalhes para que o público percebesse apenas a fluidez e a beleza do resultado final.

Enquanto os convidados falavam, trocávamos mensagens rápidas: “entra o banner”, “ajusta o som”, “segue a próxima tela”. Era um balé técnico silencioso, em que cada gesto precisava acontecer no tempo exato. Todas nós éramos amadoras, e talvez fosse justamente isso que tornava tudo tão bonito: cada integrante dava o seu melhor, aprendendo na prática e orientando convidados que, por vezes, tinham dificuldade com a tecnologia.

Tivemos momentos de tensão, é claro, pequenos imprevistos, conexões instáveis, microfones que não abriam, mas o desejo de acertar sempre nos guiava,

3 *StreamYard* é um estúdio de transmissão ao vivo e gravação baseado na web que permite criar conteúdos profissionais diretamente no navegador, sem a necessidade de baixar ou instalar programas. A ferramenta integra-se a plataformas como YouTube e Facebook, permitindo convidar pessoas para participar da transmissão ao vivo, compartilhar telas, exibir comentários do público e personalizar a transmissão com logotipos e outros elementos gráficos.

e tudo terminava dando certo. Cada desafio se transformava em aprendizado e superação.

O evento foi transmitido ao vivo e alcançou um público expressivo, com dezenas de visualizações em cada noite. Esses números, porém, não contam toda a história. Por trás deles estavam comunidades, escolas, professores e pesquisadores que se reconheciam nas discussões sobre o folclore e nas vozes que representavam as tradições culturais gaúchas.

Como em todas as edições, a professora Cristina Rolim Wolffenbüttel esteve presente em cada detalhe: como pesquisadora, liderança cultural e poeta. Suas declamações abriam as noites com emoção. A palavra poética, dita por ela, dava sentido ao vivido, costurava as ideias e tocava os sentimentos de quem acompanhava.

De onde estávamos, no controle das transmissões, observando o chat e ajustando as entradas de vídeo e som, víamos o evento acontecer em camadas: a que o público assistia e a que nós vivíamos em silêncio. Cada noite trazia um novo desafio, uma nova história e uma emoção diferente.

A seguir, relato um pouco do que vivi em cada uma das noites da Semana do Folclore 2025, com o olhar de quem esteve por trás das câmeras, acompanhando, aprendendo e sentindo o evento em sua essência.

Figura 1 - Card usado na divulgação com o link de Inscrição



Fonte: Autora (2025)

DIA 1 – Desmistificando o folclore: do conceito à vivência cotidiana⁴

A segunda-feira, 18 de agosto de 2025, marcou o início de mais uma Semana do Folclore. O clima era de expectativa e de reencontro com algo que nos pertence. Eu e Giedre Oliveira Nascimento chegamos cedo à sala virtual, tomadas por aquela mistura de nervosismo e alegria que sempre acompanha o primeiro dia. Revisamos as entradas dos convidados, testamos o som, o enquadramento das câmeras e o funcionamento dos banners. No *StreamYard*, cada janela aberta representava uma responsabilidade e um cuidado coletivo.

Figura 2 – Encontro 1 “Desmistificando o Folclore”



Fonte: Autora (2025)

Como em todas as edições, a professora Cristina Rolim Wolffenbüttel abriu a noite com uma poesia. Esse gesto, que já se tornou parte da identidade da Semana do Folclore, transforma o início de cada transmissão em um momento de escuta e sensibilidade. Sua voz, calma e firme, faz com que todos desacelerem. As palavras escolhidas por ela sempre nos preparam para o que virá, criando um elo entre a emoção e o conhecimento, entre o sentir e o compreender. Naquela noite, os versos do “Soneto da Força Viva do Folclore” lembravam que o folclore é presença, é gesto e memória, e que sua força está em continuar vivo nas práticas cotidianas.

Quando o relógio marcou 19h, a transmissão começou. O silêncio dos bastidores foi rompido por um suspiro coletivo: estávamos no ar. O evento

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YXbiTfDIDPY>

ganhava vida, e tudo o que havíamos planejado com tanto zelo se transformava em imagem e som, alcançando cada lar, cada espectador.

A mesa de abertura reuniu Cristina Rolim Wolffenbüttel, Paulo Elias Daniel e Marlei Sigríst, com o tema “Desmistificando o Folclore: do conceito à vivência cotidiana.” As falas trouxeram reflexões profundas sobre o folclore como um organismo vivo, em constante transformação. A professora Cristina ressaltou que o folclore é movimento, criação e resistência, lembrando que é nas práticas diárias, nas pequenas ações e nos gestos cotidianos que a cultura popular se manifesta e se fortalece.

Enquanto ela falava, o chat do *YouTube* se enchia de comentários. Educadores, estudantes, pesquisadores e curiosos participavam com entusiasmo, compartilhando memórias, histórias, provérbios e músicas. Nos bastidores, entre uma troca de tela e outra, eu sorria ao ver o conhecimento acontecer em tempo real. O que para muitos era apenas uma transmissão ao vivo, para nós era um encontro de saberes – entre o acadêmico e o popular, o presencial e o virtual.

A gravação dessa primeira noite alcançou 458 visualizações, número que segue crescendo. O *YouTube* se tornou um arquivo vivo dessas experiências, permitindo que novas pessoas acessem o conteúdo, conheçam as reflexões e se emocionem com os mesmos versos. Cada visualização é um eco do vivido, uma extensão do evento no tempo e no espaço digital, prova de que o folclore também encontra morada nas telas e nas redes.

Figura 3 – Captura de tela dos bastidores do dia 1



Fonte: Autora (2025)

DIA 2 – Folclore na escola (19/08 – terça-feira)⁵

O segundo dia da Semana do Folclore 2025 teve como tema “Folclore na Escola”, conduzido por Isabel Cristina Reinhardt Zimmermann e Aimara Bolsi. Desde cedo, já estávamos nos preparando. A cada novo encontro, o sentimento de compromisso crescia, pois sabíamos o quanto esse assunto é significativo para professores, estudantes e pesquisadores da educação.

Figura 4 – Folclore na Escola



Fonte: Autora (2025)

Nos bastidores, o trabalho começou muito antes do horário da transmissão. Eu e Thais ficamos responsáveis pela parte técnica, enquanto Giedre Oliveira Nascimento cuidava do chat e dos banners. Reunimo-nos mais de uma hora antes para testar novamente o *StreamYard*, ajustar o som, organizar os slides e revisar a sequência de entrada das convidadas. Cada noite exigia uma concentração diferente e, embora o nervosismo permanecesse, a experiência do dia anterior nos tornava mais confiantes.

Pontualmente às 19h, o evento começou. A professora Cristina Rolim Wolffenbüttel abriu a noite com um poema sobre educação e o papel do professor na preservação do folclore. O gesto, já característico da Semana, traz sempre uma delicadeza que envolve o público e anuncia o tom da noite. Seus versos foram uma homenagem sutil, mas profunda, àqueles que mantêm viva a cultura popular dentro das escolas. No chat, a resposta foi imediata:

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vqH7-QKNYMI>

corações, aplausos, mensagens de carinho. Muitos professores diziam o quanto se reconheciam nas palavras.

Em seguida, iniciaram-se as falas de Isabel Cristina Reinhardt Zimmermann e Aimara Bolsi. As convidadas compartilharam experiências inspiradoras sobre o ensino do folclore como prática educativa e como instrumento de valorização das identidades locais. Relataram projetos com alunos, atividades de pesquisa e destacaram a importância de tratar o folclore não apenas como conteúdo, mas como vivência, como parte essencial da formação humana e cultural.

Enquanto isso, nós, nos bastidores, acompanhávamos com atenção. O chat não parava um instante. Educadores de várias regiões do estado participavam, comentando suas próprias experiências e contando como trabalhavam o folclore em suas escolas. Cada aceno de aprovação, cada palavra de incentivo, era uma recompensa silenciosa pelo esforço coletivo que tornava o evento possível.

Ao final, a sensação era de satisfação e dever cumprido. As falas das convidadas foram muito bem recebidas, e o público demonstrou envolvimento e entusiasmo. A transmissão alcançou 421 visualizações, número que segue crescendo, assim como os comentários que continuam chegando. O *YouTube* tem se consolidado como um espaço afetivo e pedagógico, aonde professores retornam para rever as falas, anotar ideias e inspirar novos projetos.

Ver esse movimento é profundamente gratificante. A Semana do Folclore não termina quando a transmissão se encerra; ela permanece viva em cada educador que leva o tema para sua sala de aula, em cada aluno que descobre que o folclore faz parte de quem ele é. E para nós, que atuamos por trás das câmeras, essa é a maior recompensa: saber que o que ajudamos a construir continua tocando pessoas muito além daquele instante ao vivo.

Figura 5 – Captura de tela dos bastidores do dia 2



Fonte: Autora (2025)

DIA 3 – Folclore: inter e transdisciplinaridade (20/08 – quarta-feira)⁶

A quarta-feira amanheceu com um clima de serenidade e confiança. Depois dos primeiros desafios superados, a equipe seguia com o mesmo entusiasmo dos dias anteriores, agora mais entrosada e segura. Cada noite trazia aprendizados novos e pequenas adaptações, ajustes técnicos e improvisos necessários. Era nítido como o grupo se tornava mais harmonioso, como se o próprio evento tivesse nos ensinado a agir em sintonia.

O tema do encontro foi “Folclore: Inter e Transdisciplinaridade”, conduzido por Andrea Simoni Rech e Marinéia Nunes de Borba Martins. A proposta provocou uma reflexão profunda sobre as inter-relações entre o folclore e outras áreas do conhecimento. As palestrantes mostraram que o folclore vai muito além da arte e da tradição oral, manifestando-se também na literatura, na música, na história, na geografia e até nas ciências, em tudo o que traduz a criatividade e a forma como o ser humano interpreta o mundo.

Figura 6 - Folclore: Inter e Transdisciplinaridade



Fonte: Autora (2025)

Nos bastidores, o clima era de sintonia e leveza. Eu e Giedre Oliveira Nascimento coordenávamos a transmissão, enquanto Julie acompanhava o chat e atualizava os banners. Nossa rotina já estava bem estruturada: revisar links, testar microfones, ajustar o som e organizar a ordem das falas. Mesmo assim, cada noite trazia sua dose de tensão. Bastava uma oscilação na conexão para

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ca2L2i95UQ>

o coração acelerar, mas a confiança mútua fazia com que tudo fosse resolvido com calma e colaboração.

Entre um teste e outro, sempre havia espaço para um sorriso ou uma palavra de encorajamento. Esses pequenos gestos mantinham a equipe unida e tornavam o trabalho prazeroso, mesmo diante da responsabilidade. A cada encontro, eu percebia nosso amadurecimento coletivo, o crescimento na forma de lidar com o inesperado e de transformar o nervosismo em cuidado e precisão.

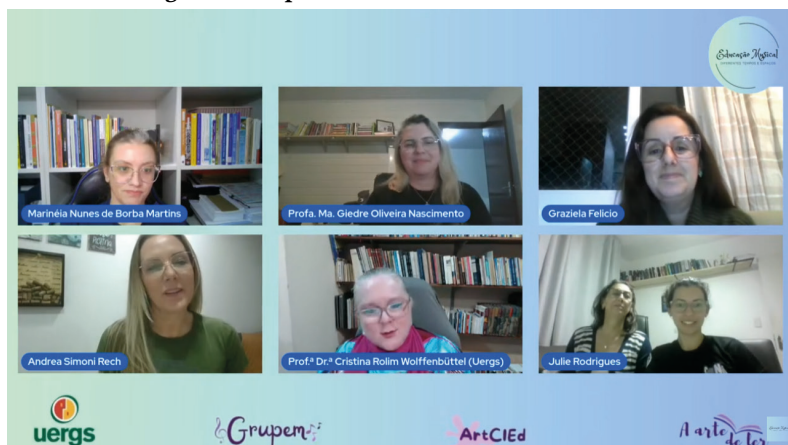
A professora Cristina Rolim Wolffenbüttel iniciou a noite com uma poesia, leitura que preparou o ambiente para o diálogo que se seguiria. Sua voz serena e simbólica atravessava a tela e criava um elo entre todos os que acompanhavam. Como sempre, escolheu versos que dialogavam com o tema do encontro, falando sobre pontes, conexões e encontros humanos.

As falas que vieram em seguida foram densas e inspiradoras. Andrea Simoni Rech destacou o caráter inter e transdisciplinar do folclore como campo de pesquisa, demonstrando como ele se entrelaça a múltiplos saberes. Marinéia Nunes de Borba Martins complementou com exemplos de experiências pedagógicas, em que o folclore serviu de elo entre diferentes disciplinas, aproximando os alunos de suas raízes e da diversidade cultural.

Enquanto acompanhava as apresentações, lia atentamente o chat. Professores, estudantes e pesquisadores participavam ativamente, enviando perguntas, comentários e relatos de experiências. Impressionava ver como o folclore, tratado com sensibilidade e respeito, despertava o interesse de pessoas de formações tão variadas. A cada nova interação, eu sentia que o evento cumpria plenamente seu propósito: mostrar o folclore como um conhecimento coletivo, dinâmico e integrador.

A gravação dessa noite registrou 369 visualizações, número que continua crescendo. Mesmo após o encerramento, os comentários seguem chegando, revelando que a Semana do Folclore permanece viva para além do tempo da transmissão, como referência e inspiração para quem busca compreender o folclore em sua vitalidade e pluralidade.

Figura 7 – Captura de tela dos bastidores do dia 3



Fonte: Autora (2025)

DIA 4 – Mulheres, folclore e tradicionalismo/casas de lata e folclore (21/08 – quinta-feira)⁷

A quinta-feira foi marcada por emoção e intensidade. O tema da noite reuniu força, sensibilidade e resistência, abrindo espaço para uma reflexão sobre o protagonismo feminino nas manifestações culturais e o papel das mulheres no tradicionalismo gaúcho. As falas de Márcia Cristina Borges da Silva e Nivaldo Rosa despertaram reflexões profundas sobre lugar de fala, reconhecimento e memória, trazendo à cena vozes e histórias que, por muito tempo, permaneceram à margem.

Figura 8 - Mulheres, Folclore e Tradicionalismo / Casas de Lata e Folclore



Fonte: Autora (2025)

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4IrOCuFxt6o>

Desde os primeiros minutos da transmissão, a participação do público foi vibrante. O chat do *YouTube* logo se encheu de comentários afetuosos e mensagens de identificação. Mulheres de diversas regiões do estado compartilharam suas vivências, relataram desafios e expressaram orgulho por se verem representadas naquele espaço. Era como se um grande coro de vozes se encontrasse pela tela, unindo experiências e emoções.

Nos bastidores, a emoção também era evidente. Eu acompanhava cada transição de tela junto a Giedre Oliveira Nascimento, responsável pela transmissão, e Bibiana Barbosa de Sousa, que dividia comigo os cuidados técnicos e o ritmo das entradas. Marinéia cuidava do chat e dos banners, destacando as mensagens mais significativas e garantindo que cada participante se sentisse parte da conversa. Entre um ajuste e outro, trocávamos olhares e pequenas mensagens, comentando sobre a força das falas e a beleza daquele momento. Era impossível não se emocionar, talvez porque, de algum modo, todas nós nos reconhecíamos nas palavras que ecoavam.

A professora Márcia Cristina Borges da Silva abordou, com sensibilidade, a presença feminina no tradicionalismo, destacando o papel essencial das mulheres na preservação das tradições, mesmo quando sua atuação nem sempre é visível nas narrativas oficiais. Em seguida, Nivaldo Rosa reconheceu essa importância, ressaltando que repensar o lugar da mulher nas práticas culturais é também repensar o próprio sentido de tradição.

Na segunda parte da noite, o tema “Casas de Lata e Folclore” ampliou o olhar sobre a relação entre arte e resistência nos espaços populares. A fala foi profundamente comovente, mostrando que a precariedade material não limita a criação, mas muitas vezes a impulsiona. Falar sobre as “Casas de Lata” era falar de dignidade, de superação e da capacidade de transformar a escassez em expressão artística. O folclore, ali, revelava-se como potência e sobrevivência.

Do lado técnico, a tensão inicial logo deu lugar a uma sensação de pertencimento. Cada fala nos atravessava de forma diferente. No chat, as mensagens se multiplicavam: “me emocionei”, “essa fala me representa”, “que noite linda”. Era gratificante perceber que o esforço coletivo da equipe estava gerando conexões reais e despertando afetos. A cada comentário, sentíamos que estávamos contribuindo para algo maior: uma rede de reconhecimento e de valorização das histórias que formam nossa cultura.

Como em todas as noites, a professora Cristina Rolim Wolffenbüttel abriu o encontro com poesia. Sua declamação trouxe à tona a força das mulheres e a sabedoria das ancestrais. Falava sobre coragem, tempo e herança, com uma voz firme e acolhedora que parecia costurar todas as falas da noite. Em cada verso, havia um gesto de afeto e de reconhecimento dirigido às mulheres lembradas e àquelas que, por tanto tempo, permaneceram invisíveis na história.

Ao final da transmissão, o chat transformou-se em uma onda de aplausos virtuais. Foram dezenas de mensagens de agradecimento e emoção. Observando a tela, senti o cansaço misturado à alegria serena de quem vê o trabalho alcançar o coração das pessoas. O vídeo dessa noite chegou a 369 visualizações e foi um dos mais comentados de toda a semana. Mesmo dias depois, as interações continuavam crescendo, com pessoas compartilhando o link e marcando outras mulheres para assistir. É inspirador ver como um evento assim ultrapassa o instante da transmissão e continua ecoando, mantendo o folclore vivo como um diálogo em constante movimento.

Figura 9 – Captura de tela dos bastidores do dia 4



Fonte: Autora (2025)

DIA 5 – Folclore nas pesquisas no Brasil e no mundo (22/08 – sexta-feira)⁸

A última noite chegou envolta na emoção de quem se despede de um ciclo. Havia um sentimento de gratidão misturado à saudade antecipada. Foram dias intensos de trabalho, aprendizado e convivência, que fortaleceram os laços entre nós, como equipe e como grupo de pesquisa.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRwKh5KBovI>

Figura 10 - Folclore nas Pesquisas no Brasil e no Mundo



Fonte: Autora (2025)

Foi também a única noite em que não estive nos bastidores da transmissão. Um compromisso já agendado me impediu de participar diretamente pelo *StreamYard*, mas acompanhei tudo ao vivo pelo canal no *YouTube*, desta vez como espectadora. A experiência foi diferente e, de certo modo, especial. Pela primeira vez, pude assistir sem a tensão dos comandos técnicos, observando cada detalhe com calma e me emocionando com o resultado de um trabalho construído a muitas mãos.

A mesa da noite reuniu Cristina Rolim Wolffenbüttel e Edinéia Pereira da Silva, sob o tema “Folclore nas Pesquisas no Brasil e no Mundo”. As falas ofereceram um panorama rico sobre o papel da pesquisa científica na preservação do folclore, destacando como as universidades têm sido espaços essenciais para a valorização e sistematização dos saberes populares. Também abordaram desafios metodológicos, diálogos com pesquisadores de outros países e a importância de preservar a dimensão humana das práticas culturais, mesmo quando estudadas no contexto acadêmico.

Do outro lado da tela, acompanhei atentamente cada fala. Era possível sentir o cuidado e o comprometimento de quem conduzia a transmissão. Giedre Oliveira Nascimento e Thais coordenavam o processo técnico, enquanto Elisabete acompanhava o chat e os banners. O trabalho das colegas foi impecável: cada troca de tela, cada vinheta e cada detalhe visual refletiam o mesmo zelo e profissionalismo que marcaram toda a semana. Ver a equipe

atuando de forma tão harmônica despertou em mim um profundo sentimento de orgulho e gratidão.

Enquanto assistia, pensei em como a Semana do Folclore consegue aproximar dois universos que, por vezes, parecem distantes: o da pesquisa acadêmica e o da vivência popular. Cristina e Edinéia conduziram a conversa com sensibilidade, lembrando que o folclore não pertence apenas aos livros e às teorias, mas às pessoas, aos gestos, às narrativas e aos sons que atravessam o tempo.

O chat acompanhava o mesmo ritmo da emoção. Pesquisadores, professores e estudantes compartilhavam experiências, comentavam descobertas e expressavam o quanto o evento inspirava novas ideias e projetos. Acompanhar tudo de fora me fez compreender, com mais clareza, a dimensão que o evento havia alcançado — o impacto real das falas, das trocas e da presença de tantas pessoas reunidas pelo mesmo propósito.

A professora Cristina Rolim Wolffenbüttel iniciou a noite com poesia, encerrando o evento com uma declamação que falava de continuidade e pertencimento. Sua voz, suave e firme, ecoou como um convite à reflexão e à esperança. Verso a verso, abordava raízes e caminhos, o que permanece e o que se transforma. Mesmo assistindo de casa, senti a mesma emoção de sempre, como se ainda estivesse nos bastidores, acompanhando cada detalhe.

Assistir à última noite como espectadora foi um privilégio. Pude enxergar com outro olhar o alcance e a força desse evento, o quanto o empenho da equipe, a dedicação dos palestrantes e o envolvimento do público se entrelaçaram para formar algo maior: um espaço de conhecimento, afeto e memória, onde o folclore segue vivo e em constante reinvenção.

A transmissão alcançou 369 visualizações, número que continua crescendo, sinal de que o interesse e o carinho do público permanecem mesmo após o encerramento. Cada novo acesso é uma forma de reviver a semana, de continuar aprendendo e de manter acesa a chama que o folclore representa.

Para mim, essa última noite simbolizou a força do coletivo e a continuidade de um propósito. A Semana do Folclore 2025 não terminou naquele instante; ela se prolonga nas memórias, nas conversas, nas ideias e nos versos que seguimos carregando.

Figura 11 – Captura de tela dos bastidores do dia 5



Fonte: Autora (2025)

Folclore, educação e pertencimento

Encerrar a *Semana do Folclore 2025* foi um misto de emoção e satisfação. Olhar para trás e perceber o quanto cada uma de nós se dedicou é motivo de orgulho e de gratidão. Foram dias intensos, de trocas, de cansaço, de superação e, acima de tudo, de aprendizado. Cada detalhe, cada ajuste de última hora, cada imprevisto técnico carregava o empenho de quem acreditava na importância de manter viva a cultura popular por meio da educação.

As poesias da professora Cristina Rolim Wolffenbüttel tornaram-se o coração do evento. Elas costuraram a razão e a emoção, lembrando-nos que o folclore não é apenas um campo de estudo, mas também poesia, arte e vida. Em cada declamação, havia uma pausa necessária: um convite a sentir o que muitas vezes a rotina acadêmica tenta silenciar. Cristina soube, mais uma vez, transformar a palavra em ponte entre gerações, saberes e afetos.

As transmissões pelo *YouTube* seguem ampliando o alcance do evento, levando a *Semana do Folclore* para além das fronteiras da universidade. Os números de visualização, que continuam crescendo, são mais do que estatísticas. Eles são a expressão de um desejo coletivo de pertencimento, de resgate e de valorização das identidades culturais gaúchas. Saber que pessoas de diferentes lugares acessam, comentam, compartilham e se emocionam com o que foi produzido é uma das recompensas mais sinceras desse trabalho.

Nos bastidores, entre cabos virtuais, janelas do *StreamYard* e mensagens apressadas de “tudo certo?”, descobrimos o verdadeiro sentido de trabalhar em equipe. Foi ali, entre telas, que aprendemos o valor da cooperação, da paciência

e da escuta. Cada noite foi uma celebração do fazer coletivo, uma rede invisível de cuidado, onde técnica e emoção se encontravam.

Participar da equipe organizadora foi mais do que uma função técnica: foi um ato de amor à cultura popular e à educação. Cada transmissão, cada diálogo, cada imagem que ia ao ar carregava a intenção de tornar o conhecimento acessível. Hoje, como doutoranda, reconheço ainda mais o compromisso que tenho com a educação e com a difusão do saber. Estar ali, na produção, não era apenas “ajudar a transmitir” um evento: era ser agente, era servir e contribuir para que a universidade se aproximasse das pessoas e para que o folclore continuasse pulsando no presente.

Durante toda a semana, o brilho vinha também das falas dos palestrantes, que se doaram com generosidade ao evento. Muitos enfrentaram desafios com o mundo digital, alguns nunca haviam participado de uma transmissão ao vivo, mas todos se empenharam com carinho e dedicação. Foi bonito ver a entrega de cada um, o cuidado em preparar as apresentações, a vontade de contribuir. Nenhum nome foi escolhido por acaso: todos estavam ali porque tinham o que partilhar conhecimento, vivência, afeto. E, juntos, formaram um mosaico de vozes e experiências que deu vida à Semana do Folclore.

Foi um trabalho de muitas mãos, de muitas intenções boas. E funcionou porque cada pessoa envolvida queria, de verdade, que desse certo. O que sustentou o evento não foi a técnica sozinha, mas o espírito coletivo que o moveu: o desejo de aprender, de ensinar e de construir algo que ultrapassasse os limites da tela.

Há um esforço imenso em realizar uma transmissão ao vivo, especialmente quando tudo depende da colaboração e da boa vontade de cada integrante. Mas é recompensador ver o resultado, observar os números subirem, acompanhar os comentários de quem assistiu, mesmo dias depois. Não há intenções financeiras, não há busca por visibilidade. O que nos move é o compromisso de fazer com que a literatura, a arte e o folclore permaneçam vivos e ao alcance de todos.

Temos os livros, é verdade, e eles são fundamentais. Mas temos também as pessoas, suas falas, suas perspectivas, suas vivências, que são igualmente preciosas. Graças a eventos como este, a literatura se renova, o conhecimento se multiplica e novas narrativas surgem. A oralidade se encontra com a escrita, o popular com o acadêmico, e dessa união nascem novas formas de pensar e sentir o mundo.

Encerrar a Semana do Folclore 2025 – Fortalecimento das Identidades Culturais Gaúchas é reafirmar que o folclore é mais do que herança, é movimento. Ele vive em cada gesto de partilha, em cada história contada e em cada olhar que reconhece o outro como parte do mesmo povo.

Mais do que um evento, foi uma experiência de pertencimento. Uma prova de que quando a pesquisa se alia à prática, e a técnica se soma à sensibilidade,

o resultado é sempre maior do que qualquer esforço individual. A Semana do Folclore fortaleceu as identidades culturais gaúchas, mas também fortaleceu cada uma de nós, pesquisadoras, educadoras e sonhadoras, que seguimos acreditando que educar é também um ato de preservar, de criar e de continuar.

TECENDO IDENTIDADE, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO

Elisabete Soares Peralta

Com o advento das tecnologias digitais, época em que as telas ditam ritmos, gestos e palavras, falar de folclore é falar de resistência. É resgatar o que há de mais humano em nós. É explorar a capacidade de narrar, cantar, brincar e reconhecer nos símbolos e nas tradições o que existe de mais intrínseco em nós. O folclore não é apenas um conjunto de histórias antigas ou de festas populares, é um espelho que reflete quem somos, de onde viemos e o que nos torna povo. Na formação de crianças e adolescentes, representa uma herança viva, um lugar simbólico onde a imaginação, a memória e a cultura se entrelaçam na construção da identidade.

Durante a Semana do Folclore, uma parceria entre a Comissão Gaúcha de Folclore (CGF) e a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), em 2025, essa compreensão se fez corpo, voz e movimento, na abertura, em 18 de agosto, a palestra “Desmistificando o Folclore: do conceito à vivência cotidiana”, ministrada pela professora Cristina Rolim Wolffenbüttel, abriu caminhos para um novo olhar. Com admirável clareza e reconhecido entusiasmo, a pesquisadora nos fez perceber que o folclore não é uma relíquia presa ao passado, mas atravessa o tempo em constante reinvenção.

Wolffenbüttel (2017) afirma que o folclore “habita os gestos diários, as expressões de afeto e os modos de celebrar”, e essa ideia reverberou intensamente em mim. A presença de Marlei Sigrist, presidente da CGF, e de Paulo Elias Daniel, presidente da Comissão Gaúcha, conferiu brilho e legitimidade ao evento, reafirmando o compromisso com a valorização da cultura popular.

No dia 19 de agosto, vivi uma das experiências mais significativas da Semana, com o tema “Folclore no Ambiente Escolar”, conduzido por Isabel Cristina Reinhardt Zimmermann e Aimara Bolsi. Ambas compartilharam reflexões e práticas que me fizeram compreender, com mais profundidade, o potencial educativo do folclore. As palestrantes mostraram que trabalhar com a cultura popular na escola é um modo de aproximar o conhecimento da vida, fortalecendo os vínculos culturais e a identidade dos alunos. Compreendi que ao inserir brincadeiras de roda, pião, pernas de pau e cantigas tradicionais na escola, o professor não apenas ensina, mas também eterniza modos de existir,

garantindo que nossa história não se despeça com os nossos antepassados.

No dia 20 de agosto, com o tema “Inter e Transdisciplinaridade do Folclore”, conduzido por Andrea Simoni Rech e Marinéia Nunes de Borba Martins, compreendemos o alcance do folclore. Ambas mostraram como o folclore atravessa diferentes áreas do conhecimento, proporcionando um diálogo entre o saber acadêmico e o saber popular. Suas falas vão ao encontro do pensamento de Brandão (2002), para quem “educar é também partilhar cultura e construir sentidos coletivos”, perspectiva que se fez viva em cada exemplo apresentado.

Já no dia 21 de agosto, o foco voltou-se às manifestações culturais gaúchas, num momento especialmente emocionante. Márcia Cristina Borges da Silva apresentou um olhar sensível sobre o papel das mulheres no tradicionalismo, destacando-as como guardiãs de valores, cantos e memórias. Logo após, Nivaldo Rosa trouxe a história das “Casas de Lata”, símbolo de resistência cultural e social do Rio Grande do Sul. As falas desses pesquisadores fizeram aumentar em mim a profunda admiração e respeito pelo povo gaúcho, que transforma a dor em arte e pertencimento. Percebi que o folclore é também uma forma de resistir, um modo de dizer que esta terra é nossa, independente das transformações do tempo.

O encerramento, em 22 de agosto, foi conduzido por Cristina Rolim Wolffbüttel e Edinéia Pereira da Silva, com o tema “Folclore nas Pesquisas no Brasil e no Mundo”. A importância da pesquisa científica foi abordada na preservação e reinvenção da cultura popular, enfatizando a necessidade de ampliar a divulgação dos estudos em meios digitais e acadêmicos. Despertou-me o desejo de contribuir, aprendendo e propagando, para que o folclore continue sendo tema de investigação, ensino e encantamento.

Ao longo da Semana, percebi que o folclore, como diz Câmara Cascudo (2011), é “a soma das criações anônimas do povo, transmitidas de geração em geração”. Essa definição, ao mesmo tempo clássica e atual, ganhou para mim um novo sentido. A palavra folclore se ressignificou ao revelar-se como uma ponte viva entre o passado e o presente, entre o saber popular e o conhecimento científico, entre o povo e suas múltiplas formas de expressão.

Compreendi, então, que trabalhar o folclore na escola é educar com raízes, é oferecer ao estudante a oportunidade de reconhecer-se na cultura que o envolve, de valorizar as memórias coletivas que o constituem e de perceber que aprender também é um ato de pertencimento. Encerrando essa experiência carrego comigo a certeza de que o folclore é um campo de estudo que nos ensina tanto sobre o outro quanto sobre nós mesmos. Ele é memória, invenção, tradição, movimento. Como mestranda, sigo aprendendo que pesquisar folclore é ouvir

o tempo, é permitir que as vozes do passado encontrem moradia no presente e ecoem nas gerações futuras.

A cada encontro, a Semana do Folclore reafirmou-se como um espaço de celebração, aprendizado e encantamento. As falas, marcadas por emoção, rigor e sensibilidade, deixaram transparecer o compromisso dos pesquisadores e educadores com a preservação e a reinvenção da cultura. Mais do que uma programação, o evento foi um convite à reflexão sobre quem somos e sobre o quanto o folclore pode continuar a tecer, com fios de memória e afeto, a nossa identidade coletiva.

Referências

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2002. Disponível em: <http://bds.unb.br/handle/123456789/511>. Acesso em: 3 nov. 2025.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global Editora, 2011. 756 p.

WOLFFENBÜTTEL, C. R. **Educação e Folclore**: possibilidades de interlocução no âmbito escolar. Revista da FUNDARTE, [S. l.], n. 33, p. 137-162, 2017. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/444>. Acesso em: 5 nov. 2025.

FOLCLORE, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA: REFLEXÕES SOBRE A SEMANA DO FOLCLORE 2025

Julie Daniele Machado Rodrigues

O folclore constitui parte essencial da identidade de um povo, expressando-se de diferentes formas ao longo das gerações. Inserir o folclore no contexto escolar é uma forma de mantê-lo vivo, reconhecendo sua presença cotidiana na vida das pessoas, seja na transmissão de tradições e costumes, seja na formação moral e ética dos indivíduos.

A Semana do Folclore 2025, realizada de 18 a 22 de agosto, consolidou-se como uma importante celebração da cultura popular local, reafirmando o papel do folclore, perpassando gerações e de grande relevância para a preservação do patrimônio cultural imaterial. O evento, promovido pela Comissão Gaúcha de Folclore (CGF) e pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), em parceria com a Comissão Nacional de Folclore e a Fundação Santos Herrmann, reuniu participantes de diversas regiões do Brasil e até do exterior, evidenciando a universalidade e atualidade das manifestações folclóricas na configuração da identidade cultural.

Os encontros, ocorridos de forma virtual pela plataforma *YouTube*, reuniram profissionais de diversas áreas, como professores, músicos, analistas fiscais, artesãos, técnicos administrativos e bibliotecários, materializando a interdisciplinaridade do folclore. Como já salientava Cascudo (2011), o folclore é uma expressão coletiva e múltipla da identidade de um povo, preservada na oralidade, nas tradições, nos saberes e nos fazeres compartilhados entre gerações. Assim, cada transmissão do evento constituiu um momento fundamental para refletir sobre a presença viva do folclore na sociedade contemporânea e a importância da preservação do patrimônio cultural imaterial.

Debates enriquecedores e muito envolventes evidenciaram ainda a importância do folclore na vida das pessoas, ressaltando seu caráter dinâmico e vivencial. Logo na abertura, a professora doutora Cristina Rolim Wolffenbüttel, abordou a vivência cotidiana do folclore, destacando seu papel como patrimônio vivo em constante transformação e o compromisso coletivo necessário para garantir sua continuidade. Essa percepção dialoga com os estudos de Cascudo

(2011), que concebe o folclore como expressão autêntica da coletividade, transmitida pelos gestos, palavras, festas, lendas e saberes cotidianos.

Outro aspecto amplamente discutido no evento foi a inserção do folclore no ambiente escolar. Nesse sentido, autores como Fernandes (2003) e Wolffenbüttel (2019) enfatizam que o folclore vai além de um conteúdo a ser ensinado, configurando-se como uma prática educativa essencial para a formação integral de crianças e jovens. Ao proporcionar que os educandos experimentem e reflitam sobre tradições, jogos, músicas e contos, amplia-se o respeito à diversidade e fortalece-se o sentimento de pertencimento à comunidade, consolidando a identidade individual e coletiva no espaço escolar.

A dimensão inter e transdisciplinar do folclore foi destacada pela professora mestre Andrea Simoni Rech, que propôs a aproximação entre saberes acadêmicos e populares, sugerindo novas possibilidades pedagógicas que valorizam as culturas locais. Os relatos ressaltaram que a transmissão do patrimônio imaterial não ocorre apenas pela repetição ritualizada, mas principalmente pela reinvenção e atualização dos sentidos e das práticas culturais, conforme Lima (2003) defende, ao conceber o folclore como um processo contínuo e criativo.

Por fim, as figuras e práticas culturais do Rio Grande do Sul, como as apresentadas nas Casas de Lata e o papel das mulheres no tradicionalismo gaúcho, receberam importante destaque, contribuindo para o reconhecimento e valorização da memória coletiva. A valorização das pesquisas sobre o folclore no Brasil e no mundo reforçou que a crítica, o estudo e a publicação científica são fundamentais para ampliar o acesso e garantir a renovação e o vigor dessas tradições.

Nesse sentido, o evento mostrou-se essencial para a preservação do folclore vivo, ressaltando a importância de investir em experiências que entrelaçam tradição e inovação, preservando não apenas memórias, mas também fortalecendo a cidadania e a formação integral das novas gerações.

Referências

- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global Editora, 2011. 756 p.
- FERNANDES, F. **O folclore em questão**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LIMA, R. T. de. **Abecê do folclore**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- WOLFFENBÜTTEL, C. R. **Folclore e música folclórica**: o que os alunos vivenciam e pensam. Curitiba: Appris, 2019.

PARTE 5

HOMENAGENS
E ENCERRAMENTO

ODE À ROSE MARIE REIS GARCIA

Cristina Rolim Wolffenbüttel

Ó, Rose Marie, mestra iluminada,
Que com saber e dedicação trilhaste
Os caminhos da cultura brasileira,
Revelando tesouros que ocultados
Jaziam à sombra da indiferença.

Teu olhar arguto e sensível soube
Enxergar a beleza e o valor das tradições
Que brotam da alma do nosso povo,
Cantos, contos, danças e expressões
Que carregam histórias e sentimentos.

Com paixão e empenho incansáveis
Pesquisaste, registraste, ensinaste,
Fazendo ecoar em prosa e verso
As vozes ancestrais que no tempo
Resistem, pulsando em cada geração.

Na sala de aula, com mestria e afeto,
Formaste mentes, despertaste vocações,
Semeando conhecimento e inspiração
Nos corações sedentos de aprender,
Transformando destinos e realidades.

Teu legado transcende as páginas escritas,
Pois vive no saber que partilhaste,
Nos educadores que com esmero formaste,
Nos pesquisadores que teu exemplo seguem,
Honrando teu nome e tua missão.

Ó, Rose Marie, mulher de fibra e luz,
Recebe esta ode como singela homenagem

A uma vida de entrega e realizações,
Que para sempre há de brilhar e inspirar
Na cultura e na educação de nosso Brasil.

Teu nome é sinônimo de excelência,
De amor à cultura popular e ao ensino,
De luta por um saber libertador,
Que eleva, transforma e dignifica
O povo brasileiro e suas raízes.

Que teu exemplo nos guie e fortaleça
Na valorização de nossa identidade,
Na construção de um futuro em que a educação
Seja o alicerce firme da igualdade,
E a cultura, a seiva que nos une e engrandece.

Salve, Rose Marie Reis Garcia, mestra admirada!
Tua luz segue viva em cada mente inspirada,
Em cada tradição resgatada e celebrada,
Em cada aula dada com amor e maestria,
Perpetuando teu nome na história.

SONETO À COMISSÃO GAÚCHA DE FOLCLORE

Cristina Rolim Wolfenbüttel

Em vinte e três de abril, data marcante,
A Comissão Gaúcha de Folclore nasceu,
Setenta e seis anos de história brilhante,
Preservando a cultura que o tempo teceu.

Pesquisas, estudos e documentação,
Promovendo o folclore com dedicação,
Defendendo manifestações culturais,
Do Rio Grande do Sul, tradições ancestrais.

Apoiando festivais e eventos folclóricos,
Colaborando com poderes e entidades,
Emitindo pareceres técnicos e históricos,
Beneficência às pessoas e comunidades.

Neste aniversário, pedimos com fervor,
Menção a este trabalho, reconhecendo seu valor.
Que a Comissão Gaúcha de Folclore perdure,
E nossa cultura para sempre assegure.

SONETO DA FORÇA VIVA DO FOLCLORE

Cristina Rolim Wolffenbüttel

É força viva, essência que atravessa,
As almas que pensam, agem e reagem,
Do tempo antigo ao hoje, nunca cessa,
Na alma humana faz-se uma mensagem.

Na Educação, um prisma tão profundo,
Reflete o ser em todas as suas cores,
Revela as faces múltiplas do mundo,
Com suas dores, sonhos e valores.

É ponte viva entre o saber que inspira,
A condição do homem desvelada,
Um elo eterno que jamais se tira.

Folclore, chama em nós perpetuada,
Por onde o humano aprende, vive e mira,
Na aprendizagem, luz revelada.

CANTOS DE RAIZ: A FORÇA DA MÚSICA FOLCLÓRICA

Cristina Rolim Wolffenbüttel

Nas vozes do povo, a alma se revela,
Canções que contam histórias, que unem e brilham.
Melodia atemporal, sempre bela,
Tradições resistentes, que inspiram e iluminam.

A música folclórica, raiz da identidade,
Expressão genuína da cultura de um povo.
Nos versos e acordes, a força da comunidade,
Que mantém viva a chama, o elo, o afeto novo.

Cantigas de trabalho, de festa e de fé,
Que celebram a vida, a luta e a esperança.
Na roda e no terreiro, na praça e no café,
A música é a ponte que o passado alcança.

Resistência que pulsa em cada cantoria,
Que denuncia injustiças, que clama por direitos.
Que une os oprimidos em uma só harmonia,
E transforma a dor em Arte, em sublimes efeitos.

Coesão que se fortalece a cada verso entoado,
Sentimento de pertença que a Música desperta.
Comunidade que se reconhece no canto partilhado,
E mantém sua essência, sua união liberta.

Música folclórica, patrimônio inestimável,
Que revela a alma de um povo e a sua história.
Expressão de identidade, resistência admirável,
Que preserva raízes, que inspira e dá glória!

SOBRE OS AUTORES

Aimara Bolsi

Licenciada em História pelo Centro Universitário Franciscano e Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria. Especialista em Supervisão e Orientação Escolar pelo Centro Universitário Franciscano, Informática na Educação e Coordenação Pedagogia pela UFRGS, Práticas Metodológicas pelo IF Sul-riograndense, Gestão Educacional pela UFSM e Educação Especial na Perspectiva Inclusiva pelo Instituto Federal de Roraima. Técnica em Transações Imobiliárias pelo Instituto Federal Rio Grande do Sul e QI Cursos Técnicos e Faculdade. Professora da rede municipal de ensino de Canoas. 2º Prenda do Rio Grande do Sul gestão 98/99. Diretora de Prendas e Peões, Cultural e Núcleo Jovem entre 1999 e 2004 da 13ª Região Tradicionalista -MTG/RS. Diretora Cultural do DTCE Marcas do Pampa em 2000 e 2001 (patronagem fundadora). Diretora Cultural do DT Querência das Dores entre 2008 e 2010. Diretora do grupo Xiru do DT Querência das Dores em 2012. Diretora da Invernada Artística do Pioneiro “35” CTG entre 2018 e 2019. Vice-patroa do CTG Tropeiros da Tradição entre 2020 e 2022. Conselheira no Conselho Municipal de Cultura de Santa Maria entre 2008 e 2013. Suplente no Conselho Estadual de Cultura entre 2018 e 2020. Integrante da Comissão Avaliadora da Aldir Blanc de Porto Alegre em 2020. Integrante da Comissão Gaúcha de Folclore desde 2017 e atual integrante do Colegiado de Folclore e Tradição Gaúcha da Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul (SEDAC-RS).

Andrea Simoni Rech

Mestra em Educação, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (PPGED/Uergs). Especialista em Psicopedagogia pela UNIVR-SP. Licenciada em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras de Osório (UNICNEC). Possui formação continuada em estudos sobre a aplicabilidade do Método Montessori pela OMB. Atuou na Secretaria de Educação e Cultura do município de Xangri-Lá como assessora cultural, responsável pela organização dos cursos de Formação Continuada para Professores e pela Feira Municipal do Livro. Funcionária pública da Prefeitura Municipal de Xangri-Lá, onde atualmente exerce a função de professora nos anos finais do Ensino Fundamental e membro do Conselho Municipal de Educação. Integrante do Grupo de Pesquisa Arte: Criação, Interdisciplinaridade e Educação (ArtCIEd), registrado no CNPq e certificado pela Uergs.

Cristina Rolim Wolffenbüttel

Pós-Doutora, Doutora e Mestre em Música. Licenciada em Música, especialista em Informática na Educação (Ênfase em Instrumentação), especialista em Literatura Brasileira, Filosofia, Educação Infantil e Anos Iniciais. Coordenadora do Curso de Especialização em Educação Musical da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uergs (PPGED/Uergs) e do Curso de Graduação em Música: Licenciatura, da Uergs. É líder dos Grupos de Pesquisa Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços (Grupem) e Arte: Criação, Interdisciplinaridade e Educação (ArtCIEd), registrados no CNPq, e certificados pela UERGS. É, também, professora de Música da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, membro do Comitê Assessor Interdisciplinar da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), vice-presidente da Comissão Gaúcha de Folclore e integrante da Fundação Santos Herrmann. Integra o Colegiado Setorial de Folclore e Tradição Gaúcha e é Conselheira da Câmara Temática do Patrimônio Cultural Imaterial do Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional - IPHAN. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Recebeu o Prêmio Jovem Pesquisador, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1988, com a pesquisa *Acalantos*, orientada pela Prof.^a Dr.^a Rose Marie Reis Garcia, com o objetivo de resgatar, coletar, analisar e caracterizar as cantigas de ninar. Em 2010 recebeu o Prêmio Betinho Atitude Cidadã, do Comitê de Entidades no Combate à Fome e pela Vida (COEP), em reconhecimento às ações em música, desenvolvidas nas escolas públicas municipais de Porto Alegre, potencializando o COEP, na luta contra a fome e pela promoção da cidadania. Recebeu, em 2011, a Medalha Dante de Laytano, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à preservação, promoção, pesquisa e defesa do folclore e das manifestações culturais populares no Rio Grande do Sul. Em 2013, recebeu o Troféu Mulher Gaúcha, da Secretaria de Políticas para as Mulheres/SPM-RS, pelo conjunto da obra nas pesquisas em Folclore e Educação Musical. Recebeu a honraria, em 2021, de nomear a Biblioteca Cristina Rolim Wolffenbüttel, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ana Beatriz Lemos, em Montenegro, Rio Grande do Sul. Da produção científica, destacam-se publicações individuais e com parcerias. É autora dos livros *Folclore e Música Folclórica: o que os alunos vivenciam e pensam*, *A Inserção da Música em Projetos Político Pedagógicos da Educação Básica*, *A Música na Região de Montenegro*, *Cantigas de Ninar*, *Terço Cantado: a religiosidade popular na Região de Montenegro*, *Resgatando os Contos e as Lendas da Nossa Terra*, além de artigos em periódicos científicos de Música, Educação, Educação Musical, Educação e Cultura Popular. Atua na literatura,

escrevendo contos e poemas, incluindo os livros *Cacá e o petisco mágico*, *Bibi e a aventura na cidade*, *Poemas ao longo do tempo*. No campo artístico atuou como violinista, na Orquestra do Centro Cultural 25 de Julho, e foi regente do Coral do Colégio Sévigné, ambos em Porto Alegre. Em Montenegro foi regente do Grupo de Canto Gregoriano *Vox Noctis* e do Coral da Fundarte. Na cidade de Gravataí foi regente dos coros Infantil e Adulto. É verbete no Dicionário de Mulheres, da autoria de Hilda Agnes Hubner Flores, e no Dicionário de Educação Musical, de José Nunes Fernandes.

Elisabete Soares Peralta

Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (PPGED/Uergs) e integra o grupo de pesquisa Educação Musical: diferentes tempos e espaços (CNPq/PPGED/UEGRS). Licenciada em Letras - Português/ Espanhol e suas respectivas Literaturas pela Universidade da Região da Campanha-URCAMP e em Educação Especial pela Faculdade Ibra de Minas Gerais (FIBMG). Possui especializações em Informática Instrumental para Professores da Educação Básica (UFRGS), em Organização do Trabalho Pedagógico (UNINTER), em Atendimento Educacional Especializado (FAMART), em Gestão Escolar- Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção (FAVENI), em Psicopedagogia Clínica e Institucional (FAMEESP), em Espaços e Possibilidades para Educação Continuada, IFSUL, em Neurociências e Educação (Faculdade Herrero), em Metodologias Ativas e Educação Híbrida, (Faculdade Herrero), e em Educação pela Pesquisa, IFSUL. Concursada como professora de Língua Portuguesa em Novo Hamburgo e Sapucaia do Sul, município no qual recebeu o Prêmio Educador com Olhos no Futuro (2019) e o Prêmio Boas Práticas na Educação (2023) como reconhecimento pelo seu trabalho. Possui experiência na Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo sido coorientadora do projeto “Ciência que Gera Renda: produção sustentável de sabão e sal temperado na EJA”, ganhador do 3º lugar na categoria EJA do Ensino Fundamental na 15ª MOSTRATEC-LIBERATO Júnior (2025). Atualmente, desempenha a função de professora especialista na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) da rede municipal de Sapucaia do Sul, no Ensino Fundamental e na EJA, atendendo educandos de todas as faixas etárias, experiência que fundamenta sua pesquisa de mestrado, que visa analisar os documentos do Conselho Municipal de Educação (CME) e a intersecção entre Educação Especial e Educação Musical na Educação Básica.

Graziela da Rosa Silva Felicio

Doutoranda e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (PPGED-MP/UERGS). Possui graduação em Letras, pela Faculdade Cenecista de Osório, e Pós-graduação em Língua Inglesa, pela Universidade La Salle, em Canoas. Atualmente é Professora de Língua Inglesa na EMEF Manoel Medeiros Fernandes de Capão da Canoa, tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas. Integra o Grupo de Pesquisa Educação Musical: diferentes tempos e espaços. (CNPq/PPGED/Uergs). Pesquisa de doutorado em andamento: Prática Reflexiva e Educação Musical na Educação Infantil: um estudo com professores da rede municipal de Capão da Canoa/RS.

Isabel Cristina Reinhardt Zimmermann

Mestra em Educação, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (PPGED/Uergs) - Possui Especialização em Gestão da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Barão de Mauá/SP. Licenciada em Artes Visuais, pela Universidade FEEVALE de Novo Hamburgo/RS. Diretora da Escola Municipal de Educação Básica Floresta, na Rede Municipal de Sapiranga/RS. Atuou como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental e bibliotecária. Foi coordenadora pedagógica no Ensino Fundamental e vice-diretora no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Sapiranga/RS. Foi orientadora de estudos do PNAIC- Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa no período de 2013 a 2018. Foi membro do CME Conselho Municipal de Educação de Sapiranga. Integrante da Comissão Gaúcha de Folclore.

Julie Daniele Machado Rodrigues

Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (PPGED/Uergs) e pela Universidade La Salle (PPGED/Unilasalle), no qual é bolsista CAPES. Possui especializações em Gestão Escolar, Supervisão Escolar e Coordenação Pedagógica, além de Educação Especial com ênfase em Deficiência Intelectual. É bacharel em Administração pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) e licenciada em Letras – Português/Inglês pela Faculdade Faveni. Integra os grupos de pesquisas Educação Musical: diferentes tempos e espaços (CNPq/PPGED/UERGS) e Gestão Educacional nos diferentes contextos (Unilasalle), além de desenvolver as pesquisas de mestrado “Folclore e Educação: concepções de orientadores pedagógicos no Ensino Fundamental de Sapucaia do Sul/RS” e “Escuta e Formação Contínua de Educadores no Rio Grande do Sul Pós-Enchentes: Vozes de Resiliência”. Atua

como Orientadora Pedagógica na Rede Municipal de Educação de Sapucaia do Sul/RS. Foi premiada no concurso Educador com Olhos no Futuro (2022) e recebeu o reconhecimento Boas Práticas Pedagógicas – Categoria Equipe Pedagógica (2025), ambos promovidos pela Secretaria Municipal de Educação de Sapucaia do Sul/RS.

Luciana Maciel Viana

Natural de Pelotas/RS. Economista Doméstica, formada pela UFPel (Universidade Federal de Pelotas). Mestre em Economia Doméstica pela UFPel. Atuou como professora em Artes Manuais, por 5 anos, na Escola Luiz Braille em Pelotas. Instrutora do SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) na área de ovinocultura (Tecelagem e Confecção com Lã Crua) há 28 anos. Por mais de 10 anos jurada nos Concursos Estaduais e Internacionais de artesanato em lã ovina.

Mara Muniz do Amaral

Pedagoga formada pela UNINTER, com especialização em Metodologia da Arte e pós-graduação em Folclore pela UNIJUI. Como turismóloga, também possui pós-graduação em Turismologia e atua como Guia de Turismo, com experiência em gestão hoteleira e nos segmentos de turismo pedagógico, rural e religioso. Possui graduação em Museologia. Atualmente, atua como funcionária pública e mantém um engajamento ativo na cena cultural: é membro da Comissão Gaúcha de Folclore e da Academia Soledadense de Letras, atuando como poeta e folclorista. Uma de suas principais paixões é levar o conhecimento sobre folclore e tradições gaúchas para as escolas, onde realiza palestras que conectam educação, cultura e identidade regional.

Márcia Cristina Borges da Silva

Policia Militar, pedagoga, historiadora, escritora e poetisa. Diretora Departamento Jovem 1ºRT 1993 e 1994. 1ºPrenda, Capataz Cultural e Patroa 35 CTG de POA. 1ºlugar Projeto Cultural Semana Farroupilha 2015 Parque Harmonia. Avaliadora Ciranda Estadual em Arvorezinha, Porto Alegre e Santa Cruz do Sul na categoria Adulta. Vice-Presidente Congresso Tradicionalista em Porto Alegre. Vice Coordenadora da 1ºRT 2018. Conselheira FCG-MTG 2023 a 2025. Integrante Comissão Gaúcha de Folclore. Autora Tema Anual MTG 2019 a 2025 -Patroa do CTG Tropeiros da Tradição da ABAMF. Autora tema dos Festejos Farroupilha 2025. Tradicionalista. Professora de Prendas e Peões para Cirandas e Entrevero. Avaliadora durante 3 anos da Mostra do ENART. 2024 - 2º lugar Poesia Inédita no Concurso Literário do ENART. 2025 - 1ºlugar Poesia Inédita no Concurso Literário CTG Setembrina dos Farrapos (2025). Integrante da Academia Brigadiana de Letras.

Maria Lêda Lóss dos Santos

Professora aposentada da Universidade de Passo Fundo (UPF) e da rede pública estadual, possui uma trajetória consolidada na educação e na pesquisa. É Mestre em Educação, Especialista em Leitura e Graduada em Letras pela UPF. Sua atuação como pesquisadora destaca-se nas áreas de Alfabetização, Leitura, Literatura e Educação de Jovens e Adultos (EJA), com diversas obras publicadas que fundamentam suas investigações. Além da carreira acadêmica, é escritora e membro da Academia Soledadense de Letras, com publicações no campo literário. Atua também como artesã no Grupo TECERLANA (tecerlana.my.canva.site/), onde trabalha com a arte em lã de ovelha. Atualmente, integra o projeto “Ressignificando Memórias com lã de ovelha” (Lei Aldir Blanc #pnab022025soledaders), iniciativa que promove o resgate cultural e o atendimento a grupos de mulheres nas zonas urbana e rural.

Nivaldo Rosa

Graduado em Dança (ULBRA/Canoas) e possui pós-graduações em Dança (UGF/São Paulo) e Pedagogia da Arte (UFRGS/Porto Alegre). Atua desde 1991 como instrutor-ensaiador e coreógrafo de grupos de diferentes categorias em CTGs e projetos culturais, como o GPF Aldebarã, Projeto Oficinas do Darcy e os CTGs Darci Fagundes e Gildo de Freitas. Sua experiência inclui a avaliação de festivais e rodeios estaduais, nacionais e internacionais, com destaque para o ENART, FEPART, ENATCHÊ, FEGASP, FECART, FEMART, FEGAMS, FENART e os rodeios de Vacaria, Porto Alegre e Campo Bom. Participa regularmente de congressos técnicos e cursos de capacitação sobre tradições gaúchas. É autor dos livros «Amo & Basta», «Compêndio Técnico de Dança e Expressividade» e «Compêndio Técnico de Danças Gaúchas de Salão». Atualmente, integra o Conselho Municipal de Cultura de Guaíba e a Academia Guaibense de Letras de Guaíba. É também membro da Comissão Gaúcha de Folclore e da Comissão Técnica de Danças da CBTG, atuando como pesquisador de usos e costumes do Rio Grande do Sul e ministrante em cursos de dança e expressividade.

Paulo Luís Lindner

Historiador, pesquisador e palestrante especializado em Cultura Gaúcha, Folclore e Tradicionalismo, com atuação em escolas, projetos culturais e no ensino superior. Possui ampla experiência em pesquisa folclórica, formação cultural e desenvolvimento de projetos educativos ligados à identidade regional do Rio Grande do Sul. Palestrante sobre temas da Cultura e do Folclore do Rio Grande do Sul, atuando em diversas escolas. Convidado na disciplina de Antropologia da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA – Campus Gravataí).

Ministrante da disciplina Projeto de Pesquisa nos cursos de Cultura Gaúcha – Nível Básico e Avançado, promovidos pelo Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF). Projetos Desenvolvidos: Escola e o Tradicionalismo – Turístico, Gauchesco e Cultural, Prefeitura Municipal de Venâncio Aires; Folcloreando – Escolinha de Folclore; Quem Dança a Paz Alcança, Prefeitura Municipal de Bom Princípio; Rondinha Escolar, Prefeitura Municipal de Cachoeirinha; Entrevero Cultural, Escola Jacob Milton Benemann (Feliz), membro permanente da Comissão Gaúcha de Folclore, Vice-Presidente da Comissão Gaúcha de Folclore (2009–2010 e 2011–2014). Graduado em História. Publicações: Práticas Populares de Assobio (com Ana Cristina Stigger e Paulo Elias Daniel), Boletim da Comissão Gaúcha de Folclore (nº 4, p. 49, 1999). Textos publicados nos Livros dos Festejos Farroupilhas: 2011 – Nossas Riquezas e 2012 – O Rio Grande do Sul no Imaginário Social. Curso de Introdução à Pesquisa Folclórica – 180 horas. Departamento de Música – Instituto de Artes (UFRGS), PROREXT, Comissão Gaúcha de Folclore, Comissão Nacional de Folclore, IBECC e UNESCO. Curso de Introdução ao Folclore – 40 horas. Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore e Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. I Seminário de Literatura, Folclore e Cultura Gaúcha – 20 horas. Secretaria de Estado da Cultura, Biblioteca Lucília Minssen (CCMQ).

Tânia Elisabete Trevisol

Graduada em Pedagogia e em Gestão Escolar. Sua qualificação inclui pós-graduações em Gestão Escolar, pela SEI/SC, e em Uso de Mídias Práticas e Inovadoras, pela PUC/RJ. Como artesã, dedica-se à arte em lã de ovelha, sendo integrante ativa do Grupo TECERLANA (TECERLANA.my.canva.site/). Sua expertise nesta área se estende à proposição do Projeto “Ressignificando memórias com lã de ovelha”, que foi contemplado pela Lei Aldir Blanc sob o identificador #pnab022025soledaders. Adicionalmente, é escritora e membro da Academia Soledadense de Letras, e mantém uma atuação constante em trabalhos sociais e atividades voluntárias.

ÍNDICE REMISSIVO

A

- Alunos 7, 9, 15, 19, 26, 27, 36, 38, 40, 41, 43, 47, 49, 52, 53, 100, 102, 111, 115, 124
- Aprendizagem 7, 10, 15, 36, 37, 38, 39, 41, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 121
- Arte 16, 46, 83, 87, 101, 104, 108, 109, 112, 128, 129
- Artesanato 5, 8, 20, 21, 22, 25, 30, 73, 81, 82, 83, 86, 87, 89, 90, 127

B

- Brincadeiras 9, 17, 19, 21, 32, 43, 48, 49, 50, 111

C

- Comunidade 7, 8, 9, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 31, 40, 48, 49, 50, 52, 56, 59, 62, 64, 65, 67, 78, 79, 82, 83, 87, 90, 91, 94, 115, 122
- Conhecimento 6, 7, 9, 15, 16, 17, 20, 26, 27, 31, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 47, 50, 51, 56, 57, 60, 61, 63, 65, 67, 68, 70, 78, 88, 89, 94, 97, 98, 101, 102, 107, 109, 111, 112, 118, 127
- Contos 6, 7, 8, 14, 21, 22, 23, 25, 48, 50, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 66, 67, 68, 73, 115, 118, 125
- Costumes 8, 18, 21, 22, 23, 41, 56, 58, 61, 66, 67, 73, 75, 81, 83, 84, 86, 91, 114, 128
- Crenças 8, 21, 24, 25, 40, 44, 51, 57, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 78
- Criatividade 26, 27, 76, 77, 78, 79, 83, 89, 91, 101
- CTG 74, 123, 127
- Cultura 5, 6, 7, 9, 10, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 53, 57, 58, 59, 60, 63, 66, 68, 71, 73, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 91, 94, 98, 99, 104, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 118, 119, 120, 122, 127
- Culturais 7, 9, 10, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 51, 52, 57, 58, 59, 62, 64, 66, 67, 68, 71, 73, 74, 79, 81, 87, 94, 96, 103, 104, 106, 108, 110, 111, 112, 115, 120, 124, 128
- Cultural 7, 8, 10, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 74, 76, 77, 79, 80, 82, 83, 90, 91, 96, 100, 102, 112, 114, 123, 127, 128
- Currículo 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 51, 52, 53

D

- Dança 18, 20, 22, 25, 28, 30, 31, 32, 33, 128
- Danças 6, 14, 18, 19, 21, 25, 27, 41, 43, 50, 118
- Diálogo 7, 38, 41, 42, 45, 46, 48, 52, 58, 102, 105, 109, 112
- Diversidade 20, 21, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 38, 41, 42, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 52, 68, 83, 102, 115

Docentes 7, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 48, 50, 51, 52

E

Educação 9, 10, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 37, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 57, 62, 63, 67, 68, 71, 99, 108, 109, 113, 119, 127, 128

Ensino 7, 10, 14, 16, 18, 19, 20, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 47, 50, 53, 100, 112, 119, 123, 128

Ensino fundamental 7, 19, 32

Escola 6, 7, 9, 15, 16, 17, 18, 19, 25, 26, 27, 33, 36, 37, 38, 41, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 69, 99, 111, 112

Espaços 25, 26, 29, 30, 31, 45, 52, 71, 74, 86, 89, 104, 106, 125, 126

Estado 5, 22, 23, 27, 28, 30, 74, 84, 85, 100, 104

Estudantes 7, 14, 17, 18, 26, 27, 36, 39, 41, 43, 45, 46, 48, 51, 52, 98, 99, 102, 107

Experiências 9, 14, 15, 22, 29, 32, 37, 38, 39, 41, 43, 45, 48, 49, 51, 52, 56, 63, 98, 100, 102, 104, 107, 109, 111, 115

Expressões 7, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 29, 40, 77, 79, 87, 94, 111, 118

F

Família 26, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 66, 67, 71, 72, 85, 90, 91

Feltragem 8, 87, 88, 89

Folclore 5, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 90, 91, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 124, 127

Folclóricas 5, 9, 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 39, 40, 43, 48, 49, 53, 56, 65, 81, 114

Formação 7, 8, 9, 15, 17, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 31, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 62, 65, 68, 71, 72, 75, 84, 100, 111, 114, 115, 123, 128

G

Gaúchas 6, 20, 22, 24, 25, 28, 30, 33, 71, 74, 91, 96, 108, 110, 112, 127, 128

Gaúcho 3, 5, 6, 8, 10, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 73, 74, 81, 83, 84, 85, 92, 103, 112, 115

Gerações 9, 10, 23, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 39, 41, 44, 51, 64, 67, 68, 73, 77, 80, 83, 90, 91, 108, 113, 114, 115

H

Habilidades 15, 16, 17, 27, 38, 42, 50, 59, 63, 64, 91

História 5, 6, 8, 10, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 39, 46, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 71, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 90, 91, 96, 101, 104, 109, 112, 119, 120, 122

I

Identidade 5, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 48, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 75, 77, 79, 80, 82, 83, 90, 91, 95, 97, 111, 113, 114, 115, 119, 122, 127, 128

Inclusão 15, 20, 26, 27, 30, 31, 43

Indígenas 8, 60, 62, 63, 66, 67, 71, 72

Integração 7, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 53, 59, 62, 63, 65, 66, 67

L

Laços 21, 22, 23, 26, 29, 30, 44, 57, 66, 67, 68, 83, 91, 105

Lã de ovelha 8, 81, 83, 84, 85, 87, 89, 90, 91, 128, 129

Lendas 6, 14, 15, 18, 21, 22, 23, 25, 28, 33, 43, 48, 49, 50, 60, 66, 73, 115

M

Memórias 7, 8, 9, 10, 32, 40, 48, 49, 51, 52, 57, 60, 63, 81, 86, 87, 88, 89, 91, 98, 107, 112, 115, 129

Mitos 33, 57, 60, 61, 65, 66, 68, 69

Mulheres 8, 70, 71, 72, 73, 74, 84, 85, 86, 88, 90, 103, 104, 105, 112, 115, 128

Música 10, 18, 19, 20, 22, 25, 26, 27, 30, 31, 41, 47, 50, 53, 101, 115, 122, 124

O

Oralidade 8, 26, 27, 32, 43, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 67, 68, 78, 109, 114

Origem 9, 22, 28, 40, 50, 76, 77, 78, 79, 81, 82

P

Patrimônio 6, 8, 10, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 40, 41, 59, 61, 68, 76, 77, 79, 80, 114, 115, 122

Patrimônio cultural 8, 25, 28, 29, 30, 31, 40, 41, 59, 61, 68, 76, 77, 79, 80, 114

Pedagógicas 7, 16, 26, 39, 42, 44, 45, 46, 49, 51, 52, 102, 115

Pedagógicos 7, 14, 36, 37, 38, 39, 42, 50, 126

Pertencimento 8, 9, 10, 21, 22, 23, 26, 30, 32, 39, 44, 50, 51, 78, 80, 82, 91, 94, 104, 107, 108, 109, 112, 115

Poder 6, 14, 24, 46, 57, 65, 68, 71, 90

Popular 6, 7, 9, 10, 14, 17, 20, 21, 23, 24, 26, 29, 30, 31, 32, 40, 47, 48, 49, 53, 56, 57, 59, 62, 64, 65, 66, 68, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 94, 98, 99, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 119, 124

Populares 8, 15, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 41, 44, 46, 51, 52, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 104, 106, 111, 115, 124

Povo 6, 8, 9, 10, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 40, 46, 49, 52, 59, 62, 63, 65, 66, 67, 69, 71, 75, 79, 81, 82, 83, 84, 90, 91, 109, 111, 112, 114, 118, 119, 122

Práticas 6, 7, 8, 10, 14, 15, 16, 18, 24, 26, 29, 31, 32, 36, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 50, 51, 52, 83, 84, 86, 91, 97, 98, 104, 106, 111, 115

Práticas docentes 7, 37, 38, 42, 43, 48, 50

Preservação 5, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 39, 40, 42, 46, 52, 57, 68, 71, 80, 89, 99, 104, 106, 112, 113, 114, 115, 124

Professores 7, 17, 27, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 51, 52, 96, 99, 100, 107, 114, 126

R

Raízes 9, 10, 21, 22, 24, 26, 32, 45, 52, 90, 91, 102, 107, 112, 119, 122

Reconhecimento 10, 23, 24, 25, 31, 40, 41, 44, 46, 51, 52, 71, 79, 103, 104, 115, 124, 125, 127

Relações 5, 24, 25, 26, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 66, 68, 76, 101

Resgate 8, 28, 40, 49, 53, 86, 87, 89, 90, 91, 108, 128

Resistência 7, 10, 21, 23, 24, 29, 30, 46, 49, 52, 76, 80, 98, 103, 104, 111, 112, 122

S

Saberes 8, 21, 23, 24, 29, 30, 31, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 49, 51, 52, 59, 61, 65, 67, 81, 84, 90, 91, 98, 102, 106, 108, 114, 115

Social 5, 7, 8, 10, 15, 20, 21, 22, 25, 26, 29, 30, 32, 33, 36, 38, 40, 41, 49, 53, 59, 61, 62, 63, 66, 68, 70, 71, 72, 74, 77, 79, 86, 89, 90, 91, 112

Sociedade 8, 14, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 30, 31, 32, 46, 47, 52, 53, 58, 70, 71, 74, 75, 84, 114

T

Técnicas 18, 63, 78, 82, 83, 84, 88, 89, 95

Trabalho 8, 10, 17, 18, 38, 45, 46, 52, 56, 57, 58, 60, 70, 76, 77, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 99, 102, 105, 106, 108, 109, 120, 122, 125

Tradição 8, 9, 21, 27, 31, 46, 52, 60, 61, 62, 63, 67, 71, 81, 82, 83, 84, 86, 91, 101, 104, 112, 115, 119

Tradicionalismo 5, 8, 70, 74, 103, 104, 112, 115

Tradições 5, 6, 8, 10, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 39, 40, 41, 42, 44, 48, 51, 61, 68, 71, 74, 81, 83, 90, 91, 96, 104, 111, 114, 115, 118, 120, 127, 128

Transdisciplinar 7, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 50, 102, 115

Transdisciplinaridade 7, 36, 37, 38, 42, 43, 45, 47, 101

V

Valores 6, 8, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 29, 30, 31, 32, 38, 39, 40, 48, 52, 56, 61, 64, 66, 67, 68, 73, 75, 78, 91, 112, 121

Valorização 5, 7, 9, 16, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 62, 63, 67, 77, 79, 80, 87, 90, 100, 104, 106, 108, 111, 115, 119

Vivência 15, 26, 49, 61, 63, 94, 97, 98, 100, 107, 109, 111, 114

Vivências 5, 8, 9, 15, 36, 38, 39, 43, 44, 49, 51, 79, 86, 104, 109

